

110
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM
NEVES/S.1

MESTRADO EM
PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

O SENTIMENTO DE
IMORTALIDADE SIMBÓLICA
E A ANSIEDADE
PERANTE A MORTE
ENTRE GERAÇÕES

REALIZADO POR :

SARA MARIA DA SILVA NUNES DAS NEVES

ORIENTADOR:

PROFESSOR DOUTOR EURICO FIGUEIREDO

LISBOA, OUTUBRO DE 1996

1



Agradeço a todos aqueles que, directa ou indirectamente, me proporcionaram o seu apoio na execução deste trabalho.

A minha dedicação vai ainda para todo o esforço feito pelas gerações passadas em nosso favor, esperando que as presentes possam deixar algo para as futuras...

RESUMO

O sentimento de imortalidade simbólica pode ser definido como o sentimento de permanecermos mesmo após a nossa própria morte, na lembrança de amigos e familiares, nas obras e trabalhos que realizamos, ao sermos parte integrante da natureza que nos rodeia, através das crenças religiosas e místicas; enfim, daquilo que somos e fomos para nós mesmos e para os outros. Este sentimento permite uma continuidade que perdura através do tempo e do espaço enquanto a nossa influencia, de alguma forma, se fizer sentir nos outros.

Ele pode ser entendido como aquilo que dá sentido à vida e que permite uma defesa contra a ansiedade perante a morte, tendo existido ao longo das culturas e sociedades e em cada sujeito, de uma forma única e particular, uma vez que o homem sempre se preocupou com o significado da vida e temeu a morte.

Neste trabalho, além da reflexão sobre o modo como a morte tem sido encarada do ponto de vista histórico e pessoal, bem como sobre a importância do sentimento de imortalidade simbólica, procura-se ainda explorar as diferenças entre adolescentes -- adolescência média e tardia -- e os seus progenitores em relação às duas variáveis acima enunciadas, e estas últimas comparativamente com o sexo.

Para tal, a amostra é constituída por 64 adolescentes a frequentar o 11º e 12º ano de escolaridade e respectivos progenitores, num total de 177 sujeitos, tendo sido encontrada apenas uma relação significativa entre as variáveis analisadas : o

sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte variam em função inversa.

As restantes tendências, ainda que não significativas, apontam para um maior sentimento de imortalidade simbólica, excepto na sua forma criativa, nas idades mais jovens, enquanto que a ansiedade perante a morte tende a aumentar ao longo da vida. Não se encontram diferenças para a variável sexo.

No final são apresentadas algumas hipóteses explicativas e colocadas questões que poderão servir de incentivo a futuros estudos e trabalhos, uma vez que este é um tema que permanece ao mesmo tempo actual e tão antigo como a história da humanidade.

INDICE

	Página
I. Introdução.....	8
II. Perspectiva Histórica Da Ideia De Morte.....	12
2.1. Antecedendo a Idade Média.....	13
2.2. Da Idade Média à Contemporânea.....	17
2.3. Na Era Industrial.....	22
III. A Morte No Ciclo Da Vida.....	32
3.1. Do Nascimento à Adolescência: a reversibilidade da morte.....	33
3.2. Da Adolescência à Velhice: a finitude da morte.....	40
IV. Gerações - Ruptura Ou Continuidade	49
4.1. Adolescência : à Procura da Identidade.....	50
4.2. Meia-Idade : a Conscencialização da Finitude da Vida.....	65
4.3. Velhice : um Retorno sobre Si Próprio.....	73
V. Algumas Perspectivas A Propósito Da Morte E Do Morrer.....	82
5.1. A Morte do Próprio.....	83
5.2. Processo de Luto.....	90
5.3. Variantes Perturbadas do Luto.....	95
VI. Morte E Imortalidade.....	100
6.1. Formas de Imortalidade Simbólica.....	101
6.2. Imortalidade Simbólica e Ansiedade Perante a Morte.....	110
VII. Hipóteses E Variáveis.....	122
VIII. Procedimento.....	131

	Página
IX. Caracterização Da Amostra.....	133
X. Instrumentos De Medida.....	145
XI. Resultados.....	149
XII. Análise Dos Resultados.....	242
12.1. Análise Descritiva.....	243
12.2. Análise Inferencial.....	256
XIII. Discussão E Contribuições Pessoais.....	278
XIV. Reflexões Finais.....	287
XV. Bibliografia.....	292
Anexos.....	304

*“ Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,
Perante esta única realidade terrível -- a de haver uma realidade,
Perante este horrível ser que é haver ser,
Perante este abismo de existir um abismo,
Este abismo de a existência de tudo ser um abismo,
Ser um abismo por simplesmente ser,
Por poder ser,
Por haver ser !
--Perante isto tudo como o que os homens fazem,
Tudo o que os homens dizem,
Tudo quanto constróem, desfazem ou se constrói ou desfez através deles.*

...

*E existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível haver ser,
E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses. ”*

Álvaro de Campos

I. INTRODUÇÃO

No virar do século XX, a temática ligada ao sexo é a mais problemática e debatida de todas, enquanto dilema cultural e psicológico.

FREUD (citado por LIFTON, 1974) é um dos que mais se debruçou sobre este tema, encontrando um simbolismo sexual nas mais profundas motivações humanas e na base dos distúrbios mentais. A pouco e pouco o sexo deixa de ser tido como um tabu, dando lugar a uma outra questão que vários autores, entre os quais LIFTON (1974), consideram já como a problemática central do final do século XX : a morte.

Nos nossos dias, um dos temas mais debatidos e que continua a ter uma importância crescente é o da destruição da espécie humana. Por um lado as guerras e os massacres multiplicam-se a uma velocidade assustadora e, por outro lado, os problemas ecológicos ligados à destruição do planeta e, conseqüentemente, ao aniquilamento de todos os seres vivos, urgem ser resolvidos.

Aliado a este cenário, as imagens de morte e destruição são também, e cada vez mais, difundidas através dos mass media, da literatura, do cinema e do teatro e de outras formas que preenchem os nossos tempos de lazer; realidade e ficção misturam-se revelando o problema da morte de uma forma crua, por vezes fazendo mesmo a sua apologia, ou negando-a através de heróis que nunca morrem mas que se parecem com o mais comum dos mortais.

Paradoxalmente, apesar de próxima a morte nunca pareceu tão distante, uma vez que desde o campo científico ao do senso comum ninguém pretende iniciar um debate aprofundado sobre o seu significado, e os problemas a ela associados, ainda que, tal como salienta MORIN (1976), ela constitua um ponto de reflexão fundamental para a compreensão da significação psicológica da natureza humana.

Face a estas pressões históricas e sociais, parece importante uma análise desta temática do ponto de vista psicológico. Este trabalho pretende constituir uma base de reflexão sobre as ideias e os sentimentos despertados pelas ideias de morte.

Na primeira parte, abordar-se-à a evolução histórica, na Europa Ocidental até aos nossos dias, das ideias de morte e do posicionamento do Homem face a elas.

Em seguida, numa perspectiva do desenvolvimento, tratar-se-à da formação e evolução do conceito de morte, e dos sentimentos e fantasias a ele associado, ao longo do ciclo de vida.

Uma vez que as preocupações relacionadas com a temática da morte estão intimamente associadas com o momento do ciclo de vida, no quarto capítulo explorar-se-ão as principais angústias inerentes a cada uma das grandes fases do desenvolvimento - adolescência, meia-idade e velhice -, com especial incidência para a relação pais/filhos.

Como não se pode abordar a problemática da morte sem uma, ainda que muito breve, reflexão sobre os processos de luto normal e patológico, este tema será tratado a propósito de algumas perspectivas sobre a morte e o morrer.

Terminando este ciclo de pequenos capítulos, proceder-se-à a uma rápida análise de um dos sentimentos mais estritamente relacionados com a temática da morte e que pode ser, ao mesmo tempo, um dos aspectos psicológicos mais

importantes para a perpetuação da espécie humana: o sentimento de imortalidade simbólica.

Finda a componente teórica, proceder-se-á á elaboração de um estudo quase-experimental sobre o sentimento de imortalidade simbólica e a angústia perante a morte através de uma amostra da população portuguesa. Mais concretamente, a amostra deste trabalho incide sobre jovens adolescentes - adolescência média e tardia - do ensino secundário e respectivos progenitores.

O objectivo geral consiste em compreender as eventuais relações entre estas três variáveis - desejo de imortalidade simbólica, ansiedade perante a morte e diferentes fases do ciclo de vida -, utilizando, para isso, a “ Escalas de Imortalidade Simbólica “ e a “ Escala de Angústia Perante a Morte “.

O tratamento estatístico adequado às hipóteses formuladas será feito, bem como a interpretação e análise dos resultados obtidos.

Finalmente, serão feitas algumas reflexões pessoais e conclusões finais sobre o trabalho, esperando que seja possível, a partir daqui, um pensar sobre a morte de uma forma um pouco mais aprofundada, podendo servir de impulso a novos trabalhos sobre este tema.

*" Ao mesmo tempo que se pretenderá
imortal, o homem designar-se-à a si
próprio como mortal "*

EDGAR MORIN

II. PERSPECTIVA HISTÓRICA DA IDEIA DE MORTE

" Apesar de próxima, a morte nunca pareceu tão distante "; esta é uma das ideias que LIFTON (1974) nos transmite nos trabalhos sobre o sentimento de imortalidade simbólica.

Nos séculos passados, as pessoas não consideravam a morte como um tabu: morria-se em casa e não nos hospitais e os sinais da morte não nos pareciam tão invulgares; a própria morte era encarada como fazendo parte do ciclo natural da vida.

Neste capítulo, procura-se explorar as mudanças ocorridas ao longo dos séculos, no Ocidente Cristão, até aos nossos dias, dos sentimentos e atitudes face à morte.

2.1. ANTECEDENDO A IDADE MÉDIA

De acordo com KASTENBAUM e AISENBERG (1976), em todas as culturas, passadas e presentes, desenvolvem-se sistemas através dos quais se pode compreender e expressar as ideias, sentimentos e atitudes desencadeados pela morte, quer nos aspectos mais sociais quer nos aspectos mais individuais. Esta opinião é de resto partilhada por vários autores, como veremos ao longo deste capítulo.

MORIN (1976) é mesmo de opinião que a consagração que o Homem faz aos mortos é um dos aspectos fundamentais que o distingue dos outros seres vivos. A sepultura constitui um importante marco na hominização, ainda que no início ela constituísse apenas um amontoado de pedras a cobrirem parcialmente a cabeça do defunto; mais tarde, este é acompanhado pelas suas armas e alimentos, sem que existisse uma clara demarcação entre o "mundo" dos vivos e o dos mortos, como se este último fosse um prolongamento do primeiro.

As práticas fúnebres servem também para garantirem a benevolência do defunto, impedindo que ele retome ao mundo dos vivos, elas visam proteger contra o contágio da morte.

O horror da morte encerra em si o da perda de identidade, isto é, a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tenha sido presente e recordada; quanto mais próximo for o morto maior a dor. As crenças de

imortalidade constituem, assim, tentativas de encher a morte de um conteúdo da vida, conferindo-lhe individualidade.

ARIES (1977, 1988), por seu lado, consagra um largo estudo sobre este tema concluindo que, até à Idade Média a morte faz parte do ciclo natural da vida e que, excepto nos casos de morte súbita ou na chamada " morte terrível ", como é o caso da peste, os sujeitos sabem com antecedência que o seu fim está próximo. Esta advertência é feita através de sinais naturais -- queda, dores, alterações fisionómicas, etc -- ou através de uma convicção íntima.

" Sabendo próximo o fim, o moribundo toma as suas precauções. E tudo vai decorrer, muito simplesmente (...). Assim disposto, o moribundo pode efectuar os últimos actos do cerimonial tradicional (...).

O primeiro acto é uma lamentação sobre a vida, uma evocação, triste mas discreta, dos seres e das coisas amadas, um esboço reduzido a algumas imagens (...). Após a lamentação e as queixas da vida, vem o perdão dos companheiros, dos assistentes, sempre numerosos, que rodeiam o leito do moribundo (...). É agora o momento de esquecer o mundo e pensar em Deus. A oração compõe-se de duas partes: a culpa (..) e a segunda parte da prece é a *commendacio animae*, paráfrase duma oração muito antiga (...). Nesse momento entrevinha, sem dúvida, o único acto religioso, ou antes eclesiástico (pois tudo era religioso), a absolvição. Esta era dada pelo padre, que lia os salmos, incensava o corpo e o aspergia com água benta. Esta absolvição era também repetida sobre o corpo morto, no momento da sepultura (...).

Após a última prece, mais não resta que aguardar a morte, e esta não tem qualquer razão para se fazer esperar (...), se acontecer que a morte seja mais lenta

a chegar, o moribundo espera-a em silêncio " (ARIES, P., 1988, Sobre a História da Morte, Ed. Teorema, Lisboa, pp. 22-24).

A morte é assim, essencialmente, um acto encarado como fazendo parte do ciclo natural da vida, celebrada de forma mais ou menos solene e ritual que tem por objectivo fundamental realçar o sentimento de solidariedade entre aquele que vai morrer e os restantes membros da comunidade.

Há uma aceitação de todos, onde o moribundo desempenha um papel activo na última cena; estes ritos exprimem a convicção que a vida não é um destino individual, mas antes um elo que faz parte de uma cadeia ininterrupta que se estende não apenas aos familiares mas a toda a espécie humana. A morte não é entendida como um drama individual; ela constitui antes a prova de uma continuidade entre a espécie, caracterizando-se ainda assim por uma ruptura, tal com o nascimento, da comunidade em equilíbrio.

Esta, pelo menos aparente, simplicidade e resignação não deixa de despertar também sentimentos de medo e profunda tristeza, que são partilhados por todos os membros da comunidade, ainda segundo o mesmo autor.

De resto, Ariès chama a atenção para uma certa indiferença pelas sepulturas e temas fúnebres entre o século V A.C. e o final da Idade Média. Estas, a existirem, na Roma Antiga e início da Era Cristã são individualizadas e possuem geralmente uma inscrição, revelando o desejo de conservar a identidade do morto. No entanto, por volta do século V começam a rarear, acabando por desaparecer em determinados locais, sendo o defunto entregue à Igreja para ser depositado em

solo sagrado pouco importando o seu destino exacto; os cemitérios tornam-se acumulações de sarcófagos de pedra, quase sempre anónimos, e valas comuns.

Daqui se conclui que, até à Idade Média, o momento da morte é uma cerimónia pública aberta a toda a comunidade e presidida pelo próprio moribundo, sendo aceite com naturalidade quer por este último quer pelos restantes sujeitos. Paralelamente a esta atitude, há um grande temor pela morte, com uma clara separação entre vivos e mortos, onde o culto dos mortos serve essencialmente para impedi-los de regressarem e perturbarem os vivos.

2.2. DA IDADE MÉDIA ATÉ À CONTEMPORÂNEA

A partir dos séculos XI e XII esta atitude perante a morte vai-se alterando progressivamente, sendo-lhe conferindo um sentido cada vez mais dramático e pessoal, como o indicam os estudos de Ariès.

A familiaridade atrás referenciada implica uma concepção colectiva do destino mas, com a Idade Média, começa-se a dar mais importância ao indivíduo que ao colectivo, o que implica uma maior personificação da morte.

Os rituais apaziguadores de outrora perante a cena última, que diluíam as diferenças individuais, comuns a todos os sujeitos modificam-se, estabelecendo-se uma relação cada vez mais estreita entre a morte e a história biográfica.

A crença passa a ser a de que o moribundo, no seu derradeiro momento, revê toda a sua história de vida e é esse o momento que decide sobre o destino da sua alma; " persistindo até ao século XIX, a solenidade ritual da morte tomou, a partir do final da Idade Média, entre as classes instruídas, um carácter dramático, uma carga emocional que antes não possuía " (ARIES, P., obra citada, pag. 35).

Esta mudança de atitude perante a morte está associada a uma mudança de atitude perante a vida: a importância do indivíduo no todo colectivo cresce e o próprio sentimento perante o destino modifica-se.

Este movimento tem início nas classes sociais mais elevadas onde a relação entre o eu e os outros é distinta, onde a crença na imortalidade da alma deixa de ser tida como um " adormecimento ", como lhe chama Ariès, mas como resultado

da vontade do sujeito, num desejo de afirmação da identidade. Existia a crença que, na altura da morte, a alma deixa o corpo para ser de imediato submetida a um juízo final a partir do qual esta última vai para o paraíso ou para o inferno; " a solidão do homem perante a morte é o espaço em que ele toma consciência da sua individualidade, e as cláusulas piedosas do testamento são os meios de salvar esta individualidade da destruição temporal e de a estender para o além " ARIES, P., obra citada, pag. 119).

Tal como salienta AZEVEDO (1992), até ao século XV o indivíduo é essencialmente definido através de atributos relativamente fixos, como a linhagem ou o status social, onde as transições ocorridas nos vários períodos da vida são geridas por processos institucionais, sendo o papel do sujeito relativamente passivo e a sua identidade não é tida como problemática.

Com o aumento do comércio surgem maiores possibilidades de ascensão social, implicando a mudança e o desenvolvimento pessoal uma vez que a posição social começa a depender da realização individual e não apenas do nascimento. O relacionamento interpessoal altera-se, nomeadamente surge um maior investimento afectivo entre pais e filhos, e começa a questionamento da identidade, ainda que de uma forma bastante ténue porque os critérios e procedimentos para a auto-definição são socialmente claros e bem definidos.

A temática da morte aumenta a sua importância conferindo uma crescente fragilidade à vida, sendo sentida como injusta e sempre presente no dia-a-dia.

A partir do século XII as inscrições funerárias reaparecem, inicialmente nos túmulos dos pertencentes às classes sociais mais ricas, estendendo-se a um leque

cada vez maior da população na tentativa de preservar a recordação dos defuntos, cada um na sua especificidade, aumentando o culto aos mortos.

As representações, inclusive através da arte, da morte aumentam consideravelmente neste período, especialmente no final da Idade Média e no Renascimento, estabelecendo-se a demarcação entre vivos e mortos; ao medo associa-se a, atracção à morte e ao sexo, acreditando-se num estado intermédio e reversível entre a vida e a morte.

A erotização da morte prolifera na literatura, poesia, música e pintura, bem como na maioria dos relatos históricos da época, onde se denota um enorme receio perante a hipótese de se ser enterrado vivo. " Tal como o acto sexual, a morte é cada vez mais considerada, a partir de então, como uma transgressão que arrancava o homem à sua vida quotidiana, à sua sociedade racional, ao seu trabalho monótono, para o submeter a um paroxismo e o lançar então para um mundo irracional violento e cruel (...). A partir de então, é uma ruptura (...) torna-se cheia de dramatismo e emoção (...). É claro que a expressão de dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova em relação à separação. Mas não é só à cabeceira dos agonizantes ou à lembrança dos desaparecidos que sobrevêm a perturbação. A simples ideia de morte é comovente " (ARIES, P., obra citada, pag. 45).

Durante este período a imagem da morte associa-se, além dos mortos e moribundos, os velhos e os doentes.

Mas as cidades crescem e os subúrbios, onde se enterram os mortos passam a estar no interior delas, começando os mortos a fazer parte integrante, fisicamente,

do quotidiano dos vivos. Começa-se então a colocar sérias questões higiénicas que contribuem para uma nova abordagem da morte.

A acumulação dos mortos nas igrejas torna-se intolerável, sendo alvo de inúmeras críticas não só pelos problemas higiénicos daí decorrentes como também da profanação que são alvo. Surgem os cemitérios tal como os conhecemos hoje: " pensa-se, e sente-se mesmo, que a sociedade se compõe simultaneamente dos mortos e dos vivos. A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos, ou mais, propriamente, que o inverso, a sua imagem, e a sua imagem intemporal. É que os mortos passaram o momento da mudança e os seus monumentos são os sinais visíveis da personalidade da cidade. Assim, o cemitério reconquistou na cidade um lugar, ao mesmo tempo físico e moral, que tinha perdido no início da Idade Média mas que tinha ocupado na Antiguidade " (ARIES, P., obra citada, pag. 51).

No final do século XVIII, pelas razões evocadas, proíbe-se o enterramento dos mortos dentro das cidades transferindo-o para longe das mesmas, e " a necessidade de reunir para todo o sempre, num lugar preservado e fechado, os mortos da família, corresponde a um sentimento novo que em seguida se estendeu a todas as classes sociais do século XIX: o aspecto que liga os membros vivos da família reporta-se aos mortos " (ARIES, P., obra citada, pag. 123).

Nos séculos XVII e XVIII assiste-se a uma tentativa de distanciamento face à morte, que permanece, no entanto, sempre próxima; há uma grande sensibilidade em relação à morte, exprimindo-se na crença tradicional, mas com maior

convicção que no passado da fragilidade da vida e da corrupção do corpo. De qualquer forma, o culto dos mortos continua a exercer a função de prolongamento da identidade do defunto que, na sua hora derradeira continua a ser uma figura de poder e a ser merecedor do centro das atenções.

2.3. NA ERA INDUSTRIAL

A partir de meados do século XIX algo muda nas relações entre o moribundo e o seu meio. Pouco a pouco, com o desenvolvimento tecnológico, o Homem vai procurando controlar a morte prolongando a vida, e um temor crescente vai-se apoderando dele. O indivíduo que até aí tinha oscilado entre o sentimento de continuidade da espécie e de um destino comum e o sentimento ligado à sua biografia pessoal e específica, neste século começa a surgir um novo sentimento dominante: o de uma relação com o Outro significativo; a família substitui-se à comunidade, e o medo da morte do outro esconde o da sua própria morte, que passa a ser tida como repugnante, tornando-se inconveniente face à comunidade em geral.

Outro aspecto associado a esta mudança refere-se ao papel dos serviços hospitalares, tornados essenciais não só por questões sanitárias mas também como meio de ocultação do doente e/ou do moribundo e, como tal, da imagem da morte dos olhares gerais e, por vezes, da própria família.

Além disso, a atitude médica actual expressa, na opinião de diferentes estudiosos entre os quais FALLOWFIEL (1990), uma negação básica da morte procurando evitar, a todo o custo, a confrontação com esta realidade enquanto componente integrante do ciclo da vida. Isto encontra-se associado, para esta autora, aos grandes avanços tecnológicos sem se ter em consideração a qualidade de vida, quer a nível fisiológico quer numa perspectiva psicossocial.

O morrer torna-se solitário, e mesmo inconveniente; ao moribundo vai-lhe sendo retirado o papel central da última cerimónia, por vezes ocultando-se-lhe o seu estado, sem se prestar atenção aos seus chamamentos e exigências finais. Esta nova perspectiva da morte e do morrer surge sobretudo após as duas guerras mundiais e nas sociedades mais avançadas tecnologicamente, de acordo com os estudos efectuados por Ariès.

O tema da morte passa a ser excluído do quotidiano, e mesmo as cerimónias fúnebres e o culto dos mortos, em geral, outrora participados por toda a comunidade, tomam-se reservados exclusivamente às pessoas mais próximas.

Ariès chama mesmo a atenção de " uma revolução brutal das ideias e dos sentimentos tradicionais (...). Na origem encontra-se, sem dúvida, um sentimento já expresso na segunda metade do século XIX: o círculo de relações do moribundo tende a poupá-lo, escondendo-lhe a gravidade do seu estado; admite-se, porém, que a dissimulação não pode durar muito tempo (...) e o doente acaba por saber, mas, nesse caso, os parentes não têm já a coragem cruel de serem eles mesmo a dizerem a verdade.

Em suma, a verdade começa a levantar problemas (...). Entre 1930 e 1950, a evolução vai precipitar-se. Esta aceleração é devida a um fenómeno material importante: a transferência do local da morte. Já não se morre em casa, no meio dos seus; morre-se no hospital e só " (ARIES, P., obra citada, páginas 55-56).

Mas, se no início, esta mudança serve para prolongar a vida através de todos os meios disponíveis o próprio hospital converte-se em local de morte e torna-se inconveniente, para muitas famílias, morrer-se em casa.

A morte torna-se um fenómeno técnico declarado pela equipa hospitalar, o que exclui o ritual dos séculos passados. " Na maior parte dos casos, aliás, o moribundo já perdeu a consciência há muito tempo. A morte foi decomposta, segmentada numa série de pequenas fases, das quais não sabemos, em definitivo, qual é a morte verdadeira, se aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se cessou a respiração " (ARIES, P., obra citada, pag. 56).

Ela passa a ser, então, escondida e a emoção expressa em privado: " um desgosto demasiado visível não inspira piedade mas repugnância; é um sintoma de desarranjo mental ou de má educação; é mórbido. No seio do círculo familiar hesita-se ainda em deixar exteriorizar a dor, por receio de impressionar as crianças. Só existe o direito de chorar se alguém não nos vir nem nos ouvir: o luto solitário e envergonhado é o único recurso " (ARIES, P., obra citada, pag. 57).

A morte torna-se tabu e a expressão dos sentimentos ligados a ela passa a ser reprimida socialmente.

Assistimos assim a um movimento que se prolonga em dois sentidos opostos mas paralelos: se por um lado é possível prolongar a esperança de vida, por outro lado consegue-se destruir milhares de vidas num tempo extremamente reduzido. A ameaça de extinção da espécie humana passa de fantasia a realidade.

Para LIFTON (1974), o Homem toma verdadeiramente consciência deste perigo com a bomba atómica. " A bomba atómica não destroi apenas; ela destroi os limites da destruição. Com as armas antigas - uma seta certa de um arco, uma bala de uma arma, uma bomba lançada de um avião - as pessoas são mortas ou humilhadas, famílias e comunidades sobreviventes sofrem mas permanece o

sentimento dos limites. Algumas pessoas sofrem e morrem, outras recuperam e a história continua.

A bomba atómica é diferente (...). A destruição infringida por essa explosão é tão perto da totalidade e tão duradoura que os sobreviventes da bomba experienciam um encontro permanente com a morte. Ninguém sabe quantas pessoas foram mortas (...). Mas mesmo aqueles que sobreviveram foram deixados perante uma cidade devastada e com medo que os seus corpos ficassem permanentemente contaminados pela exposição às radiações nucleares.

Esta primeira bomba atómica foi muito pequena comparativamente com o arsenal de hoje (...). O seu poder destrutivo é inimaginável, não compreensível " (LIFTON, R. 1974. Living and Dying. Ed. R. Lifton and E. Olson, New York, pp. 23-24).

Para este autor, o perigo do desaparecimento da espécie humana é real e abrange não apenas a população que já viveu ante a sua ameaça, mas todo o planeta, de tal forma que a morte torna-se absurda e inaceitável, sendo o factor mais perturbador e central da existência moderna. Hoje, a perspectiva da morte ultrapassa o individual para abranger todos nós.

Um outro aspecto associado a esta problemática prende-se com a crise de valores que, na opinião de vários autores entre os quais LIFTON (1974) e DOMENACH (citado por TORRES, 1979), a era actual está a passar: " todas as instituições que ao longo da história organizaram e deram significado à vida - família, religião, governo, trabalho - estão agora em crise (LIFTON, R., obra citada, pag. 25).

Quando os valores sociais e institucionais são seriamente questionados, originando uma falta de rituais e crenças, as vivências tornam-se excessivamente ansiosas e pobres enquanto que a morte se torna assustadora e sempre demasiado prematura e inaceitável.

AZEVEDO (1992) é de opinião que a dissolução das crenças e verdades, que forneciam um sentido às diferenças entre os sujeitos e conferiam uma ligação entre passado, presente e futuro, associando-se-lhe o desenvolvimento da tecnologia e uma crescente necessidade do saber, originaram um aumento cada vez maior do problema da identidade (e com ele o da vida e da morte).

Outro autor que chama a atenção para a actual crise de valores é SCHELER (1962), segundo o qual há uma preocupação excessiva em quantificar o real, mesmo o que à partida não seria susceptível de quantificação, conduzindo a que os valores se tornem irreais, subjectivos e arbitrários. A " lei " torna-se exponente deste pensamento enquanto necessidade de uniformizar a realidade, esquecendo-se a contemplação e o Homem enquanto pessoa e, em consequência disso, esquecendo também a sua própria morte: " o medo da morte afastou a ideia e esta foi afastada pela mesma angústia vital que conduziu a submeter-se, ao espírito de cálculo, toda a existência. A morte não é figurada aos olhos do homem moderno " (SCHELER, M. 1962, *Mort et Survie*. Ed. Montaigne, Paris, páginas 40-41).

A continuidade entre a vida e a morte, que possibilitou nos séculos passados um sentimento espontâneo e não consciente de comunhão entre o passado, o presente e o futuro, está agora ameaçado pelo tabu do tema da morte, tabu esse que surge na sequência do confronto com o enorme poder destrutivo do Homem :

“ As circunstâncias responsáveis por tornar a morte um assunto desconfortável são : a) a expansão industrial, tecnologia impessoal que foi contribuindo para a fragmentação da família e o afastamento das pessoas (...), privando-as do suporte emocional e social necessário ao impacto da morte (...); b) a surpreendente desritualização do luto, associada à crítica das práticas funerárias como sendo demasiado expansivas, barrocas, e exploradoras das emoções do enlutado; c) a gradual explosão da morte da experiência quotidiana; a morte é envolvida num mistério para muitas pessoas , representando um aumento do medo do desconhecido, e tornando-se exclusivo dos “ profissionais” , infelizmente mais técnicos que humanitários nos dias de hoje; e d) numa sociedade moderna que enfatiza o empreendimento, a produtividade, e o futuro, , a perspectiva de não haver futuro nenhum , e a perda da identidade, torna-se abominável. Assim, morte e luto são objecto da nossa hostilidade e repulsa “ (FEIFEL, H. 1990 “ Psychology and death “. American Psychologist. Vol. 45, nº 4, página 537).

A morte converte-se numa indução - morre-se porque os outros morrem -, e deixa de ser tida com algo natural para ser sentida como catastrófica e externa ao sujeito.

Para Scheler, a oposição entre vivo e morto torna-se relativa, pela incognoscibilidade e ambiguidade do Homem face à morte, convertendo-a em algo tendencialmente neutro. Os valores já não têm o seu fundamento na realidade, baseando-se antes em necessidades humanas objectivas e mutáveis consoante os grupos que os escolhem; as coisas tornam-se o suporte dos valores e não o oposto,

coisas essas que, por sua vez, dependem do que é agradável e do lucro, desresponsabilizando-se o sujeito dos seus próprios actos.

ARIES (1977, 1988), GORER (1974, citado por TORRES, 1979) e MORIN (1951, citado por TORRES, 1879) associam esta crise de valores e atitudes perante a morte a uma grande parte da patologia social.

De acordo com FERNANDES (1991), a nossa época histórica é atravessada pelas mais profundas contradições: " ruem os impérios construídos sobre as mais pesadas servidões e delineam-se outras formas de uma nova ordem institucional; ameaçam as guerras em vários pontos do globo, e a vontade e determinação em favor da paz são acalentadas pelas diversas sociedades; alarga-se o esforço de desenvolvimento, e a fome e a miséria abatem-se sobre populações inteiras; consagra-se o direito à vida, com um dos mais centrais direitos humanos, e procede-se ao extermínio de populações ou a categorias específicas da população" (FERNANDES, A. 1991. " Modernidade e eutanásia ". Sociologia. 1ª série, vol.1, pp.??). Assiste-se mesmo a uma perda de unidade cultural, onde todos estes contrastes se extravasam numa dimensão transnacional.

Ainda segundo o mesmo autor, na sociedade contemporânea ocidental, o problema da morte surge como uma das consequências perversas do desenvolvimento.

" O ideal humanista vivido pelos espíritos cultos do Renascimento e a procura da racionalidade que o acompanhou animaram a revolução científica que veio a conhecer o século XVIII e o esforço de progresso que, desde então, esteve na

base das profundas transformações económicas, políticas e sociais do mundo ocidental. Por acção de sucessivas convulsões que, por vezes, abalaram os fundamentos da ordem estabelecida e ceifaram inúmeras vidas humanas, a humanidade alimentou a ideia de uma dominação total das forças, até aí incontroláveis, da natureza e a vontade de mudança da sociedade, mediante a aplicação do conhecimento científico. De uma sociedade estática, ordenada em função da estabilidade e da ordem, passa-se a uma sociedade dinâmica voltada para a submissão e fruição da vida (...). A humanização da sociedade passa a estar ao alcance directo e imediato do homem (...). Dominando a natureza, a ciência e a técnica libertam o homem de servidões seculares (...).

A humanidade havia conseguido, no passado, o equilíbrio do universo natural, através da construção de um imaginário colectivo capaz de abrir horizontes ao espaço fechado das sociedades. Na trama da vida social, entrelaçam-se, por isso, o natural e o sobrenatural, o pecado e a graça, o poder civil e o hierocrático, a vida e a morte. Estas eram realidades contínuas, difíceis de destrinçar, que o progresso de secularização separou e autonomizou. A autonomia do temporal faz-se, porém, à custa, primeiro da ruptura, e depois do desaparecimento do sacral (...).

Mas na busca de uma outra concepção de sociedade, o homem é reduzido à mais baixa instrumentalização (...). Com a aproximação dos níveis de posse económica e uma relativa igualização de ensejos, pretende-se fazer crer que não há mais espaço para os sistemas ideológicos. « vida humana, reduzida à sua dimensão de pragmatismo e de apatia, resta apenas a utopia » (FERNANDES, A: 1991, obra citada, p ?).

LAKOFF e AZIM (1991) defendem que a cultura de hoje concebe a morte como um vazio, um nada que não pode ser representado nem imaginado, o ícone da morte não é mais proeminente, desaparecendo com ele o elo com o passado que outrora fornecia um significado à vida.

LIFTON (1974) é da opinião que as pessoas passaram a viver num estado de " entorpecimento psíquico " (psychic numbness) que só pode ser ultrapassado com a descoberta de um novo pensar sobre a morte, porque se esta se tornou absurda e inaceitável a vida deixou de possuir um significado e uma continuidade!

“ Todos temos duas vidas :

A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,

E a que continuamos sonhando, adultos num substracto de névoa,

A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,

Que é a prática, a útil,

Aquela em que acabam por nos meter num caixão. ”

Álvaro de Campos

III. A MORTE NO CICLO DA VIDA

O Homem desenvolve conceitos, fantasias e símbolos, mais ou menos adequados, para dar um significado à sua existência, onde a ideia de morte está psicologicamente presente desde o início da vida, apesar da criança necessitar de alguns anos para compreender o seu significado, de acordo com alguns autores entre os quais LIFTON (1974).

Este conceito construir-se-ia gradualmente com base na fantasia que a criança tem do nascimento (para Lifton, essa fantasia seria inata), desenvolvendo-se através das suas experiências e vivências. As fantasias e ideias encontrar-se-iam então em constante mudança, reflectindo as experiências e o desenvolvimento cognitivo-afectivo.

3.1. DO NASCIMENTO À ADOLESCÊNCIA: A REVERSIBILIDADE DA MORTE

Para Lifton, a formação do conceito de morte emerge com base em três pares de oposição: concepção / separação; movimento / inércia; integridade / desintegração.

O bebê vai tomando contacto com o mundo através da figura materna, de tal modo que o significado da vida envolve essa ligação: medos e ansiedades surgem quando a criança é deixada só, e a imagem de separação vai-se associando-se à de morte.

No outro pólo, a ideia de movimento liga-se à de vida, enquanto que a sua incapacidade equivale à morte -- daí, por exemplo, o medo de algumas crianças em adormecerem --; existe, nas crianças muito pequenas, uma necessidade de movimento e de continuidade, e a alteração dessa mesma continuidade pode originar um medo e ansiedade excessivos face às fantasias relacionadas com a morte.

Finalmente, a integridade está associada à vida e a desintegração e aniquilamento à morte; desde os primeiros dias de vida, o medo da desintegração corporal é muito intenso, relacionando-se com o medo da separação e com imagens de morte, o que provoca uma grande ansiedade.

OTTO RANK (citado por LIFTON, 1974) é mesmo da opinião que o medo da morte está relacionado com o trauma do nascimento.

Por volta dos 3/4 anos, a criança começa a adquirir o conceito de morte ao lhe associar imagens de separação, inércia e desintegração.

A ideia de morte é então profundamente afectada por aquilo que ela vê e ouve sobre a morte; aliás, muitos dos seus jogos reflectem uma preocupação precoce com a morte -- por exemplo, o jogo de esconder objectos ou de se esconder --, sendo esta curiosidade muito importante, repercutindo-se no desenvolvimento do conceito de morte e, conseqüentemente, nos sentimentos e fantasias por ele despertados.

PFEFFER (1986) é da opinião que mesmo em crianças de 2 anos existem já intensos pensamentos sobre o significado da morte. As explicações por elas fornecidas são muito concretas e egocêntricas, não existindo ainda uma diferenciação entre os objectos animados e inanimados em relação aos processos de vida e morte.

NAGY (citado por TORRES, 1980) identifica três etapas na formação e evolução do conceito de morte: até aos 5 anos não existe a noção de morte como algo definitivo, sendo compreendida como uma separação ou um sono, ou ainda como um estágio onde se está menos vivo; a criança aceita a morte como gradual e temporária, não a concebendo como irreversível.

Entre os 5 e os 9 anos, existe uma forte tendência para personificar a morte, sendo encarada como " alguém " cuja função consiste em levar as pessoas para um local distante, ou então ela é identificada com a própria pessoa que morre. A morte é já tida como irreversível, porém não inevitável, isto é, como algo que acontece apenas aos mais velhos e/ou às pessoas não significativas.

Apenas na terceira etapa, a partir dos 9/10 anos, é que a criança reconhece a morte como a cessação de todas as actividades fisiológicas, e como irreversível e inevitável. Ela passa a ser entendida como um processo que ocorre em todos os seres vivos, incluindo o próprio.

BOLDUC (citado por TORRES, 1980) acredita que a compreensão que as crianças possuem sobre a morte é essencialmente descritiva, baseando-se nos aspectos concretos e observáveis, enquanto que os sentimentos despertados baseiam-se sobretudo nas experiências vivenciadas, servindo de sustentação às suas explicações causais.

Esta é também a opinião de KOOCHER (citado por TORRES, 1980), segundo o qual, inicialmente a criança possui um tipo de raciocínio egocêntrico e mágico sobre a morte, intimamente relacionado com as vivências individuais, característico da fase pré-operacional descrita por Piaget. No estágio concreto, a sua compreensão é um pouco mais pormenorizada e realista, mas apenas com o estágio formal é que o conceito de morte, enquanto algo irreversível e inevitável, é finalmente atingido.

TORRES (1980), num estudo com crianças entre os 4 e os 13 anos, identifica estas mesmas fases na evolução do conceito de morte.

ANTHONY (citada por TORRES, 1980) defende que o conceito de morte desenvolve-se em função da idade e do desenvolvimento cognitivo-afectivo, paralelamente com os outros conceitos, nomeadamente os relacionados com a vida, causalidade e temporalidade. Ela identifica cinco categorias na evolução deste conceito.

No nível mais rudimentar de compreensão, as crianças parecem ignorar o seu significado, fornecendo respostas irrelevantes.

Num segundo momento, há algum grau de compreensão do que é a morte, mas ainda de uma forma muito limitada.

Mais tarde, a sua referência é feita relativamente a pessoas conhecidas que faleceram, havendo algum entendimento sobre o culto dos mortos, sendo a morte definida como a negação da vida.

A fase de transição para uma ideia mais realista surge quando a criança começa a perceber alguns dos aspectos mais abstractos da morte, embora isto se reporte apenas aos seres humanos.

A compreensão correcta do significado da morte só surge, para esta autora, aos 12 anos, quando a criança começa a entender as suas características lógicas e psicobiológicas.

MELAR (citado por TORRES, 1980) é outro autor que se interessa pela formação e desenvolvimento deste conceito, identificando quatro fases.

Até aos 3/4 anos, a compreensão da morte é vaga, caracterizando-se por uma escassez de conceitos, equacionando-a a acidentes e/ou a doenças.

Entre os 4 e os 7 anos, ela passa a ser entendida como um estado temporário e reversível, com atribuição de sentimentos e de um funcionamento fisiológico similares entre os vivos e os mortos.

Na terceira fase, dos 5 aos 10 anos, ela tem um carácter definitivo mas o funcionamento psicofisiológico do morto continua a ser entendido como semelhante ao dos vivos.

Na última fase, que pode ter início entre os 6 e os 12 anos, consoante as experiências e vivências dos sujeitos, ela é compreendida como definitiva e implicando a cessação de todas as funções.

GESELL e colaboradores (1977) analisam as noções de morte ao longo das várias idades, concluindo que:

- Até aos 3 anos elas são escassas e praticamente nulas;

- Aos 4 anos a sua concepção é muito limitada e vaga, não havendo ainda a manifestação de grandes emoções, excepto a compreensão que a morte está ligada a sentimentos de alguma tristeza e desgosto;

- As crianças de 5 anos têm um conceito mais realista, com um certo reconhecimento do carácter de finitude, apesar dela ser ainda encarada como reversível, e, sobretudo, da imobilidade dos mortos. Em relação aos sentimentos despertados, são ainda escassos, havendo a ideia que são as pessoas mais velhas as que falecem em primeiro lugar;

- Aos 6 anos, surge uma nova percepção e a criança vai associar a morte ao acto de matar, à agressão física, à doença e à velhice, mas continua a considerá-la como um processo reversível, não acreditando na sua própria morte. Além disso, a criança demonstra já uma reacção emocional associada à ideia de morte, interessando-se pelas cerimónias fúnebres e pelas sepulturas, e tende a mostrar-se perturbada com histórias e/ou imagens de crianças ou animais mortos ou moribundos;

- No ano seguinte, não se denotam grandes alterações, embora haja um maior e mais pormenorizado entendimento, concebendo-a como uma experiência humana específica;

- Aos 8 anos, a grande alteração refere-se à inevitabilidade da morte, incluindo a do próprio, e o interesse face a ela aumenta;

- O conceito de morte em crianças de 9 anos parece reflectir uma grande preocupação com os aspectos fisiológicos, aceitando-se a ideia da morte do próprio, mas apenas na velhice;

- Com 10 anos, o interesse pelo tema da morte é escasso concebendo-se que, após esta, o corpo desintegra-se ou mumifica-se, não se aceitando ainda verdadeiramente a sua própria morte nem a dos pais;

- No ano seguinte, o interesse ressurgue, e com ele teorias sobre o após morte, existindo uma particular influência das experiências e vivências destas crianças sobre a morte.

É claro que toda esta evolução não está apenas relacionada com a idade, ela depende também do meio que rodeia a criança e da forma como ela apreende esse mesmo meio, e o representa.

Em relação às crianças em risco de suicídio, PFEFFER (1986) expressa a opinião que elas possuem mais medos e preocupações para com a sua própria morte e a de pessoas significativas, realçando o carácter e a frequência com que estas crianças sonham com a morte. Muitas delas parecem acreditar que a morte constitui algo temporário e agravável, funcionando como um libertador das tensões, conferindo-lhes um carácter egocêntrico, enquanto que nas outras crianças estas preocupações estariam integradas no processo normal de luto relacionado com a morte de alguém significativo, ou de experiências a ela associadas.

ORBACH e GLAUBMAN (citados por PFEFFER, 1986) colocam a hipótese que os pensamentos suicidas das crianças envolvem defesas do ego contra as pressões e tensões, conduzindo a distorções do conceito de morte, havendo uma regressão a sua fase anterior do seu desenvolvimento.

3.2. DA ADOLESCÊNCIA À VELHICE : A FINITUDE DA MORTE

Em épocas de transição, as ideias e sentimentos de morte podem intensificar-se, como é o caso da adolescência. Esta fase é, ao mesmo tempo, uma morte -- da infância -- e um renascimento -- da idade adulta --. Para LIFTON (1874), todas as ameaças ao self do adolescente aumentam a ansiedade perante a morte e intensificam a procura de novos meios de fortalecer a fantasia da vida (isto passa-se não apenas a nível físico, mas também no plano emocional e cognitivo).

Ainda de acordo com a perspectiva deste autor, os adolescentes frequentemente se tornam críticos dos pais e outros familiares, o que é muitas vezes percebido por estes últimos como uma grande hostilidade e rejeição, quando esta atitude advém essencialmente da necessidade de independência do adolescente. A emergência do self adulto parece impossível de ser travada e estes " ataques " funcionam como um meio de adquirir virilidade e poder.

" Os adolescentes lutam fortemente para evitarem a morte e procurarem a vida. Isto pode significar um ênfase numa criatividade energética, numa acção incessante, ou na contemplação de visões grandiosas. As fraquezas e falhas da sociedade adulta aparecem como imperdoáveis (...) e nada parece impossível." (LIFTON, E., 1986, *Living and Dying*. Ed. R. J. Lifton and E. Olson, Boston, páginas 56 e 57). Estes comportamentos e atitudes servem, muitas vezes, para fortalecer o sentimento de continuidade e conexão, que conduz a um abaixamento da ansiedade perante a morte.

Este sentimento de ansiedade perante a morte, segundo TEMPLER e LONETO (1988), parece surgir a partir da adolescência originando atitudes não muito distintas das encontradas no período antecedente. Quando ele se torna excessivo, existem fortes tendências para o aparecimento de atitudes regressivas, podendo desencadear, quando há um fracasso dos mecanismos defensivos, sentimentos de insegurança difusa e desespero, assim como perturbações na percepção do tempo e de si mesmo; a luta entre as ideias de morte e o seu conteúdo emocional constituem as bases fundamentais da ansiedade humana.

Relativamente ao desenvolvimento das ideias de morte na adolescência, GESELL e colaboradores (1971) analisaram a sua evolução entre jovens, concluindo que:

- Aos 12 anos observa-se um ressurgimento das grandes preocupações sobre a morte e, especialmente, com o após morte, que é encarado com cepticismo;
- Aos 13 anos, a especulação cresce mantendo-se o cepticismo do ano anterior, e a morte de si próprio continua a ser encarada como longínqua;
- No ano seguinte, as opiniões sobre o que acontece depois da morte tornam-se mais diversificadas, mas continua-se a encarar o fim como distante, associando-se a isto um grande desejo de uma vida futura rica de experiências positivas;
- Os adolescentes de 15 anos parecem ser bastante cepticistas, encarando a ideia de imortalidade sobretudo no plano simbólico;
- Os jovens de 16 anos, por seu lado, apresentam um maior sentido crítico sobre as questões da vida e da morte, e poucos crêem numa recompensa ou punição no além da vida. Tal como nos anos anteriores, as ideias relacionadas com a

temática da morte são bastante diversificadas, consoante cada sujeito e de acordo com a sua história de vida.

É claro que este esquema reproduz apenas a tendência geral observada por estes autores, tendo cada sujeito uma evolução muito própria.

No processo de formação da identidade, segundo NEWMAN e NEWMAN (1991), os adolescentes questionam-se sobre a morte e o significado da vida, e sobre a possibilidade da vida após a morte. Há uma grande preocupação com a sua própria existência, única e separada de todas as outras, o que pode originar uma grande angústia perante a perspectiva da morte. Alguns adultos conservam este medo, o que estaria associado a um profundo narcisismo.

TORRES (1980) chama a atenção para o carácter abstracto e simbólico das opiniões desta nova perspectiva de encarar a morte, por oposição à anterior que tinha como base o directamente observável, nomeadamente em relação às hipóteses colocadas sobre a existência, ou não, de uma vida para além da morte. Outra alteração produz-se a nível dos aspectos emocionais, com maior expressão dos afectos, encontrando-se grandes diferenças consoante os sujeitos tenham ou não sofrido perdas de pessoas significativas.

Em relação aos adolescentes com história de tentativas de suicídio, muitos autores são de opinião que a ansiedade perante a morte desempenha um papel inibidor das condutas suicidas (KOOCHER, O' MALLEY, FOSTER e GOGAN, citados por ORBACH, KEDEM, GORCHOVER, APTER e TYANO, 1993).

No entanto, ORBACH e colaboradores (1993) desenvolveram um estudo onde concluem que, de forma geral, não existem diferenças significativas, mas no caso dos jovens com comportamentos suicidas existe um maior receio do desconhecido e da perda de auto-realização face à perspectiva da morte. Estes autores defendem que o medo da morte está sobretudo associado a características pessoais e à história de vida, bem como ao conceito do que é a morte.

Nos adultos parece existir uma enorme variabilidade de atitudes perante a morte, não existindo consenso entre os diferentes autores, surgindo resultados mesmo contraditórios de estudos que procuram relacionar esta variável com outras, por exemplo, com o sexo, o estado civil, as crenças religiosas, etc, encontrando-se sobretudo preocupações com a morte do outro, segundo a opinião de NEWMAN e NEWMAN (1991).

De qualquer forma, KASTENBAUM e AISENBERG (1983) identificam a existência de várias imagens de morte -- personificações -- não apenas em crianças mas também em adultos, imagens essas que estão associadas a diferentes atitudes e conceitos sobre a morte.

Alguns sujeitos descrevem a morte como uma figura macabra, humana mas desfigurada e já em estado de decomposição, ou sob a forma de um esqueleto, repulsiva mas poderosa e inimiga de tudo o que está vivo (esta imagem predominou nos séculos XIV e XV, no Ocidente Cristão).

Uma outra figura, denominada como o " suave consolador ", geralmente masculina e com uma idade indefinida, embora não em estado de deterioração nem

suscitando sentimentos de repulsa, reproduz uma visão da morte como algo repousante e positivo ou, pelo menos, neutro.

A morte também pode ser encarada de uma forma ambivalente, como alguém aparentemente alegre e sofisticado mas que se converte em algo frio e distante quando revela a sua identidade.

Mas a imagem dominante parece ser a de um autómato, com aparência humana mas assexuada, sem sentimentos, necessidades, nem quaisquer tipo de pensamentos.

Além destas, muitas outras imagens de morte existem, como a de associá-la a alguém significativo já falecido ou a uma imagem indefinida (escuridão, frieza, silêncio, vazio, etc).

Uma época que, de acordo com LIFTON (1974), as imagens e ideias de morte são reavivadas, constituindo também ela um período de crise, é a meia-idade, que muitas vezes coincide com a adolescência dos filhos o que tende a provocar um aumento das dúvidas relativamente às escolhas efectuadas.

Na meia-idade, a morte torna-se subitamente próxima e a vida pode ser sentida como bastante limitada e inútil, sem o tempo suficiente para a realização dos projectos ambicionados. Pode ser uma época de desespero, incompletude e/ou resignação, ou, pelo contrário, um período onde surge a oportunidade de se vivenciar novas experiências.

Para NEWMAN e NEWMAN (1991), a ansiedade perante a morte encontra-se inversamente associada à satisfação com o contributo de cada um para as

gerações futuras, uma vez que isso possibilitaria um sentimento de continuidade mesmo após a morte.

MIKULINCER, FLORIAN e TOLMACZ (1990), associam a ansiedade perante a morte aos estilos de attachment, uma vez que eles influenciam a capacidade de coping face a situações de stress e a emoções negativas :

- estilo de attachment seguro : como não há uma preocupação excessiva com a perspectiva de abandono e/ou de intimidade, a ansiedade perante a morte é menor, assim como a visão do mundo, dos outros e de si próprio, e a capacidade de lidar com emoções negativas é maior;

- estilo de attachment evitante : a intimidade torna-se fonte de ansiedade e o medo da morte reflecte-se sobretudo no medo do desconhecido;

- estilo de attachment ansioso/ambivalente : há uma grande preocupação em saber se o outro gosta ou quer estar junto do próprio, de tal forma que o enorme desejo de intimidade pode tornar-se impeditivo dessa mesma intimidade. Neste caso, a ansiedade perante a morte é grande, relacionando-se especialmente com o temor da perda de identidade e de se ser esquecido pelos outros.

Finalmente, com a velhice, a morte é sentida como mais presente e tem-se maior disponibilidade para se reflectir sobre a vida. A necessidade de continuidade é forte, podendo ser assegurada através das recordações e da transmissão da sabedoria às gerações mais novas.

MUNNICH (citado por TEMPLER e LONETT, 1988) elaborou um estudo sobre as atitudes dos sujeitos idosos face à morte, concluindo que apenas uma

pequena percentagem se mostra temeroso perante a perspectiva da morte, sendo a atitude mais frequente a de aceitação e o consentimento. De acordo com este autor, as atitudes negativas estão associadas a personalidades imaturas.

Para WEISMAN e KASTENBAUM (citados por TEMPLER e LONETT, 1988), quando os sujeitos sentem o seu fim próximo tendem a organizar os assuntos pendentes sem deixarem transparecer medo; este apenas parece surgir quando o idoso se encontra só e/ou afastado da sua família e amigos.

SOUSA (1987) observa, nos sujeitos idosos com atitudes essencialmente negativas perante a morte, uma procura desesperada de evitamento e/ou uma negação relativamente a esta temática, vivenciando-se, a cada momento, a ameaça da morte. " A ansiedade é assim a possibilidade de se morrer em vida e continuar vivo, é assim uma forma de exorcizar a morte " (SOUSA, M. 1987. " O devir existencial do velho perante a morte ". Psicologia, vol.5 , página 149).

Outra Situação onde a ansiedade perante a morte parece estar exacerbada é em sujeitos com perturbações psicopatológicas, especialmente com o diagnóstico de psicose, segundo alguns autores, como o concluem TEMPLER e LONETT (1988) na sua revisão bibliográfica (este assunto será abordado no capítulo seguinte, a propósito do luto patológico).

CONTE e WEINER (1983), por seu lado, são de opinião que a ansiedade perante a morte depende principalmente das características pessoais de cada sujeito, da sua história de vida e da capacidade em integrar as suas experiências,

que de factores externos como a idade, o declínio físico e o sexo. Isto explicaria, ainda segundo os autores, os resultados contraditórios encontrados em algumas pesquisas.

Todas estas vivências fazem parte do ciclo de vida e, apesar de perdurarem ao longo dos séculos, parecem estar particularmente intensificadas pela crise de valores que a sociedade actual atravessa, esta é pelo menos a opinião de alguns dos autores atrás referenciados.

*" Hoje ainda não era, depois fui e agora
deixei de ser. Que mais? "*

E. Rohde

IV. GERAÇÕES : RUPTURA OU CONTINUIDADE ?

Ao longo do ciclo de vida, apesar das diferenças e especificidades inerentes a cada ser humano, é possível identificar-se várias fases ou períodos, que podem ser definidos dentro de determinados parâmetros cronológicos, associando-se a problemáticas centrais que vários autores procuram descrever e analisar.

Neste capítulo, são exploradas as relações existentes entre três gerações diferentes relativamente às principais transformações que ocorrem no ciclo de vida e que podem estar associadas ao sentimento de imortalidade simbólica e à ansiedade perante a morte na adolescência, meia idade e velhice, com especial atenção para a relação adolescentes/progenitores.

4.1. ADOLESCÊNCIA : EM BUSCA DA IDENTIDADE

“ A adolescência é um período de vida entre a infância e a idade adulta. Esta localização banal já é problemática : se o fenómeno biológico do aparecimento da puberdade constitui um ponto de partida facilmente identificável, o mesmo já não se passe em relação ao ponto de encerramento. “ (CLAES; M: 1990. “ Os Problemas da Adolescência “. Edições Verbo, São Paulo , pág. 7).

De acordo com vários autores (CLAES, 1990; SAMPAIO, 1992, entre outros), o conceito de adolescência é relativamente recente, e apenas no século passado, com o advento da Revolução Industrial e todas as mudanças sócio-culturais e económicas a ela associadas, é que ele emerge na sociedade ocidental.

Este interesse pelo período de vida entre a infância e a adultícia está intimamente relacionado com as mudanças sociais operadas no interior familiar, tal como o está relativamente à sua duração e ao modo como ela passa a ser encarada e vivenciada.

Durante o século XVIII, segundo CLAES (1990) e FLANDRIN (1994), a generalidade dos jovens abandonava a casa paterna no início da puberdade para passar a habitar numa outra unidade doméstica, até ao casamento. O controlo parental era então reduzido e havia uma facilitação da responsabilização pela própria vida.

Por volta de meados do século XIX opera-se uma grande mudança; o jovem vai permanecer durante mais tempo com a sua família, o que sucede em virtude de três factores fundamentais : o declínio da aprendizagem das profissões, pela introdução da industrialização; a obrigatoriedade e prolongamento da escolaridade; e o desenvolvimento de um maior sentimento de coesão familiar. O tamanho da família a habitar a mesma casa diminui, mas as tarefas relacionadas com a educação dos filhos passam a estar mais a seu cargo.

Hoje, este modelo predomina ainda que esteja ameaçado por alguns factores, como a instabilidade no interior do casamento e consequente fragmentação familiar, e a perda do poder dos progenitores sobre os adolescentes. De qualquer forma, este período tem tendência para se prolongar, especialmente com o aumento da escolaridade e a instabilidade do mercado de trabalho, o que deixa o jovem durante mais tempo dependente da família.

Na opinião de COLEMAN e HUSÉN (1985) o desemprego constitui uma das grandes preocupações dos jovens de hoje, dificultando a sua passagem para a adultícia. “ Há um hiato inquietante entre as aspirações produzidas pelos estudos prolongados e aquilo que estes jovens podem vir a obter em termos de estatuto e remuneração (...). Cada vez mais jovens atravessam, após a adolescência, um período durante o qual nada é resolvido, nem a questão do trabalho nem a da família, uma espécie de compasso de espera antes das responsabilidades da idade adulta. “ (COLMAN, J. ; HUSÉN, T. 1985. “ Tornar-se Adulto numa Sociedade em Mutação”. Ed. Afrontamento, Porto, pp. 9 - 13). Ao mesmo tempo que o

adolescente e o jovem adulto se deparam com um grande leque de escolhas de vida, existem inúmeras barreiras para a sua obtenção.

VIEYTES-SCHMITT (1991) alia o prolongamento do período da adolescência ao vazio ideológico, quer político quer social, quer religioso, com que o jovem se confronta e face ao qual, ainda segundo o mesmo autor, sente a sua impotência.

A passagem da infância à adultícia parece, então, dependente cada vez mais de factores sociais onde grande parte da influência exercida situa-se no extra-familiar -- grupo de pares e outros adultos que não os pais --, sem que haja uma clara delimitação deste período.

Por exemplo, os rituais de iniciação existentes em algumas culturas permitem esta passagem com um inequívoco sentimento de continuidade geracional agregado a uma clarificação na definição de papéis e estatutos sociais, mas na sociedade ocidental a entrada na idade adulta não está institucionalizada, tornando-se diluída e bastante complexa. As tradições perdem o seu carácter sagrado e passam a ser avaliadas pela sua utilidade imediata e o sistema de valores outrora vigente tende a desaparecer sem ser substituído por outro que desempenhe o mesmo papel funcional, ou seja, a organização social outrora era fundada sob o princípio da autoridade permitindo a unificação das diversas instituições, enquanto que hoje se privilegia sobretudo a eficácia e a produtividade, onde os saberes se desactualizam rapidamente (MENDEL, 1981).

A pouca participação dos adolescentes na vida económica e política, associada à existência de uma transição repentina para uma vida activa e produtiva, conduz a

uma separação rigidificada de duas gerações, tal como mais tarde o fosso é novamente colocado quando o sujeito deixa de ter uma participação produtiva na sociedade, no final da vida.

Na sociedade ocidental, ao mesmo tempo que se reclama no jovem a capacidade de autonomia, censurando-se os seus comportamentos infantis, são colocadas muitas barreiras ao seu desenvolvimento espontâneo implindo o adolescente para uma posição de dependência, sob determinados aspectos.

A falta de uma clara definição social e familiar sobre este movimento de transição para uma suposta autonomia, juntamente com os processos de socialização que conduzem ao desenvolvimento moral e à interiorização de valores, condicionam muitos dos comportamentos dos adolescentes, que podem ser sentidos como transitórios, problemáticos ou até mesmo desviantes (FIERRO, 1985).

Para SAMPAIO (1992) , o período da adolescência encontra-se bastante dependente do próprio contexto onde o jovem se insere, salientando-se três núcleos principais : a alteração da relação com os pais, com o grupo de pares e a formação da identidade sexual.

O jovem vai abandonando progressivamente a posição de dependência face aos pais, o que pode ser vivido por ambos de uma forma angustiante uma vez que terão que ser elaborados uma série de lutos. No caso do adolescente, terá que fazer o luto pelos pais enquanto fontes de segurança e imagens idealizadas, enfim,

um luto das suas próprias vivências infantis, passando a relacionar-se com os outros e consigo próprio de uma forma bastante diferente.

O processo adolescente inclui a adaptação à maturação física e sexual, tentativas de independência e autonomia face aos pais, a aquisição de relações de amor heterossexuais, a elaboração de planos e compromissos para o futuro. Isto envolve uma reestruturação intrapsíquica e crescimento, numa combinação de movimentos regressivos e progressivos acompanhados de ansiedade, segundo KAPLAN (1991) entre outros.

Ainda de acordo com a opinião deste autor, este movimento não abarca necessariamente disrupções significativas a nível emotivo e comportamental; pelo contrário, a “ crise “ só se verifica numa percentagem reduzida de jovens, dependendo de desenvolvimento prévio de cada sujeito, nomeadamente na fase de separação-individação ocorrida na infância, da forma como a família reage a este período e da relação com o grupo de pares.

Mas apesar deste movimento de distanciação da matrnx familiar, o suporte fornecido por esta última é de extrema importância. A própria família deve mudar, diminuindo gradualmente o seu controlo em relação ao jovem sem deixar de ser uma fonte de suporte contra o stress e o perigo.

RAVENSEROFT (citado por KAPLAN , 1991) salienta mesmo um movimento de regressão por parte da família durante a fase inicial da adolescência, o que permite uma empatia e reciprocidade no desenvolvimento do jovem e da sua família. O narcicismo parental é confrontado com a desidealização por parte do

adolescente, bem como com a exacerbação da sua força e sexualidade, colocando este último em causa os valores e ideais parentais, mas também os pais terão que fazer o luto da criança perdida e, se a depressão ou a hostilidade for excessiva, pode ocorrer uma relação patológica entre estes e o adolescente, surgindo tentativas de abortar o processo de crescimento.

Simultaneamente, o movimento em direcção ao grupo de pares permite ao jovem um maior relacionamento extra-familiar, inclusivé através do conhecimento de outros adultos que podem funcionar como fontes de idealização e/ou de controlo dos limites. Os pares têm uma função eminentemente reestruturadora, funcionando como um espelho da imagem corporal, social e comportamental e como fonte de referência das normas de conduta e da aquisição de um estatuto (CLAES, 1990).

Há uma aquisição gradual de uma nova representação de si e do outro, e a construção de uma identidade psicossocial o que, segundo CLAES, depende de três tarefas desenvolvimentais : a aquisição de uma continuidade temporal do eu, assumindo-se o passado da infância e a projecção no futuro; a afirmação de um eu separado das imagens parentais interiorizadas; e o comprometimento em escolhas que garantem a coerência do eu, principalmente do comprometimento ideológico.

COSTA (1992) chama também a atenção para a importância do desenvolvimento do sentimento de identidade. “ É pois a convergência das mudanças internas e externas que define a tarefa psicossocial : a aquisição da identidade. O indivíduo adquire um sentimento subjectivo de si caracterizado pela unidade e continuidade que permite reconhecer-se no presente, no

passado e no futuro. A identidade é também um fenómeno interpessoal, na medida em que se baseia na forma como os outros percebem o indivíduo e se manifesta através de comportamentos que são avaliados pelos outros “ (COSTA, M. 1992. “Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade. Ed. ?, Porto, pág. 30).

Saliente-se a opinião de vários autores (como FIGUEIREDO, 1988; CLAES, 1990; FLAMING, 1993) para uma adesão do jovem às preferências, linguagem, modelos de interacção individuais e sexuais ao grupo, permanecendo a influência dos modelos parentais relativamente aos valores socio-económicos, religiosos e políticos.

JUHASZ (citado por COSTA, 1992), é de opinião que na procura da sua identidade o adolescente precisa de ser « fiel » a si próprio, aos seus valores e ideais, aos ideais e valores da sua história passada -- universal -- , de um passado mais recente -- no sentido étnico, cultural, religioso e político --, do presente -- nacional, estadual, da sua cidade, comunidade, escola, igreja, pares e outros grupos de pertença -- e da família -- de origem, reconstituída, alargada, nuclear --. Ao mesmo tempo, também à ordem social, quer no sentido amplo, quer num sentido mais restrito do grupo de pertença, e a uma tarefa face à qual o jovem sinta que vale a pena defender.

Assim, o adulto deve procurar fomentar o desenvolvimento da identidade do adolescente, proporcionando-lhe princípios, ideais, valores, tarefas e modelos que ele possa adoptar ou contestar.

No entanto, e ainda na opinião do mesmo autor, neste período, o adolescente é confrontado com uma série de factores que abalam a sua identidade. A maturação genital, a incerteza dos papéis a assumir ao entrar no mundo adulto, a preocupação com o que possa parecer aos olhos dos outros e a busca de um novo sentimento de continuidade e unidade, além de enfrentar novamente alguns aspectos das crises dos anos anteriores.

“ O início da adolescência é caracterizado por uma desestruturação provocada por mudanças ocorridas em diferentes domínios : fisiológico, sexual, cognitivo, moral e social. Para uns, este período é vivido com excitação, confusão, intensidade e dificuldade; para outros, é um processo mais calmo. A intensidade desta vivência está provavelmente relacionada com as características das múltiplas mudanças que ocorrem em simultâneo com o desenvolvimento anterior e com o apoio que o adolescente tem do exterior. É neste período de desenvolvimento que surge a oportunidade de reconsiderar os valores e as identificações da infância. Alguns adolescentes, neste período, já são capazes de exploração e experimentação e outorgam-lhe uma identidade (...) ou não lhe oferecem nada, perdendo o adolescente completamente uma direcção. (COSTA, 1992, obra citada, pág. 64).

Para FLEMING (1993), o jovem manifesta desejos quase onnipotentes de autonomia sem que ela seja verdadeiramente atingida, associando-se a isto sentimentos de ambivalência em direcção aos progenitores, fortes preocupações com a imagem corporal e ansiedade suscitada pela problemática sexual.

COSTA define uma fase intermédia da adolescência como “ um período de reestruturação e reintegração dos aspectos da personalidade desintegrados no período anterior, em que surge a primeira configuração de identidade. Em relação a qualquer domínio da identidade, o adolescente possui agora um conhecimento maior e mais realista. Embora o acesso a alternativas, assim como a sua implementação, seja ainda limitado por restrições familiares e comunitárias, alguns adolescentes fazem já investimentos firmes e autodeterminados (...).

Algumas restrições são regras pré-estabelecidas e os pedidos implícitos e explícitos que levam muitos adolescentes a um seguidismo acrítico por medo de perder a estima dos outros (...).

Outros adolescentes permanecem desestruturados e sem direcção não sentindo necessidade de autodefinição “ (COSTA, M. 1992, obra citada, pág. 64).

A problemática central desta fase gira, assim, em torno da relação família / grupo de pares.

ESMAN (1991) defende que o adolescente entre os 15 e os 18 anos (denominada por vários autores como a fase intermédia da adolescência, ainda que esta delimitação cronológica esteja dependente de factores psicossociais, havendo uma tendência para o prolongamento das suas fases em consequência da independência económica se processar cada vez mais tardiamente na nossa sociedade), observa-se principalmente um período de experimentação das suas novas capacidades e recursos, quer biológicos quer psicológicos.

ERIKSON (1972) chama a atenção para a formação da identidade, que inclui o estabelecimento da identidade sexual e a capacidade para a mutualidade nas relações com os outros.

A relação com os pares, segundo NEWMAN e NEWMAN (1991) entre outros, permite uma reconceptualização e consolidação da identidade sexual, uma vez que possibilita uma relação de intimidade entre iguais, expectativas sobre o sexo oposto e o relacionamento com o mesmo sexo.

Outro aspecto importante consiste na orientação para o futuro, particularmente para as escolhas vocacionais, o que envolve uma procura de alternativas mesmo a nível dos valores, e uma reorganização intrapsíquica que envolve um restabelecimento do ego ideal e um reajustamento do superego.

KAPLAN (1991) salienta a aquisição de uma identidade do ego firme e a capacidade para a intimidade com um objecto de amor heterossexual extrafamiliar, permitindo ao jovem tolerar as inevitáveis ansiedades e sentimentos de solidão, daí inclusivé a importância do papel restaurador do grupo.

SEQUEIRA (1992) e SCHNEIDER (1993) defendem que a conquista da identidade, na adolescência, é feita através de um movimento de projecção para o futuro que se vai tornando cada vez mais nítido e que depende essencialmente :

- do reconhecimento de um mundo interno próprio e diferenciado, incluindo-se uma componente corporal estável que não dependa em excesso do amor e da aprovação dos outros;

- de um Eu suficientemente forte, separado, coeso e maleável, que permita lidar com a realidade interna e externa;

- a certeza íntima do reconhecimento dos outros, e que estes são distinto do próprio.

No final da adolescência (por volta dos 19 aos 22 anos, de acordo com uma estimativa média) assiste-se a uma diminuição das atitudes e comportamentos direccionados para os pares, verificando-se uma integração na autonomia emocional face aos pais e uma definição a nível dos valores e dos projectos espirituais, profissionais e sociais (KAPLAN, 1991). Esta fase é considerada, fundamentalmente, como um período de consolidação da identidade.

“ O jovem, particularmente o que frequenta a universidade, ao encontrar um contexto facilitador de exploração e experimentação, é confrontado com uma informação mais diversificada, sofre menos pressões sociais porque, mas não só, na maior parte das vezes está longe dos pais e, portanto, da su influência directa. Neste contexto há indivíduos capazes de explorar (...) e de tomar decisões em domínios significativos da identidade (...), enquanto outros permanecem vinculados às expectativas parentais (...) ou sem direcção “ (COSTA, M. 1992, obra citada, pág. 65).

GREENE (1990), numa revisão bibliográfica, conclui que ao longo da adolescência o jovem vai adquirindo uma maior extensão temporal, isto é, há um aumento da capacidade de projecção no futuro, observando-se uma descrição mais

complexa e diferenciada das aspirações e projectos de vida, associando-se-lhe um maior grau de organização e de realismo. Esta mudança da perspectiva temporal depende essencialmente das experiências sociais e do contexto cultural, e não tanto de factores cognitivos, conferindo uma continuidade entre passado, presente e futuro de cada jovem.

Para ERIKSON (citado por NEWMAN e NEWMAN, 1991), o fortalecimento da identidade sexual envolve a emergência das identificações passadas, as aspirações futuras e os aspectos culturais. Na adolescência, há uma preocupação com a essência de cada um, associada a uma procura de continuidade entre passado e futuro, na relação com o próprio e com os outros, especialmente no final desta fase do ciclo de vida.

Apesar desta preocupação em adquirir um sentimento de continuidade, que está, como veremos mais à frente, intimamente relacionado com o sentimento de imortalidade simbólica, a identidade é formulada de uma forma abstrata uma vez que o adolescente ainda não se deparou com as responsabilidades, pressões e conflitos da vida adulta, ainda que a experimentação de papéis constituem um esforço antecipatório de futuras identificações e, conseqüentemente, da consolidação da identidade pessoal.

De acordo co FIERRO (1985), as denominadas “ condutas problema “ como, por exemplo, as relacionadas com a actividade sexual e com o consumo de álcool e de drogas, constituem comportamentos de transição para a adultícia que permitem ao jovem a satisfação de uma necessidade vital de experimentação, de

experimentar e de se experimentar, adaptando-se ao seu futuro estatuto de adulto.

No entanto, problemas de desenvolvimento podem surgir, constituindo-se um ego frágil e defensivo, nomeadamente quando o processo de separação emocional na criança e/ou no adolescente das suas figuras de ligação não é bem sucedido. O sujeito não desenvolve novas relações e não consegue uma definição de si próprio, podem surgir dificuldades em lidar com as mudanças não só a nível do Eu como das circunstâncias de vida, conflitos entre as expectativas parentais e sociais e as do grupo de pares, ou pode ainda haver perda dos laços familiares e falta de apoio na crescimento do jovem (COSTA, 1992).

A função da geração mais velha, para KAPLAN (1991), consiste no fornecimento de uma continuidade face ao individualismo do adolescente, no período médio, que contesta os valores dos pais e da sociedade, permitindo a manutenção desses mesmos valores na sua essência, ainda que nos jovens se observe uma orientação mais pessoal que social (DEUTSCH, 1967; JESUÍNO, 1983; CONDE, 1990).

O questionar do jovem sobre a validade e a sinceridade das crenças das gerações mais velhas é importante, o seu reexame é gerador de stress mas gratificante para ambos os lados uma vez que permite a sua integração e adaptação, possibilitando a individuação e a continuidade do processo adolescente.

DEUTSCH (1967) defende mesmo que este questionar constitui uma defesa contra a ansiedade despertada neste periodo. No espírito do adolescente trava-se uma luta interna onde a perspectiva de uma nova vida traria consigo preocupações com a morte e, conseqüentemente, um aumento da ansiedade perante a morte e um grande desejo de imortalidade simbólica como defesa contra essa mesma ansiedade (expresso, por exemplo, nas identificações com heróis de ficção e em certas experiências consideradas como perigosas), ainda que a medida de ansiedade perante a morte no adolescente se encontre numa relação directa com a dos progenitores (TEMPLER e RUFF, 1971; TEMPLER, 1976; LESTER e TEMPLER, 1993).

Para o adolescente, a imortalidade não é apenas a recusa da morte e o esvaziamento da vida, ela é também o desejo de perdurar para além da própria morte -- desejo de imortalidade simbólica --, o que se encontra manifesto em alguns comportamentos, como na luta pelos direitos humanos, em movimentos ecológicos, etc., ainda que a maioria dos jovens não pareça defender qualquer ideologia particular, orientando-se excessivamente para o concreto e o real.

COSTA defende que a sociedade actual, ao supervalorizar a tecnologia e certos investimentos como, por exemplo, as orientações profissionais bem institucionalizadas e definidas, conduz o jovem a ter preocupações muito concretas e a não desenvolver uma análise crítica aprofundada do mundo e de si próprio, simplificando, deste modo, a sua “ crise “ de identidade.

“ A orientação tecnológica é fornecida pela sociedade actual, sociedade de consumo, de oportunidades e de promessas de progresso científico e tecnológico.

Isto implica que o jovem forme uma imagem do mundo e de si próprio em que os lemas subjacentes são : « o que funciona é bom » , « eu sou aquilo que faço » “ (COSTA, 1992, obra citada, pág. 33).

4.2. MEIA - IDADE : A CONSCENCIALIZAÇÃO DA FINITUDE DA VIDA

A fase inicial da adultícia, identificada por vários autores entre os quais KAPLAN (1991) como decorrendo entre os 22 e os 34 anos aproximadamente, é marcada pelas exigências da identidade pessoal -- “ desindividuação “ ao grupo de pares -- que conduz a sentimentos de solidão e isolamento -- “ detachment “ --, permitindo a exploração pessoal necessária -- “ individuação “ -- para o compromisso íntimo pessoal -- “ attachment “ -- formando uma nova unidade familiar assim como o estabelecimento do percurso profissional.

No jovem adulto, existe uma capacidade para estabelecer relações caracterizadas pela partilha e mutualidade, enquanto que na fase precedente o relacionamento possui como principal função contribuir para a autodefinição e não tanto para a intimidade. O balanço entre estes dois pólos manifesta-se através da capacidade em estar só, da segurança de uma relação íntima, caso contrário surge o sentimento de isolamento, mesmo na presença de outrem, de acordo com a opinião de COSTA.

Com a meia idade, que alguns autores estabelecem entre os 35 e os 50 / 60 anos dependendo das condicionantes históricas, sociais, culturais, económicas, políticas e das variantes pessoais, tal como o estão quaisquer outras delimitações que poderão ser feitas, surge um reexaminar do passado e uma nova perspetivação para o futuro, oriunda das transformações psicossociais num

sentido geral, e familiares num sentido mais restrito, até porque, para grande parte dos sujeitos, é nesta fase que os filhos atingem a adolescência surgindo a necessidade de uma reorganização da dinâmica familiar.

Na opinião de GOULD (1991), nesta fase o poder pessoal aumenta e com ele as responsabilidades. Por uma lado, a relação com os progenitores modifica-se e eles passam a recorrer aos filhos para suporte emocional e económico, havendo, em alguns casos, uma vivência de doença e de morte de outros significativos, o que impele o(a) filho(a) a encarar a sua própria morte. Por outro lado, os jovens descendentes têm um maior relacionamento extra-familiar tornando-se, também eles, mensageiros da finitude da vida à medida que se vão emancipando e posicionando em direcção à adultícia. Uns e outros passam a desempenhar diferentes papéis, podendo originar na geração intermédia um sentimento de solidão que se associa à necessidade de mais tempo dispensado na auto-reflexão.

O confronto com o declínio da própria existência, onde surge a necessidade de assumir a não realização de alguns sonhos e ambições face ao adolescente convicto que atingirá os seus, obriga a uma reelaboração das ideias de morte e da aceitação do já vivido e do luto com o passado (VIEYTES - SCHMITT, 1991).

JAQUES (1990) classifica esta fase como paradoxal, uma vez que ao mesmo tempo que se está no auge e plenitude da vida a morte pode ser encarada como mais próxima, tornando-se o aspecto central e crucial deste período. Já não é a morte do outro, a morte geral, mas é a morte do próprio que é encarada, pela primeira vez o futuro é tido como circunscrito, sem hipóteses de realização de

todos os projectos outrora planeados.

No entanto, “ esta perspectiva da finitude da vida é acompanhada de uma maior solidez e robustez na maneira de ver o mundo e introduz uma qualidade nova de resignação terrena, que reflete um decréscimo do desejo de imortalidade simbólica. Tais ideias são comumente vividas em termos de negação do luto e da morte, ou então em termos de ideias de imortalidade, desde noções de reencarnação e vida depois da morte até noções de longevidade “ (JACQUES, E. 1990. “ Morte e crise da meia idade “. In Melanie Klein Hoje. Ed. Imago, Rio de Janeiro, vol. 2, pp. 257 - 258).

Para este autor, apenas existem duas opções : ou a transformação do medo de morrer numa experiência construtiva, elaborando o luto do que se perdeu e aumentando a confiança nas próprias capacidades de amar e criar, fortalecendo o sentido de continuidade da vida, ou então a luta desesperada contra a passagem do tempo, onde se inclui tentativas compulsivas em permanecer jovem, preocupações hipocondriacas, promiscuidade sexual, preocupações religiosas excessivas, etc.

Esta é também a opinião de ABARCA (1985), que encara este periodo como especialmente propenso à elaboração de uma retrospectiva dos sonhos, ilusões e projectos anteriores, acompanhado de um certo declíneo físico onde a satisfação profissional e matrimonial atinge os níveis mais baixos. é uma época onde as mudanças podem constituir esforços desesperados contra as desilusões, o que pode coincidir com a morte dos pais e a adolescência dos filhos, reforçando o sentimento de perda, e onde se questiona o significado da vida.

Na meia idade surge um período de intensa produtividade, especialmente nas áreas intelectual e criativa, onde os aspectos centrais são o casamento, paternidade e profissão/ocupação, contribuindo para um aumento do sentimento de auto-realização, ligando-se também ao sentimento de imortalidade simbólica nos seus aspectos mais biológico e criativo. Tal como na adolescência, é tempo de mudanças nas auto-concepções e nos papéis sociais, nomeadamente a nível da identidade.

Este período, como salienta COSTA, define-se pela necessidade do sujeito servir de “ guia “ para a geração seguinte e de investir na sociedade onde se insere, caso contrário, um forte sentimento de frustração e de estagnação surge se o sujeito se focalizar apenas em si próprio.

“ O conceito de generatividade (introduzido por Erikson para caracterizar esta fase) não implica ter ou querer filhos; reside no desejo de contribuir para o bem estar presente e futuro de outras gerações. São estes os modelos necessários para a introjecção e identificação dos pais jovens. A patologia da generatividade, dada a sua natureza, deve ser agora procurada na geração seguinte, que é reflexo da falha generativa dos seus pais “ (COSTA, M. 1992, obra citada, pág.38).

Segundo KOSKI e STEINBERG (1990), o modo como o sujeito vivencia este período depende bastante do grau de satisfação parental e de satisfação com o casamento, colocando-se a hipótese de uma relação inversa entre as preocupações com a meia idade e a satisfação parental e marital.

No processo de parentização os adultos podem rever o seu próprio desenvolvimento através das experiências partilhadas com os filhos, contribuindo

para a aquisição de novos níveis de insight, flexibilidade intelectual e comprometimento social. O ser-se pai/mãe implica uma visão mais planeada do futuro, promovendo uma filosofia de vida na qual as regras e limites parentais impostas aos filhos transformam-se em valores e objetivos centrais, permitindo uma ainda maior apreciação das diferenças individuais e da capacidade para gerir ideias distintas, conceptualizando passado, presente e futuro.

Um outro aspecto central na meia idade é o profissional, onde se espera a adopção de determinados papéis, relações interpessoais e a exigência de certas competências, fomentando-se o desenvolvimento da produtividade e da criatividade.

A capacidade de cuidar de alguém ou de algo constitui um aspecto central para a sobrevivência de qualquer sociedade; aos seus elementos adultos é exigida uma contribuição, através dos seus recursos, competências e criatividade, para um melhoramento da qualidade de vida dos mais novos. Esta motivação permite, de certa forma, reorganizar a inevitabilidade da morte, porque, apesar de não se viver eternamente, essas contribuições, quer de nível mais pessoal quer mais social, asseguram uma continuidade após a morte.

Em oposição, o falhanço das exigências da adultícia resulta num sentimento de estagnação que impede o desenvolvimento da capacidade de perspectivar o futuro para além da vida do próprio, o que pode ser ultrapassado pelo abandono dos padrões ou formulas antigas de comportamento e por uma regeneração que possibilite o alcançar de novas perspectivas, ainda segundo o mesmo autor.

De acordo com GOULD, existem três aspectos essenciais que ocorrem neste período de vida: a descoberta de que o envelhecimento é inevitável; o questionar do passado e do futuro, dos valores, do estilo de vida, questões outrora colocadas no final da adolescência e que precisam ser reexaminadas; o sentimento que o tempo urge sendo necessário agir de uma forma definitiva, o que trás grandes implicações para o futuro, podendo surgir auto-imagens negativas. Uma resposta a esta “ crise ” poderá ser tentar negá-la através do trabalho, família ou da dependência de alguém.

Isto conduz, por vezes, ao abandono temporário dos valores básicos e dos papéis aceites previamente, e até mesmo a comportamentos, pelo menos aparentemente, auto-destrutivos e à modificação da imagem perante os outros. O imperativo para agir contra os papéis, valores e posturas pode ser entendido como uma mudança de estratégia de vida. Este é um período onde não mais se deseja alternar entre julgamentos superficiais e profundos, mas antes agir de acordo com uma nova autenticidade e coerência.

SHANOK (1991) refere uma reintegração da identidade e intimidade, que implica um reviver psíquico dos aspectos das fases prévias do desenvolvimento em relação com a presente negociação e adaptação, o que constituiria a principal característica deste período.

Por seu lado, GOULD, defende que entre meados da década dos 30 e dos 40 anos há uma vivência de um sentimento de urgência que se conjuga com o de finitude da própria vida, que é reforçado a partir de cerca dos 45 anos, passando a ter uma grande importância o modo como o tempo é dispendido.

Na infância há como que uma protecção face à ideia de morte pela proximidade aos pais onnipotentes, progressivamente a separação vai-se desenrolando mas esse sentimento de protecção permanece através da interiorização dos valores e visões do mundo dos progenitores, surgindo a ansiedade quando há a transgressão. O preço da “ libertação ” da adesão aos códigos e regras, questionado-os, implica, desta forma, a perda de segurança e, conseqüentemente, a consciencialização da finitude da própria vida.

Na adultícia, há uma disrupção dos padrões da infância, dos estereótipos reforçadas por determinadas sub-culturas, e o significado da vida altera-se modificando a relação com os outros e com o próprio.

Significações pessoais, baseadas na totalidade das experiências da vida, interactuam com as expectativas sociais sobre o ciclo de vida, associando-se-lhes o declínio fisiológico e a forma como o sujeito o vivencia. COHLER e CARNEY (1991), salientam o papel das expectativas sociais que forçam o sujeito a confrontar-se com a sua finitude, o que inclui a experiência da doença e da morte dos outros significativos, a orientação dos filhos para o extra-familiar e o luto dos antigos projectos, desejos e aspirações.

A apreciação da finitude da vida encontra-se associada à transformação do tempo e da memória. No tempo, o ênfase é colocado do já vivido para o que resta até à morte, e na memória as reminiscências ou preocupações com o passado, que no início são utilizadas activamente ao serviço da resolução de problemas relacionados com a carreira profissional e com a família, passam na fase final da meia idade a centrar-se mais em assuntos relacionados com a vida do próprio.

O self utiliza a memória para o luto dos sonhos nunca alcançados e no prosseguimento da análise da vida.

Como consequência da personalização da morte, em alguns sujeitos neste período da meia idade, há uma tendência para uma vivência mais interna, menos tempo dispendido nas relações sociais e um menor interesse em assumir novos desafios. No entanto, de modo geral, este é um processo essencialmente psicológico e não conduz necessariamente a mudanças nas relações sociais externas.

Assim, enquanto que na adolescência o conflito central reenvia para preocupações com a identidade, na meia idade ela associa-se à finitude da vida e a um sentimento de busca de continuidade, conferindo-lhe novo significado.

O mesmo autor salienta ainda a especificidade de cada sujeito, uma vez que os períodos de grandes transformações dependem das percepções particulares dos significados e das suas vivências, onde as mudanças de papéis se associam muitas vezes a eventos inesperados incluindo factores histórico-sociais e pessoais.

4.3. VELHICE : UM RETORNO SOBRE SI PRÓPRIO

Após o dismantelar das falsas concepções construídas a partir dos valores vinculados na infância e dos estereótipos das sub-culturas, a vida perde os seus poderes mágicos e aprende-se a conhecer-se a si próprio, construindo-se um sistema de referência muito pessoal, segundo a opinião de GOULD (1991).

Esta transição na vida pode não ocorrer na terceira idade, ela pode surgir mais cedo e/ou progressivamente pela análise das várias áreas da vida (profissão, família, lazer, etc) e em diferentes tempos. Pode mesmo ocorrer em meados dos 40 anos, passando-se de uma fase intensa que caracteriza a meia idade para uma atitude de calma.

Ainda de acordo com o mesmo autor, vive-se com um sentimento de se ter completado algo, um sentimento de aceitação positiva da finitude da vida mas não de resignação; é nesta atitude de auto-conhecimento que se vai centrar a vida.

Para NEWMAN e NEWMAN (1991), a temática central deste período constitui a descoberta da significação da vida. Com o seu prolongamento surge o experimentar de novas relações, o desenvolvimento de competências e a descoberta de potencialidades individuais, conferindo um novo sentido ao vivido, ao que se lhe associa um forte desejo de compreensão.

Mas, para algumas pessoas, este período trás consigo a deterioração física e mental, impedindo o crescimento psicológico. A senescência pode originar uma

grande perda das capacidades mnésicas, do raciocínio e da autonomia, assim como um aumento da actividade fantasmática, o declínio físico e a solidão. Tudo isto vai influenciar consideravelmente a capacidade de introspecção e, conseqüentemente, de fornecer uma significação à história pessoal passada, articulando-a com a perspectivação do futuro.

O indivíduo, nesta fase “ tem necessidade de interiorizar e integrar as imagens do passado através da aceitação do sentido vital, de aceitar a mutualidade, tornando-se mais capaz de compreender os outros.

O desespero, pelo contrário, expressa o sentimento de que o tempo é curto para recomeçar uma outra vida e experimentar rumos alternativos para a integridade. A morte não é aceite, quando não é aliada a uma visão de outra vida, há um sentimento enorme de repulsa por si próprio e pelos outros. A sociedade não facilita, também, este período e, muitas vezes, a confrontação com a diminuição dos poderes físicos, intelectuais e sociais leva o indivíduo não à integridade, mas ao desespero ” (COSTA, M. 1992, obra citada, pág. 39).

NEWMAN e NEWMAN chamam ainda a atenção para, nos estudos geracionais, se ter em consideração vários aspectos na análise das eventuais mudanças, como por exemplo, o problema das habilidades e competências adquiridas que podem estar dependentes de factores como o aumento da escolaridade ou outras experiências sócio-culturais a que os sujeitos tiveram acesso, e não propriamente a mudanças relacionadas com a idade.

Outro aspecto fundamental consiste na aquisição e adaptação a novos papéis sociais e familiares, com perda de outros, o que, nesta fase, impelem para uma redefinição do significado da vida e da própria morte. Por exemplo, o ser-se

avô / avó pode constituir uma fonte de grande prazer, fornecendo um sentimento de utilidade e o reassegurar da existência para além da morte, através dos ensinamentos e recordações, e / ou ainda o relembrar do passado assegurando-se a continuidade transgeracional.

Um outro papel de grande influência para a forma como esta fase é vivenciada é o da viuvez, na qual o apoio dos amigos e familiares é de primordial importância ao contribuir para a redução do isolamento, onde o dar e receber tornam-se fundamentais, e para a diminuição do impacto dos agentes de stress físico e psicológico no sentido da maximização da autonomia.

Para muitos adultos de idade avançada a religião é também uma importante fonte de suporte social, concebendo-se a si próprios como mais crentes que no passado, tal como o é a identificação étnica que pode oferecer uma grande quantidade de suporte extra-familiar através da filiação em clubes e organizações, da partilha de experiências passadas e das tentativas em preservar as tradições, conferindo um sentimento de comunidade e de continuidade, um aumento de sabedoria e uma protecção contra os estereótipos sociais negativos.

Tudo isto influencia a auto-imagem e, conseqüentemente, a análise que é feita a toda a história de vida. O processo de aceitação do passado pode ser, assim, um desafio pessoal difícil, já que é preciso incorporar as áreas de fracasso, as crises e desapontamentos sem se ficar submerso por um sentimento de inadequação, salientando-se as áreas de sucesso ainda que estas conquistas fiquem muito aquém das expectativas iniciais.

Ainda segundo os mesmos autores, podem existir muitas respostas a esta tarefa. Alguns sujeitos tornam-se deprimidos ao reexaminarem o passado e resignam-se a um futuro de infelicidade onde as doenças, mortes e conflitos pessoais do passado se tornam preocupações dominantes, de tal forma que nenhuma experiência presente é capaz de compensar esse sentimento.

Outros sujeitos tornam-se rigidamente “ auto-confiantes “, concebendo a sua vida como um exemplo para os mais novos, mostrando-se incapazes de tolerar qualquer perspectiva de fracasso. Para proteger a sua auto-imagem rejeitam qualquer dúvida, demonstrando uma aparência de total confiança em si próprios.

Outro tipo de resposta consiste em aceitar as áreas de desilusão ou crise, mas perspectivando-as com os sucessos pessoais, o que pode originar uma análise global da vida, fomentando uma atitude mais flexível sobre a própria história de vida. Buscam-se novos rumos de crescimento, associados a um optimismo sobre hipóteses de sucesso nessas direcções.

FLANAGAN (citado por NEWMAN e NEWMAN, 1991), através de um extenso estudo sobre as áreas que contribuem para a satisfação pessoal na meia idade e velhice, conclui que os principais factores encontram-se associados ao crescimento dos filhos, seguindo-se a expressão pessoal, criativa, social, política e actividades recreativas, salientando-se ainda, no caso dos mais velhos, a necessidade e autonomia e de independência.

VAILLANT e KOURY (1991) constituem alguns dos autores que defendem esta perspectiva, concebendo na fase final de vida um domínio da sabedoria, de uma abordagem menos personalizada dos outros, dando-se um maior relevo ao que é justo, aos conhecimentos culturais adquiridos ao longo de toda a história de

vida, procurando-se a contribuição para o enriquecimento mais geral e não apenas para o grupo familiar, como acontecia na fase anterior.

De acordo com vários autores, entre os quais NEWMAN e NEWMAN, um aspecto central da velhice são os pensamentos sobre a morte, intensificados pela morte de familiares e amigos, e pela perda das capacidades físicas e mentais.

A aceitação da própria morte pode tornar-se mais difícil com a mortalidade dos elementos do grupo social, uma vez que, para além de confirmar a sua inevitabilidade, o isolamento tende a ser maior, diminuindo a possibilidade de partilha de memórias e planos, enfraquecendo a fonte de suporte dos valores e normas sociais.

Os ritos de cada cultura permitem uma diminuição da angústia perante a morte, através da sensação de um certo controlo de alguns dos seus aspectos. O evento da morte encontra-se em contradição com os valores de produtividade, actividade e individualidade fomentados pela sociedade ocidental, e para que a morte não seja concebida como o falhanço final poderá surgir uma ilusão de competência através do planeamento das circunstâncias da própria morte.

Na opinião de WISOCKI e AVERILL (1987), na terceira idade a experiência afectiva do luto tende a ser mais “ suave “ comparativamente com os mais jovens, mas trás consigo maiores problemas psicossomáticos, como dores, perturbações gastrointestinais, insónias e, muitas vezes, é acompanhada por sentimentos de inadaptação ou perda do sentido da vida.

Outras respostas também comuns podem ser a apatia, o auto-isolamento ou a idealização do falecido, embora a religiosidade possa minimizar os efeitos do luto. Enfim, este último funciona como a antecipação da própria morte, um “ auto-luto “.

Para KALISH e REYNOLDS (citados por NEWMAN e NEWMAN, 1991), na velhice as pessoas tendem a pensar mais nos aspectos ligados à morte e aos seus rituais, comparativamente com as fases anteriores da vida, mas a ansiedade perante a morte é menor, o que parece estar relacionado não só com a aceitação do passado mas também com as crenças religiosas mais fortes e com o experienciar da morte de amigos e familiares.

Como já atrás ficou referenciado, esta aceitação da morte encontra-se intimamente associada à aceitação da vida, resultante da capacidade de introspecção sobre a evolução gradual dos eventos de vida, e da apreciação do significado de cada um deles, originando um sentimento de continuidade entre o passado, o presente e o futuro.

O resultado desta introspecção não constitui uma tradução directa dos factores positivos e negativos ou do número de sucessos e de fracassos. Há uma reavaliação da qualidade das relações próximas e da sua extensão no próprio e nos outros, da filosofia de vida e da sua tradução a nível das acções, o que pode implicar um isolamento temporário em relação aos outros.

A aquisição deste sentimento de integridade associa-se a uma sensação de dignidade pessoal sobre as escolhas feitas e os objectivos alcançados, sem que

haja desespero pelos fracassos ou oportunidades perdidas. Pode, então, surgir a aceitação do fim da vida, concebendo-a como uma componente natural do seu ciclo, retirando sabedoria em cada acontecimento experienciado.

ERIKSON (1972) refere este período como uma aceitação com simplicidade do ciclo da vida, conferindo-lhe uma significação mas acompanhada de um sentimento de continuidade mesmo após a morte; é o aceitar a mortalidade sendo-se imortal.

KAPLAN e O'CONNOR (1991), referem a existência, nesta época de vida, de um sentimento de comunhão com a espécie humana em geral, um movimento de filiação do particular para o geral. No entanto, antes de o ter alcançado o sujeito teve que reexaminar e questionar o seu passado e o seu futuro; o reconhecimento dos objectivos não alcançados e da finitude da vida, o que produz um grande stress, gerador de um estado disfórico de desespero.

Este stress, segundo alguns autores entre os quais NEWMAN e LEVIN (citados por KAPLAN e O'CONNOR, 1991), encontra-se intimamente associado ao declínio físico e à consciencialização da finitude da vida, atrás descritos.

O aspecto crucial na velhice é, então, o modo como o sujeito consegue a centração na sua própria integridade e se orienta para as gerações futuras. A construção de um self histórico -- individuação --, constituindo uma conexão genuína -- attachment -- com as gerações vindoras, ou seja, permitindo um fortalecimento do sentimento de imortalidade simbólica.

AUGUSTINE e KALISH (citados por KAPLAN e O'CONNOR, 1991) sugerem que as pessoas mais velhas e os moribundos, de qualquer idade, necessitam de estabelecer algum tipo de attachment que lhes permita sentir que permanecem mesmo após a sua morte. Este sentimento de continuidade transgeracional depende da possibilidade de transmissão da história pessoal de vida às gerações seguintes, permitindo uma “ preparação “ para a morte.

Desta forma, quando isso não acontece surge uma profunda incerteza sobre a existência de algo para além do presente, do físico e do psicológico, e da finitude da vida, o que tende a fragmentar o sentimento individual do tempo.

A expressão da perda de continuidade, do enfraquecimento do sentimento de imortalidade simbólica, consiste numa crescente preocupação com o self e num decréscimo dos investimentos no meio, ou a uma hiperactividade que envolve suspeitas e acusações em relação ao mesmo, ou ainda o envolvimento em actividades não adequadas à fase terminal da vida onde o sujeito se encontra. Por outras palavras, a uma exacerbação da ansiedade perante a morte e a uma defesa desesperada contra ela.

"A morte é a morte da morte "

Feuerbach

V. ALGUMAS PERSPECTIVAS A PROPÓSITO DA MORTE E DO MORRER

Ao longo deste capítulo procurar-se-à focalizar um aspecto fundamental ligado à morte: o luto, comparando-se, por um lado, o processo de luto das crianças com o dos adultos e, por outro, o luto normal com as formas patológicas.

Mas, antes de mais, é importante uma compreensão das várias fases que antecedem o momento da morte e, conseqüentemente, a forma como é encarada a morte do próprio.

Antes desta reflexão saliente-se que, apesar do que for referido, existem enormes variações individuais uma vez que cada sujeito é único e, como tal, específico é também o seu conceito e imagens sobre o que é a morte, bem como a forma de reagir face a esse derradeiro momento.

5.1. A MORTE DO PRÓPRIO

Em todas as épocas e culturas o medo da morte parece ter estado sempre presente, mas é impossível imaginar-mos a nossa própria morte ainda que já tenhamos presenciado a de outros, e se a vida tem um fim, este é sempre, ou quase sempre, tido como algo externo e maligno.

" No nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada " (KUBLER-ROSS,E. 1992. Sobre a Morte e o Morrer. Ed. Martins Fontes, São Paulo, página 14).

Esta é a opinião expressa por uma das autoras que mais estudou o fenómeno da reacção à morte em pacientes terminais: KUBLER-ROSS (1992).

Como foi analisado num dos capítulos precedentes, a criança concebe a morte de uma forma reversível surgindo, por vezes, sentimentos de culpa quando alguém próximo morre. Com o crescimento, esta onipotência diminui, bem como o sentimento de culpa, mas o medo perante a morte prevalece. De acordo com esta autora, este receio está associado ao medo da morte de si.

" Aquele que morre é amado mas também odiado porque nos deixa. "(...) Algumas culturas possuem rituais para cuidar da pessoa " má " que morre, os quais têm origem neste sentimento de raiva latente em todos nós (...). A tradição do túmulo pode advir do desejo de sepultar bem fundo os maus espíritos (...), a salva de tiros num funeral militar corresponde ao mesmo simbólico ritual dos

índios, ao atirarem aos céus as suas lanchas e flechas (...); quanto mais avançados na ciência mais parece que tememos e negamos a realidade da morte " (KUBLER-ROSS, obra citada, páginas 16 a 19).

O crescente temor da morte parece estar relacionado com a própria massificação da morte.

" Grupos de pessoas, tanto grupos de rua como países inteiros, podem usar a sua identificação grupal para exprimir o medo de destruição atacando e destruindo os outros. A guerra será, talvez, uma necessidade de defrontar a morte, de conquistá-la, de dominá-la para escapar dela incólume; uma forma peculiar de negar a nossa própria mortalidade " (KUBLER-ROSS, obra citada, página 25).

CONTE e WEINER (1982) identificam cinco dimensões independentes da ansiedade associada à perspectiva da morte : medo do desconhecido; medo do sofrimento; medo da solidão; medo da extinção pessoal.

Por seu lado, FLORIAN e KRAVETZ (1983) defendem que o medo da morte do próprio encontra-se associado a três componentes ou consequências :

- aspectos intrapessoais : medo de perda de auto-desempenho, ou seja, o sentimento de perder com a morte um conjunto de experiências que se poderiam realizar em vida, e o medo perante a auto-aniquilação;

- aspectos interpessoais : referem-se às consequências que a morte do próprio trazem para os familiares e amigos, e a perda da identidade social (de se ser esquecido após a morte);

- aspectos transpessoais : receio do desconhecido e de uma eventual punição no após vida.

NELSON e NELSON (citados por TEMPLER e LONETTO, 1988) chamam a atenção para quatro dimensões nas atitudes perante a morte: evitamento da morte e repugnância em estar próximo dos mortos; medo como apreensão pessoal e numa perspectiva mais geral; negação da morte traduzida numa incapacidade para assimilar, a nível pessoal e social, a sua realidade e consequências; repugnância em tratar de moribundos.

CHORON (citado por TEMPLER e LONETTO, 1988) é outro autor que se debruça sobre a temática da morte, identificando três tipos de medo perante a morte: temor pelo que surge após a morte; o evento de morrer em si; o medo do " deixar de ser ", que conduz ao medo dos mortos, e é este aniquilamento que constitui o medo básico da morte.

Para STEDEFORD (1986) a defesa contra a possibilidade de uma morte imediata consiste na negação existencial, sem a qual o quotidiano se tornaria insustentável. Esta defesa é abalada quando alguém próximo morre, especialmente se for uma morte súbita e/ou precoce, tornando presente a consciencialização da morte do próprio.

PATTISON (citado por STEDEFORD, 1986) salienta a existência de várias fases no processo de aceitação da própria morte: num primeiro momento surge o choque mas, imediatamente, este converte-se em negação, o que constitui uma defesa. Esta negação pode ser, ou não, temporária atingindo diferentes graus, inclusive a descompensação paranóica, depressão psicótica, mania, histeria de conversão, ou ainda desencadear uma crise ansiosa ou o aparecimento de sintomas somáticos. Quando este estado é abandonado, surge a raiva pelo que está a

acontecer e a tristeza pelo que se vai perder, podendo surgir uma completa mudança de valores.

Mas nem todos os sujeitos que recebem a notícia que vão morrer em breve passam por estas fases. Alguns comportam-se segundo aquilo que este autor designa como "negação desatenta", que consiste em negar a informação agindo como se nada diferente estivesse a ocorrer, outros utilizam ainda uma defesa contra-fóbica ignorando não só a iminência da morte próxima mas tendo também comportamentos de risco.

Na abordagem de KUBLER-ROSS (1992), o primeiro estágio é de negação e isolamento. A negação surge imediatamente após o sujeito tomar conhecimento da morte próxima, aparecendo, geralmente, mais tarde o isolamento; ao longo de todo o processo, a negação pode ressurgir e desaparecer.

Na maioria dos casos, a esta primeira fase surge uma outra onde predominam sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento.

Pode-se identificar um terceiro estágio, de curta duração, que surge quando, após a revolta inicial, o sujeito espera ser recompensado se tiver um "bom" comportamento: essa recompensa pode ser um prolongamento da vida ou um menor sofrimento durante o tempo de vida que lhe resta, o que está associado a um sentimento de culpa por não se ter sido "suficientemente bom" ao longo da vida.

Após estas fases, surgem sentimentos de perda, tristeza, culpa e, associados a eles, sintomatologia depressiva.

Quando ainda resta algum tempo de vida e o sujeito recebe apoio adequado para suportar as fases anteriores, pode surgir o estágio da aceitação. O sujeito projecta a sua raiva e inveja, lamentando as perdas passadas e futuras, associando-se-lhe um sentimento de tranquila expectativa face à morte. " É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento (...). Vem mostrar que a morte não é uma coisa horrível, medonha, que tantos querem evitar " (KUBLER-ROSS, obra citada, páginas 126 e 127).

Estes estádios têm uma duração variável podendo coexistir, persistindo, geralmente, em todos eles um sentimento de esperança do prolongamento da vida, que apenas se esvanece, em alguns casos, quando o sujeito se sente preparado para a morte, e ela chega poucas horas depois.

Os conflitos relacionados com esta esperança podem ser essencialmente de dois tipos: quando a equipa médica e os familiares desistem dessa esperança num momento em que ela ainda é um sentimento fundamental para o moribundo, e quando este último atinge a fase final mas os familiares ainda não estão preparados para aceitarem o inevitável.

Em relação aos elementos da família, eles passam geralmente por estádios semelhantes, e paralelos, aos do moribundo, embora isso seja bastante influenciado pelo apoio recebido, ou não, por ambos.

O período final, quando o sujeito aceita a morte e se isola de todos, inclusive dos familiares, pode ser o mais doloroso para estes últimos.

Após a morte podem surgir sentimentos ambivalentes: se por um lado existe a tendência para o aparecimento da raiva e do isolamento, por outro lado há uma necessidade de expressar os sentimentos e falar sobre o assunto.

Mas nem todos os sujeitos atingem a aceitação da morte; de acordo com ERIKSON (1972), esta atitude só pode ser alcançada através da análise positiva da vida passada, das decisões e escolhas feitas, caso contrário, a morte surge associada a sentimentos de desespero.

Alguns autores, entre os quais FALLOWFIELD (1990), criticam a abordagem de KUBLER-ROSS a propósito das fases terminais da vida. Uma das críticas, associa-se ao pressuposto implícito, que existe nesta perspectiva, da necessidade de se percorrer as cinco fases descritas pela autora para adquirir uma aceitação da morte. HACKETT e WEISMAN (citados por FALLOWFIELD, 1990), por exemplo, descrevem um estágio intermédio, no qual o sujeito reconhece a sua morte próxima mas recusa, simultaneamente, aceitá-la.

ENGEL (citado por FALLOWFIELD, 1990), por seu lado, sugere que algumas pessoas apenas são capazes de continuar a negar a realidade da morte, uma vez que ao serem confrontados com a sua Situação desenvolvem uma depressão profunda, opressiva e imobilizante; o denominado síndrome " desistir é morrer " (" giving - up - given - up ").

Parece provável, segundo FALLOWFIELD (1990), que poucos doentes terminais desconhecem a sua situação ainda que, muitas vezes, hajam tentativas de

ocultação quer por parte dos familiares e amigos, quer por parte dos técnicos de saúde.

As atitudes de evitamento e/ou de negação podem conduzir a um excessivo stress no doente terminal, dificultando o seu processo de ajustamento. Pacientes que não tiveram a oportunidade de expressão directa dos seus medos sobre a morte, podem evoluir para um estado de grande ansiedade e isolamento, por os técnicos de saúde, os familiares e os amigos evitarem o confronto com a temática da morte. Estes doentes não conseguem elaborar os ajustamentos necessários, como o planear objectivos realistas e a aceitação do final inevitável diminuindo, consideravelmente, a sua qualidade de vida.

Segundo FEIFEL (1990), a necessidade essencial do moribundo consiste na atenção e ajuda psicológica para reduzir a depressão, a projecção, e os sentimentos de culpa e inadequação.

Num estudo sobre doentes terminais com SIDA, SCHWARTZBERG (1993) conclui sobre a necessidade da procura do significado da vida para a aceitação da morte. Essa procura de significado permite lidar com a perspectiva da morte próxima e depende essencialmente de características pessoais e culturais, existindo, ainda de acordo com o autor, em todos os sujeitos que vivenciam ou experimentam a proximidade da morte.

5.2. O PROCESSO DE LUTO

Apesar das grandes variações individuais, o modelo da figura de apego começa a desenvolver-se por volta de meados do primeiro ano de vida, altura em que a criança não só percebe a mudança como também demonstra intensa aversão a ela, havendo mesmo uma alteração do comportamento se a separação for prolongada (existe já um modelo representacional da figura materna).

Desta forma, as crianças a partir dos 16 meses, aproximadamente, possuem uma capacidade germinal de luto; esta é pelo menos a opinião de alguns autores que se debruçaram sobre o desenvolvimento do processo de luto, entre os quais BOWLBY (1985).

Este autor observou as reacções de crianças entre os 12 meses e os 3 anos quando da separação da figura materna, verificando que inicialmente existem manifestações de protesto num esforço activo de procura de sinais, no sentido da busca da mãe ausente.

Após uma semana, ou mais, a criança torna-se apática e retraída, cujo desespero manifesta também através de um lamento intermitente e monótono.

Em seguida, a criança começa a procurar novas relações, especialmente a de uma figura materna substituta, e caso não a encontre a criança tenderá a tornar-se cada vez mais egocêntrica e a estabelecer apenas relações superficiais.

Quando há um reencontro com a mãe, verifica-se por parte da criança, especialmente se o tempo de separação tiver sido longo e a criança for muito pequena, uma ausência quase total de apego.

ROBERTSON (citado por BOWLBY, 1985) observou durante 25 anos crianças destas idades, concluindo que a separação da figura materna é equivalente à sua morte apesar da criança, como atrás foi exposto, ainda não compreender o seu verdadeiro significado.

Outro comportamento existente nestas situações é o de uma grande agressividade dirigida para vários alvos, na opinião de HEINICHE (citado por BOWLBY, 1985).

BOWLBY, é de opinião que o comportamento da criança é similar ao do adulto quando perde alguém significativo, surgindo sentimentos ambivalentes quer em relação a este último quer em relação às outras pessoas.

Em relação concretamente às reacções de luto na primeira e segunda infância, o mesmo autor acredita que nestes casos existem algumas características do luto patológico do adulto -- anseio inconsciente pela pessoa perdida; censura inconsciente dirigida para esta última, associado a uma auto-acusação consciente e muitas vezes constante; cuidado compulsivo para cuidar de outras pessoas; uma negação do carácter irreversível da perda; etc --, chamando a atenção para um considerável aumento das preocupações relativas à morte, especialmente à do próprio e à das pessoas significativas.

Outros aspectos importantes são as esperanças de reunião com a pessoa morta, quer no sentido do seu regresso quer no desejo de ser a própria criança a reunir-

se-lhe (neste caso, podem surgir ideias suicidas); uma forte culpabilidade pela ocorrência da morte, o que pode ser fomentado pelo meio; comportamentos hiperactivos, eufóricos, agressivos e/ou destrutivos podem constituir defesas contra a tristeza, raiva e culpa, assim como acontece quando há uma autoconfiança excessiva e um desejo grande de independência; o desenvolvimento de uma sintomatologia semelhante à da pessoa que morreu; uma maior propensão para acidentes (estes dois últimos aspectos podem esconder uma grande culpabilidade); etc; etc.

No entanto, se as condições do meio forem favoráveis o processo de luto nas crianças pode ser semelhante ao luto sadio dos adultos. Essas condições referem-se especialmente a um relacionamento suficientemente seguro entre a criança e as figuras parentais, antes da perda; a existência de informações imediatas e claras sobre o sucedido, procurando-se esclarecer todas as dúvidas da criança; partilha por parte desta última do pesar familiar, incluindo os ritos fúnebres; a presença segura do progenitor sobrevivente ou seu substituto.

As crianças, mais que os adultos, dependem na elaboração do seu luto das circunstâncias predominantes na época em que ocorreu a morte.

Na elaboração do luto nos adultos, BOWLBY distingue quatro fases que podem coexistir ou alternar entre si, mas que geralmente seguem a seguinte ordem:

1. " fase de entorpecimento ", que pode durar entre algumas horas a uma semana, onde os sentimentos dominantes são a apatia, a negação, a estranheza, e algumas explosões de aflição e/ou raiva intensa;

2. Na segunda fase, que pode situar-se entre alguns meses a anos, há uma oscilação entre aceitar o carácter irreversível da perda e a esperança de um retorno, acompanhado de sentimentos de tristeza, aflição, raiva e culpabilidade. Aquilo que se observa é uma busca da pessoa perdida muito semelhante à primeira reacção descrita para as crianças pequenas quando há uma separação da figura materna;

3. No período seguinte, há aceitação da irreversibilidade da perda, associada a uma desorganização e desespero;

4. Finalmente, o sujeito tenta reorganizar-se e adaptar-se à sua nova situação.

Para que o luto tenha uma evolução favorável é necessário que o sujeito seja capaz de suportar estas oscilações do humor, aceitando gradualmente a perda, e quanto mais bem sucedido for nos seus novos papéis sociais mais confiante e independente tende a sentir-se, ainda que sentimentos de solidão persistam durante muito tempo. A partir daqui, se conclui que o suporte fornecido pelo meio tem uma influência bastante considerável.

Outra característica do luto, que quando persiste conduz a uma evolução patológica, consiste numa sensação da presença da pessoa morta, nomeadamente em objectos, animais ou noutras pessoas.

O processo de luto é geralmente acompanhado também de alterações sintomáticas, como dores de cabeça, insónias, perturbações do apetite, etc.

Saliente-se ainda os casos em que o sujeito ainda não morreu mas os familiares já receberam a notícia da sua morte próxima. As fases de luto são muito semelhantes, excepto na segunda onde em lugar da descrença na irreversibilidade

da morte se assiste a uma negação do prognóstico, o que se procura comprovar a todo o custo.

De qualquer forma, o processo de luto, assim como a angústia que a temática da morte desperta, depende bastante de características individuais e de aspectos circunstanciais. O luto é uma necessidade humana básica de reacção à perda do outro significativo, contribuindo para a redução dos sentimentos de culpa e de tristeza de quem fica; ele é essencial para a adaptação à perda e para a manutenção da saúde mental (BINGER e MALINAK, 1984; FEIFEL, 1990).

5.3. VARIANTES PERTURBADAS DO LUTO

Quando o luto evolui de uma forma patológica aquilo que se evidencia é uma exacerbação das características atrás descritas relativamente ao processo de luto normal, especialmente no que se refere à negação da irreversibilidade da morte e/ou da auto-acusação. Observa-se ainda uma redução, mais ou menos grave, na capacidade do enlutado reorganizar a sua vida e adaptar-se ao seu novo papel, bem como na manutenção das relações amorosas, de acordo com Bowlby entre outros.

Este distúrbio pode apresentar diversos graus de seriedade, podendo distinguir-se duas variantes: o luto crónico e a ausência de pesar.

O luto crónico encontra-se associado ao quadro depressivo, podendo incluir também sintomas de ansiedade, fobias, hipocondria ou alcoolismo.

Comparativamente com as fases de luto sadio, a fase de torpor é bastante mais longa conduzindo a que alguns sujeitos, aparentemente, não exteriorizem os seus sentimentos evitando pensar no sucedido e, como tal, de elaborar a perda.

Em muitos casos, há um reactivar do processo de luto no surgimento de acontecimentos tidos, para outros sujeitos, como insignificantes sem estarem, pelo menos directamente, relacionados com a morte ocorrida (mudança de casa, perda de um animal de estimação, de um objecto de valor simbólico, etc).

Aquilo que se observa nestes estados corresponde a uma versão ampliada e deformada das fases de anseio e busca, e de desorganização e desespero. Estes

sujeitos podem desenvolver ideias de suicídio, inclusive como tentativa de reunião com a pessoa morta, relações sociais conflituosas ou qualquer outra evolução negativa, o que pode conduzir mesmo à morte do próprio.

Na ausência prolongada de pesar consciente, o sujeito também não se adapta ao seu novo papel mas, contrariamente à situação anterior, a organização da vida decorre como se não tivesse existido qualquer alteração; há um isolamento entre os aspectos afectivos e cognitivos relativos à perda. No entanto, podem surgir perturbações psicológicas e/ou fisiológicas e, em certos casos, o sujeito, súbita e inexplicavelmente, desenvolve uma depressão aguda.

Esta variante pode ser compreendida como uma extensão, psicopatologicamente prolongada, da fase de torpor do luto sadio.

Existe ainda uma terceira variante, menos frequente, de luto perturbado que é a euforia, e que pode mesmo conduzir ao episódio maníaco.

Ela pode manifestar-se de duas formas: numa há uma forte recusa em se acreditar na morte da pessoa perdida fazendo-se acompanhar por um sentimento da presença desta última, enquanto que noutros casos a perda não só é reconhecida como se pretende vantajosa.

No primeiro caso, os desejos de apego continuam a ser dirigidos para a mesma pessoa, agora morta, enquanto que no segundo caso eles são negados numa tentativa desesperada de afirmação de uma suposta auto-suficiência.

Apesar de todas estas formas serem diferentes, têm em comum a crença, consciente ou inconsciente, que a perda é reversível, o que perpetua os

sentimentos de raiva e de culpa. O desenvolvimento do luto parece incompleto e o sujeito mostra-se incapaz de assumir o seu novo papel.

A forma como se processa a evolução do luto, ainda segundo o mesmo autor, depende não apenas das circunstâncias em que a morte ocorreu, dos factores contextuais após a mesma (saliente-se aqui a importância do suporte social e do culto dos mortos, uma vez que estes ajudam a fortalecer as redes sociais e de apoio mútuo), e do relacionamento com a pessoa que morreu, mas também das relações estabelecidas na infância e, especialmente, de como as elaborou e desenvolveu, bem como todas as outras relações ao longo da vida.

Parece existir uma maior incidência de luto patológico em sujeitos que tendem a estabelecer, desde a infância, relações de apego angustiada e ambivalente em direcção às pessoas significativas; em sujeitos que manifestam, a partir da infância ou adolescência, uma compulsão para cuidar dos outros; em sujeitos que apresentam uma grande autonomia relativamente aos laços afectivos.

No primeiro caso, a relação de apego com as figuras parentais foi de extrema tolerância por parte destes últimos, ameaça constante de perda de amor, grande distanciamento e desinteresse, etc.

Os sujeitos que se podem incluir no segundo grupo tiveram, na maioria dos casos, uma figura materna intermitente na sua presença e inadequada, durante a primeira infância que, por vezes, culminou com a sua perda total e/ou uma exigência, explícita ou não, de ser a própria criança a cuidar da alguma das figuras parentais (inversão de papéis geracionais).

Por seu lado, no terceiro caso, parecem predominar as experiências onde ocorreu a perda de uma das figuras parentais, ou de ambas, durante a infância, sem que o sujeito encontrasse um substituto ou pudesse manifestar o seu afecto.

Há ainda a salientar que aqueles que desenvolvem um luto patológico, de acordo com os estudos efectuados, não parecem ter tido relações estáveis e seguras, inclusive com as próprias figuras parentais. Estas, provavelmente, possuíam expectativas pouco realistas em relação a estes sujeitos que, por seu lado, tendem a representá-los acima de qualquer crítica ou, pelo contrário, de uma forma repulsiva e mesquinha tendo feito o sujeito todo o esforço para lhes agradar.

A partir daqui, parece haver uma tendência para se interpretar qualquer perda como um fracasso pessoal no estabelecimento e manutenção das relações, associando-se a isto uma grande avidez de afecto e um forte ressentimento pela pessoa perdida.

*“ Quando eu morrer batam em latas,
Rompam ao berros e aos pinotes --
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas.*

*Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajaezado à andaluza:
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro...*

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

VI. MORTE E IMORTALIDADE

O conceito de morte e a ansiedade por ele desencadeado encontra-se estritamente associado ao sentimento de imortalidade simbólica, identificado por LIFTON (1974) como " a tendência universal para a manutenção de um sentimento interno e contínuo de relação simbólica ao longo do tempo e espaço com os vários elementos da vida " (LIFTON, R., 1974, Living and Dying. Ed. R. J. Lifton and E. Olson, Boston, página 161).

Esta tendência, para pensarmos no futuro para além das nossas próprias vidas, funcionaria como uma defesa contra a ansiedade excessiva e insuportável evocada pela morte enquanto vazio e finitude.

Ao longo deste capítulo procurar-se-à uma breve análise deste conceito e da sua importância, comparativamente com outros, nomeadamente com a angústia perante a morte.

6.1. FORMAS DE IMORTALIDADE SIMBÓLICA

LIFTON (1974) foi um dos primeiros a chamar a atenção para o sentimento de imortalidade simbólica e para a sua importância na preservação da espécie humana. Este conceito deriva das ideias de Freud e de Jung sobre a criação de imagens significativas relacionadas com a morte e o após vida -- fornecidas pelos rituais fúnebres, crenças religiosas, mitologia da vida depois da morte, etc --.

A imortalidade simbólica pode ser tida como uma reflexão do Homem sobre um futuro que ele não poderá assistir porque se estende para além do seu tempo de vida, da sua finitude biológica, permitindo-lhe lidar com a ansiedade que se lhe associa.

Através deste sentimento, a vida assume uma continuidade, conexão e integridade, permitindo um equilíbrio entre as imagens ligadas à vida e à morte; um equilíbrio entre os pares de oposição conexão / separação, movimento / inércia e integridade / desintegração (ver capítulo III).

Esta problemática inscreve-se então, não apenas no projecto de vida de cada sujeito mas também no projecto histórico colectivo, ou seja, permite a cada indivíduo uma busca do sentido da sua vida mesmo para além da sua finitude, ao mesmo tempo que possibilita a manutenção da cultura e dos saberes adquiridos.

Do ponto de vista social, nas diferentes épocas e sociedades a cultura tem oferecido aos sujeitos modos de lidar com a morte: podem negá-la -- alguns povos

ditos primitivos não concebem sequer a morte física --; admitir que a vida continua para além do momento da morte; acreditar que haverá um renascimento e, como tal, o prolongamento da vida através de um novo ser; etc.

Toda a história da humanidade está impregnada destas imagens, permitindo uma certa continuidade face às constantes mudanças, ainda que elas próprias também sejam substituídas por outras, muitas vezes repetições do passado. Isto possibilita aos sujeitos suportar a ansiedade perante a morte, estabelecendo relações entre as gerações passadas, presentes e futuras.

Segundo MORIN (1976), o medo da morte é muito menos pronunciado nos povos arcaicos que nas sociedades mais evoluídas, porque nestas o indivíduo tem uma maior consciência da sua individualidade. " Quanto mais estável, mais rica, e mais « proprietária » se torna a vida dos homens, tanto mais violentos são o choque e a regressão infantil experimentados perante a morte, mais insofrida é a crença na sobrevivência, mais poderoso parece o deus, pai que tudo pode, e mais ardente é a prece submissa que lhe pede a imortalidade " (MORIN, E. 1976. " O Homem e a Morte " Ed. Europa-América, Lisboa, p. 169).

Acrescentando, mais à frente, " nas sociedades onde a individualização fez progressos decisivos exprimem-se, simultaneamente e contraditoriamente, a afirmação irreduzível do indivíduo que pretende a sua imortalidade própria (salvação pessoal) e a afirmação do indivíduo que deseja, através da sua participação cósmica, reencontrar-se no mundo (...).

Mas ao mesmo tempo esboça-se um terceiro movimento que tende a dissolver a imortalidade religiosa sob a erosão da crítica e da dúvida racional " (MORIN, E. 1976. Obra citada, p. 176).

Com o advento da ciência e de uma nova visão do mundo e do indivíduo, começa-se a pôr em causa a crença da imortalidade da alma e o homem depara-se perante a imagem de uma morte sem artefactos, impelindo para a sua negação ou o seu esquecimento ainda que, por vezes, essas tentativas resultem impotentes.

As diferentes expressões de imortalidade simbólica, que podem ser em número limitado, são essencialmente categorias da experiência humana, podendo agrupar-se em cinco modos ou formas : biológico, criativo, teológico, natureza e transcendental.

A expressão biológica da imortalidade simbólica está ligada ao sentimento de continuidade geracional, ou seja, consiste na ideia de se " continuar a viver ", mesmo após a morte, através dos descendentes. Este modo não é puramente biológico uma vez que não são apenas os genes que são transmitidos de pais para filhos mas também as crenças, histórias, ritos, linguagens, enfim a "cultura familiar". Este sentimento pode ser extensivo não apenas à família mas ainda aos amigos, aos grupos filiativos, à comunidade, à nação e, num extremo, à espécie humana; Lifton fala mesmo de um sentimento de "imortalidade biosocial", que estaria na base dos processos de cooperação e de estigmatização entre os grupos ou, num âmbito mais abrangente, do fenómeno da representação social.

LORENZ (1992) é de opinião que este sentimento tem vindo a decrescer, especialmente nas últimas gerações. Ele considera o excesso populacional como uma das causas para a apatia e o desinteresse pelo próximo, que se verificam na civilização moderna.

“ Quanto mais a humanidade se promiscui, mais premente se torna, para o indivíduo, a necessidade de « not get involved »; é por isso que hoje, precisamente nas maiores cidades, o roubo, o assassinio e a violação podem ocorrer à luz do dia e em ruas tumultuosas, sem que qualquer transeunte interfira. “ (LORENZ, K., 1992. Os Oito Pecados Mortais da Civilização. Litoral Edições, Lisboa, pág. 21).

Mas não é apenas esta “excessiva proximidade” que contribui para uma redução da expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica. Ainda segundo o mesmo autor, as gerações actuais de adolescentes manifestam um desinteresse pelos saberes e tradições das gerações precedentes.

O afastamento na relação pais/filhos, pelo estilo de vida de hoje, que possibilita apenas o reencontro no final do dia, dificulta ainda mais o processo de identificação dos filhos aos progenitores e, conseqüentemente, conduz a uma maior rejeição dos primeiros em relação aos segundos.

No entanto, o autor é de opinião que, ultrapassada a fase da adolescência, os jovens tendem a adoptar novamente os valores e tradições fundamentais difundidos pela geração mais velha.

A forma criativa expressa-se através do trabalho, das actividades de lazer, enfim de tudo o que se possa fazer e que seja susceptível de influenciar, directa ou indirectamente, os outros. Está presente nas obras literárias, criativas, nos ensinamentos dos professores para os seus alunos, nos cuidados médicos, etc.

Para Lorenz, “ a competição comercial do homem consigo mesmo; o tipo de pensamento utilitarista, que reduz o meio ao fim e arrasta ao olvido do objectivo original e, por fim, mas não menos importante, a geral degradação do sentimento - todos estes males encontram, nos fenómenos de desumanização que marcam a

ciência, o seu sedimento; constituem a causa, e não a consequência. “ (LORENZ, K. 1992. Obra citada, pág. 92).

O rápido desenvolvimento científico e tecnológico acompanhar-se-ia, assim, por uma necessidade premente de produção, onde a competitividade seria o principal ensinamento para as gerações mais jovens. O importante é produzir, ainda que, por vezes, se confundam os meios com os fins.

Desta forma, o modo criativo do sentimento de imortalidade simbólica fica reduzido a um “pensamento utilitarista” a ao ostracismo.

O modo teológico de imortalidade simbólica tem sido historicamente desenvolvido pelas instituições religiosas não apenas no sentido da promessa factual da vida depois da morte, mas também a um nível mais simbólico, como por exemplo, nos rituais de morte e de renascimento.

Associado às expressões anteriores, também nesta se verifica uma tendência para uma diminuição, até porque a importância das instituições, em geral, na opinião de vários autores entre os quais LORENZ (1992), está a decrescer, assim como os rituais associados ao fenómeno da morte (como foi referenciado no segundo capítulo deste trabalho).

OCHSMANN (1984), por seu lado, ao efectuar uma revisão bibliográfica sobre a ansiedade perante a morte e as crenças religiosas conclui sobre a existência de trabalhos bastante contraditórios; parece que estas últimas apenas podem funcionar como “ protecção “ contra o medo de morrer quando atingem um nível elevado e funcionam como um orientador dos comportamentos. No entanto, mesmo quando elas são eficazes, pode surgir o receio de uma punição no

após a morte, fazendo aumentar os níveis de ansiedade (FLORIAN e KRAVETZ, 1983).

O quarto tipo de imortalidade simbólica encontra-se associado ao sentimento de continuidade e comunhão com a natureza, quer em relação aos seus aspectos animados quer em relação aos inanimados. Este modo teria uma forte expressão em determinadas culturas e religiões, como as culturas japonesa e chinesa e a religião hindu, expressando-se também nas explorações espaciais e nas crescentes preocupações ecológicas.

Em relação a esta forma de imortalidade simbólica a opinião de vários autores diverge bastante. Por exemplo, para Lorenz também ela vai diminuindo de geração para geração. “ Na medida em que o homem civilizado, por intermédio de um vandalismo cego, destrói a natureza viva que o cerca e mantém, está ameaçado com a ruína ecológica. (...) Donde é que pode provir ao adolescente a veneração perante qualquer coisa, se tudo o que descortina à sua volta è obra humana (...). Até mesmo o céu estrelado se encontra velado ao citadine, pela altura dos edificios e pela opacidade química da atmosfera. “ (LORENZ, K. 1992. Obra citada, pág. 27).

Além disto, o autor chama ainda a atenção para a incapacidade o homem moderno em estar só consigo próprio e com a natureza, como se a sua vida agitada constituísse uma necessidade vital.

Mas nem todos os autores partilham esta posição. FIGUEIREDO (1993) defende uma perspectiva oposta ao afirmar que “ a tomada de consciência dos problemas relacionados com o meio ambiente tem aumentado a um ritmo vertiginoso. Ainda há poucas décadas (...) estes apenas preocupavam uma minoria

de cientistas e políticos.” (FIGUEIREDO, E. 1993. Angústia Ecológica e o Futuro. Edições Gradiva, Lisboa, pág. 11).

Para este autor, as gerações mais jovens estão a tomar consciência dos problemas ecológicos do nosso planeta, e para a urgência de uma mudança de atitudes a uma escala mundial.

“ As gerações actuais vivem num dilema dramático : ou esbanjarem as riquezas da Terra e introduzirem disfuncionamentos no equilíbrio do sistema ecológico terrestre, com consequências desastrosas no que respeita às condições de vida das gerações futuras, ou condicionarem praticamente toda a actividade humana à lógica de terem de ter em conta as necessidades das gerações futuras “ (FIGUEIREDO, E. 1993. Obra citada pág. 15)

Finalmente, a última forma é a transcendental, que seria um estado apenas psicológico reenviando para o sentimento de se ultrapassar os limites da vida quotidiana. Esta experiência é similar às vividas nas orientações religiosas, podendo ser encontrada através da expressão musical, da dança, desporto, criação artística, intelectual, no amor, etc.

CHRISTIE (1993) define por modo espiritual qualquer experiência que faça o sujeito sentir-se de uma forma holística ou transcendental com a realidade na qual se insere, mas que ao mesmo tempo permanece fora, não se encontrando limitado pelas fronteiras comuns do tempo, espaço ou pelo próprio corpo; é espiritual e não físico, tomando como exemplo a sensação de se estar, ao amanhecer, no topo de uma montanha. Este sentimento é um paradoxo da experiência humana, porque é algo irracional e também único e privado.

MORIN (1976) associa este sentimento ao êxtase: " no êxtase, já não sabemos se estamos mortos ou vivos. O êxtase é, pois, experiência vivida que ultrapassa todas as determinações que limitam o homem (...). Há duas grandes vias para chegar ao êxtase -- A da exasperação da vida: dança louca, actividade febril pura, sem desejar os lucros do trabalho, e a da rarefacção da vida: mortificação, ascese, actividade puramente intelectual, contemplação imóvel, hipnótica, muda. Ambas levam ao mesmo esquecimento da sua particularidade e da sua contingência, à mesma exaltação em que se confundem o eu e o mundo " (MORIN, E. 1976. Obra citada, pp. 208-210).

Este sentimento de imortalidade simbólica poderia ocorrer então através de qualquer uma das outras formas, manifestando-se por uma diminuição do sentimento de existência no espaço e no tempo podendo conduzir ao êxtase, mas enquanto que " os outros modos se reportam às conexões do self com o passado ou o futuro, este modo enfatiza a dissolução do self, e está totalmente centrado no aqui e agora.

É precisamente por este aspecto de vida-para-este-momento que Lifton crê que as pessoas tendem para este modo e se afastam dos outros quando o futuro da espécie humana é posto em dúvida (por exemplo, pela ameaça da guerra nuclear).

O modo transcendental de Lifton implica a procura de actividades intensas e agradáveis " (MATHEWS, R.; MISTER, R., 1987, "Measuring an individual's investment in the future: symbolic immortality, sensation seeking, and psychic numbness ". OMEGA - Journal of Death and Dying. Vol. 18, nº 3, pag. 163).

Lorenz é também da mesma opinião ao afirmar que " a crescente intolerância com o desprazer - conjugada com a atenuação do poder atractivo do prazer - induz

os homens a perder a capacidade de empreender trabalhos difíceis, cuja promessa de prazer reside no resultado posterior. Origina-se assim uma exigência impaciente da imediata satisfação de todos os desejos que despontam (...).

O esforço para evitar a todo o custo a tristeza levou, em muitos grupos culturais, a efeitos bizarros e macabros, na atitude perante a morte de seres queridos (...), a morte é recalcada (...), o morto desapareceu subitamente, não se fala mais nele, seria falta de tacto a ele aludir, actua-se como se ele jamais tivesse existido ." (LORENZ, K. 1992. Obra citada, pág. 42 - 44).

Estas cinco formas de imortalidade simbólica são, para Lifton, maneiras de diminuir a ansiedade perante a morte. Mas mais do que isso, elas possibilitam o prolongamento da espécie humana.

6.2. IMORTALIDADE SIMBÓLICA E ANSIEDADE PERANTE A MORTE

De acordo com alguns historiadores, entre os quais ARIÈS (1992), no século XX, e sob a influência das duas Grandes Guerras Mundiais, observa-se uma mudança drástica e irreversível na História da Humanidade.

“ O homem já não se concebe como um indivíduo livre, autónomo, independente de um mundo que influencia sem o determinar. Toma consciência de si na História, sente-se solidário no encadeado dos tempos e não pode conceber-se isolado da continuidade das eras anteriores. Tem curiosidade pela História como por um prolongamento de si próprio, por uma parte do seu ser. Sente, mais ou menos confusamente, que não lhe pode ficar estranho. Em nenhum outro momento da sua duração, a humanidade experimentou sentimento análogo. Cada geração, ou cada série de gerações, se apressava, pelo contrário, a esquecer as particularidades das eras que as precediam “ (ARIÈS, P. 1992. O Tempo da História. Ed. Relógio d'Água, Lisboa, pág. 29).

Pela primeira vez, o Homem sente necessidade de continuidade entre o passado pessoal e familiar e o passado histórico. O sentimento de imortalidade simbólica, traduzido nesta sequência entre passado, presente e futuro, surge como um “ amortecedor “ contra as pressões da sociedade actual.

“ Nas grandes cidades, onde se esbatiam os vestígios do passado regional, onde os acontecimentos da política nacional e internacional pareciam mais próximos, mais determinantes, o sentido do passado traduziu-se numa história política e conservadora. As políticas, com o seu passado particular, quer fossem

de tradição realista ou republicana, autoritária ou liberal, católica ou protestante, detinham uma herança de história -- a sua história particular -- a influência das grandes cidades, das técnicas de desenraizamento e de uniformização, com o habitat padrão, os banhos de mar e o fim-de-semana -- a manutenção e a transmissão de tal herança tornavam-se mais difíceis : dir-se-ia que já não tinham sentido, nem utilidade nem valor (ARIÈS, P. 1992, obra citada, pág. 41).

Esta mudança radical na relação do Homem com a história universal está, na opinião de FEIFEL (1990) entre outros, sobretudo, relacionada com os acontecimentos brutais após as duas Grandes Guerras Mundiais :

“ (...) Mais obrigatório foi, talvez, o lançamento da bomba atômica com o seu potencial de nos dar a todos um epitáfio comum. Não apenas a morte individual, mas posteriormente a imortalidade social, corre agora um risco. A ciência física tornou possível para nós destruímos não apenas a sociedade mas também toda a história “ (FEIFEL, H. 1990. “ Psychology and death “. American Psychologist. Vol. 45, nº 4, página 538).

De um sentimento de comunhão mais pessoal e comunitário, desenvolve-se a necessidade de um sentimento de continuidade com a história universal, juntamente com a possibilidade de cada homem se conceber englobado numa sequência temporal.

LIFTON (1974) é outro autor que chama a atenção para a relação entre este sentimento e a própria sobrevivência da humanidade.

" Os trabalhos deste autor alertam-nos para dois problemas interligados, mas susceptíveis de apreciações críticas díspares: o desejo de imortalidade,

exprimindo-se naquilo a que se chama « imortalidade simbólica », desejo de imortalidade neste mundo; as perturbações a que as manifestações deste desejo estariam sujeitas numa época em que se tornou possível a destruição da própria humanidade pela acção do homem, referindo-se sobretudo à ameaça nuclear. (...)

O autor considera que a necessidade de mantermos, nas mais diversas circunstâncias, o sentido da imortalidade permitir-nos-ia compreender a própria história da humanidade. A imortalidade simbólica daria ao homem a possibilidade de se manter relacionado não só com os antepassados, mas também com as gerações futuras " (FIGUEIREDO, E., 1993. *Angústia Ecológica e o Futuro*. Ed. Gradiva, Lisboa, pag. 41-42).

No início deste capítulo enfatizou-se a relação entre este sentimento e a ansiedade perante a morte; o primeiro funcionaria assim como uma forma de baixar essa ansiedade, permitindo a cada sujeito suportar a expectativa da sua aniquilação total e eterna, na qual repousa a própria noção de identidade pessoal, não esquecendo que a ansiedade perante a morte não possui uma estruturação fixa mas é sensível aos eventos do meio, em geral, e ao impacto das relações íntimas interpessoais, em particular, de acordo com TEMPLER e colaboradores (1971; 1976; 1990).

A ansiedade perante a morte seria, assim, influenciada por factores internos e externos, havendo três determinantes gerais: o estado de saúde física e psicológica, as experiências relacionadas com a morte, e com a incorporação do sentimento do próprio no universo, servindo de orientação para a vida e significação para a morte.

A crença na imortalidade da alma e a imortalidade simbólica conduzem a uma denegação da morte enquanto finitude e, como tal, permitem suportá-la sem uma angústia excessiva.

A crença na continuidade e comunhão com a natureza e, num âmbito mais geral, com todo o universo, pode diluir também o medo da morte individual.

O modo transcendental, ainda que tomando um carácter mais pessoal e inespecífico, permite também diminuir a ansiedade perante a morte, uma vez que possibilita um tipo de experiência para além dos limites da própria vida.

Em relação aos laços de parentesco e de amizade, eles representam uma forma de imortalidade na medida em que adquirem um simbolismo social (não bastam as relações de parentesco; elas "apenas" podem contribuir para a imortalidade biológica).

Este sentimento é extensivo às produções pessoais, porque, também elas, ao influenciarem o grupo, perpetuam a existência individual.

Lifton defende, assim, que este sentimento é um aspecto central no projecto humano, possibilitando explicar os processos de sociabilização da espécie humana e, a eles associados, o desenvolvimento histórico-social e antropológico.

Os períodos de transição caracterizam-se por um decréscimo na credibilidade das instituições sociais e, como estas são estruturas facilitadoras da partilha de imagens de imortalidade, o sentimento de imortalidade simbólica tende também a diminuir de intensidade. Isto explicaria, por exemplo, o aumento dos suicídios durante estes períodos, de acordo com o mesmo autor.

Assim, paradoxalmente, é quando esta necessidade humana de identificação com o futuro, e também com o passado, poderá possuir uma especial importância

que ela decresce. Particularmente, na sociedade de hoje, Lifton crê que este perigo é ainda maior colocando mesmo em risco a espécie humana.

Para ilustrar esta situação, este autor observou nos sobreviventes da bomba de Hiroshima uma quase ausência de sentimentos, que ele designou como " torpor psíquico " (" psychic numbness "), onde a vida deixava de ter significado vivendo-se cada momento como se nada mais restasse, nem a perspectiva do futuro nem a memória consoladora do passado.

LIFTON (1976) identifica cinco padrões de comportamento nos sobreviventes de situações que implicaram um contacto prolongado, real ou simbólico, com a experiência da morte :

- a existência permanente e indelével de imagens da morte e / ou de uma forte ansiedade perante a morte, associando-se à perda do sentimento de invulnerabilidade;
- a culpabilização da morte dos outros, que se traduz por uma interrogação do porquê de permanecer vivo quando se assistiu à morte de amigos e familiares, isto é, a ideia que a morte dos outros contribuiu para a sobrevivência do próprio;
- a quebra do contacto simbólico com o meio, permanecendo o sujeito numa espécie de " torpor psíquico ", o que constitui uma defesa contra a situação de morte imediata, conduzindo também a sentimentos de tristeza profunda, desespero e apatia mesmo quando a situação de perigo já não existe;
- a sensação de se ser um portador da morte, quer por parte do sobrevivente em relação a si próprio quer por parte dos outros em relação ao sobrevivente;
- a existência de tentativas para fornecer um novo significado à vida, sendo este um aspecto fundamental na ajuda psicológica a oferecer a estes sujeitos.

Além desta ameaça de guerra nuclear, existem ainda outros factores na nossa sociedade que podem contribuir para uma diminuição deste sentimento. Por exemplo, a fragmentação da estrutura familiar, onde o elevado número de divórcios é um aspecto bem ilustrativo, pode diluir a permanência dos laços familiares e a possibilidade de se ser recordado pelas gerações vindouras, assim como a lembrança das passadas.

A própria religião fornece uma ligação entre a vida e a morte através dos conceitos de Verdade, Eternidade e Absoluto, inseridos no imaginário colectivo, mas que, de acordo com FERNANDES (1991; 1993), o crescimento do individualismo fez fragmentar. Atravessada por dilemas e ansiedades crescentes, a vida é reduzida ao imediato e a morte surge como excessivamente frustradora e angustiante.

As instituições sociais em geral tendem a perder cada vez mais a sua importância contribuindo, desta forma, numa dimensão mais diminuta para o fortalecimento da imortalidade simbólica. A própria vida torna-se impessoal, ainda que a sociedade de hoje se preocupe cada vez mais com o problema dos direitos humanos.

Ainda segundo o mesmo autor, nas sociedades ocidentais industrializadas verifica-se uma perda de subjectividade humana e uma fragmentação na cadeia das ligações socio-culturais, em benefício do individualismo e da busca de controlo sobre a natureza e o próprio sistema humano.

" Em todo este processo, de múltiplas e sucessivas transformações, é atingido e envolvido o mundo experiencial humano, nomeadamente a subjectividade, a liberdade e a consciência do eu e da morte. Concepção do destino último,

aparecem indissociáveis " (FERNANDES, A: 1991. " Modernidade e eutanásia ". Sociologia, 1ª série, vol. 1, p. ?).

No caso português, FAFE (1993) procura analisar a existência, ou não, de uma crise de " identidade nacional " após o 25 de Abril de 1974, assim como a transmissão dos valores das gerações passadas e a incorporação de novas prioridades, desejos e necessidades.

Ao longo da história, " (...) referenciam-se aí várias crises de identidade : a crise de que desponta a nação -- 1383 - 1385, a crise que nos constituiu a identidade --, a dos fins do século XVI, a do século XIX com o liberalismo... E hoje, sem dúvida, Portugal passa por uma crise de identidade.

Há os elementos novos : a democracia, o estreitamento do território ao rectângulo europeu, os Açores e Madeira... Há elementos mortos, o mais importante dos quais será o Império, pelo qual ainda não terminámos completamente o « trabalho do luto ». Há os elementos que permanecem, os que garantem a nossa continuidade de nação, em primeiro lugar... o sentimento nacional.

(...) Portugal sofre apenas de uma crise de identidade. Não perdeu a sua identidade (...).

Nesta crise, observamos elementos que permaneceram firmes, um passado que não morreu (...), apenas nele se elaboram novas formas, e um novo projecto que desponta " (FAFE, J. 1993. Portugal : Meu Remorso de Todos Nós. Ed. Caminho, Lisboa, pp.. 42 - 44).

O autor é de opinião que Portugal está a passar, ainda, por um periodo de crise de " identidade nacional ", que se constitui fundamental para a sua evolução

enquanto país, uma vez que permite o seu fortalecimento através da constituição de novos projectos.

“ A adesão à Comunidade Económica Europeia e o seu corolário, os necessários planos modernizadores; a condição de membros da NATO; os laços com o Brasil e os estados de « expressão oficial portuguesa »; os núcleos da nação portuguesa formados pelos emigrantes que se espalham pelo Mundo... Quatro projectos “ (FAFE, J. 1993, obra citada, pág. 81).

Associando esta necessidade de ultrapassar a actual crise ao sentimento de imortalidade simbólica, o autor acrescenta : “ (...) Todo o processo de modernização provoca uma crise de identidade (...). É preciso que o modernizar seja sensível à tradição, capaz de a inteligir, tenha consciência das razões de força que ela manifesta... para ser bom progressista, há que ser bom conservador “ (FAFE, J. 1993, obra citada, pp. 110 - 112).

Para se ultrapassar a actual crise de valores, que muitos autores defendem existir no mundo ocidental industrializado, o sentimento de imortalidade simbólica desempenha um papel preponderante.

No entanto, parece surgir aqui um paradoxo, porque se, como é defendido na perspectiva de LIFTON, apenas o modo transcendental parece sobreviver à actual crise de valores, por ser o único que não necessita de uma continuidade temporal estando relacionado com as experiências imediatas.

Mas nem todos os autores partilham desta visão e, mesmo admitindo uma actual crise de valores, RAYMOND e SCHMITT (1982) são de opinião que a

ameaça de extinção da espécie humana está ainda longínqua, colocando em dúvida a ideia de uma tendência para a diminuição do sentimento de imortalidade simbólica, uma vez que não existem estudos histórico-antropológicos sobre este assunto.

Se o sentimento de imortalidade simbólica pode desencadear uma diminuição da ansiedade perante a morte, contribuindo para o perpetuar da espécie, pode também ser originado um movimento oposto, na opinião de MORIN (1976). Por exemplo, nos períodos de guerra assiste-se a uma dissolução da presença da morte em virtude do predomínio da afirmação da sociedade sobre a individualidade, ou seja, o social, nos momentos de guerra, impele o homem a procurar o perigo, o heroísmo, a exaltação no combate, convertendo-o em herói imortal que morre pela pátria, pelas gerações futuras.

" Sabedoria do combatente, do sábio, do legislador, que tem presente no espírito a universalidade superior, à qual consagra, enquanto procura o doce arrepio da glória. Sabedoria do « grande homem » que mantém a morte à distância ao continuar a sua obra imortal. Sabedoria também do pequeno homem, que, já que os grandes desde mundo morrem, sabe que seria presunção da sua parte pensar em escapar à lei comum (...). Orgulho do inventor: « A minha obra sobreviverá ». Enternecimento daquele que estende o seu amor a toda a descendência humana: « É para as gerações futuras que trabalho ». A amizade, a fraternidade, o ardor no trabalho, o bom calor social, o próprio valor da vida cívica, dispersam as aproximações da morte, afastam os temores nas extremas " (MORIN, E. 1976. Obra citada, p. 46).

De qualquer forma, parece inegável a importância deste conceito para a compreensão da história da humanidade e da sua evolução; ele possibilita a manutenção e continuidade de todos os tipos de agrupamentos humanos institucionalizados, possuindo um carácter psicológico que permite, ao mesmo tempo, a cada sujeito envolver-se no todo social sem perder jamais a sua identidade.

" O sacrifício das gerações mais velhas em relação às mais novas, das gerações actuais em relação às vindouras, o cuidado posto por todas as civilizações na transmissão de bens e valores, na herança em sentido lato, ganham um novo esclarecimento e sentido à luz da teoria da imortalidade simbólica " (FIGUEIREDO, E., obra citada, pag. 44).

A compreensão da necessidade em preservar e fomentar este sentimento permite então, de acordo com os autores atrás citados, não apenas uma preparação para a morte dando um significado à própria vida, mas ainda um aumento da coesão social associada a tomada de decisões no sentido da incrementação de acções duradouras na resolução de problemas sociais com impacto no futuro (por exemplo, em relação às questões ambientais e ligadas aos recursos energéticos).

“ Hoje, assiste-se a uma decadência da cidadania. Não há, ou há pouco, no sujeito, o interesse pelos interesses da sociedade, quem tem interesse em prever, tanto quanto lhe for possível, o futuro, para devidamente se preparar (...). Há um desinteresse pelos assuntos do Estado, da pólis, da comunidade nacional.

(...) Se se prevê, para o próximo milénio, um planeta mais superpovoado, mais poluído e mais ecologicamente instável, a primeira coisa que ocorrerá é a

necessidade de um projecto ecológico planetário, integrando respostas às questões do crescimento demográfico, da poluição, dos equilíbrios ecológicos. Quanto mais o futuro nos parecer crítico, mais se torna necessário um projecto para sairmos da crise.

(...) O que é urgente não é deitar fora a ideia de progresso, mas sim renová-la; permitir ao mesmo tempo a liberdade dos indivíduos e um maior interesse destes pelos problemas do Estado, da comunidade (...). Não se pode explicar a identidade do eu sem entrar em conta com a identidade do nós “ (FAFE, J. 1993, obra citada, pp. 259 - 272).

" A imortalidade simbólica veicula o desejo do homem em perpetuar-se, o maior tempo possível, através dos grupos sociais a que sente pertencer. A preservação dos referidos grupos sociais é condição necessária para tornar viável o referido desejo. Não será de surpreender que a consciência da própria morte individual seja atormentada pela expectativa da destruição, do desaparecimento dos grupos sociais nos quais cada um reconhece a sua continuidade. Eles funcionam como suporte das manifestações da imortalidade simbólica. "

(FIGUEIREDO, E., obra citada, pág. 48).

“ Muitas são as maravilhas do mundo, mas o homem supera-as a todas.

Mesmo para lá do mar de espuma, sob o impetuoso vento do sul, ele avança e atravessa as empoladas ondas que rugem em volta. E afadiga a Terra -- a suprema divindade, incansável e imortal -- ao guiar as charruas e revolvendo-a com a raça equina.

Ele persegue e depreda as alegres famílias dos pássaros. Com redes, o arguto engenho humano captura todas as espécies de animais selvagens e de criaturas marinhas. Com a sua astúcia chega a domar as feras agrestes das montanhas e subjuga o cavalo de longas crinas e o touro indómito dos montes.

Ele conhece a palavra, o pensamento alado, os costumes urbanos e sabe defender-se dos inóspitos frios, sob o sereno céu, e das fustigantes chuvas. Sagaz e sem medos, enfrenta o futuro. Só não pode encontrar salvação contra o Hades, embora saiba curar males sem remédio.

Embora invente sábios e úteis expedientes para além de toda a esperança, caminha necessariamente para o mal ou para o bem. Quando ele respeita as leis da pátria e dos númenes, engrandece a cidade; mas torna-se a sua ruína quando o orgulho os empurra para o mal. Não esteja mais ao meu lado, não fale mais comigo quem actua de tal forma.”

Sófocles in “ Antígona “

VII. HIPÓTESES E VARIÁVEIS

Hipótese 1 :

A ansiedade perante a morte é função inversa do sentimento de imortalidade simbólica, isto é, quanto maior o sentimento de imortalidade simbólica menor a ansiedade perante a morte.

Variável dependente : ansiedade perante a morte.

Variável independente : sentimento de imortalidade simbólica.

Hipótese 2 :

O sentimento de imortalidade simbólica é função da idade, isto é, quanto maior o sentimento de imortalidade simbólica maior a idade.

Variável dependente : sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : idade.

Hipóteses secundárias :

Existem diferenças no sentimento de imortalidade simbólica entre a adolescência média e a adolescência tardia.

Variável dependente : sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : adolescência.

Existem diferenças no sentimento de imortalidade simbólica entre os adolescentes e os seus progenitores.

Variável dependente : sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : gerações.

Existem diferenças no sentimento de imortalidade simbólica entre as diferentes faixas etárias.

Variável dependente : sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 3 :

Existem diferenças na expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações

Variável dependente : expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : gerações.

Hipóteses secundárias :

Existem diferenças na expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica entre diferentes faixas etárias.

Variável dependente : expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 4 :

Existem diferenças na expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações

Variável dependente : expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : gerações.

Hipótese secundária :

Existem diferenças na expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica entre diferentes faixas etárias.

Variável dependente : expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 5 :

Existem diferenças na expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações

Variável dependente : expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : gerações.

Hipótese secundária :

Existem diferenças na expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica entre diferentes faixas etárias.

Variável dependente : expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 6 :

Existem diferenças na expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações

Variável dependente : expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : gerações.

Hipótese secundária :

Existem diferenças na expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica entre diferentes faixas etárias.

Variável dependente : expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 7 :

Existem diferenças na expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações

Variável dependente : expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : gerações.

Hipótese secundária :

Existem diferenças na expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica entre diferentes faixas etárias.

Variável dependente : expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 8 :

Existem diferenças no sentimento de imortalidade simbólica entre os sexos.

Variável dependente : sentimento de imortalidade simbólica.

Variável independente : sexos.

Hipótese 9 :

A ansiedade perante a morte é função da idade, isto é, quanto maior a ansiedade perante a morte maior a idade.

Variável dependente : ansiedade perante a morte.

Variável independente : idade.

Hipóteses secundárias :

Existem diferenças na ansiedade perante a morte entre gerações

Variável dependente : ansiedade perante a morte.

Variável independente : gerações.

Existem diferenças na ansiedade perante a morte entre diferentes faixas etárias.

Variável dependente : ansiedade perante a morte.

Variável independente : faixas etárias.

Hipótese 10 :

Existem diferenças na ansiedade perante a morte entre sexos.

Variável dependente : ansiedade perante a morte.

Variável independente : sexo

VIII. PROCEDIMENTO

São aplicados a adolescentes entre os 16 e os 22 anos -- adolescência média e tardia --, em grupo e por escrito, um instrumento de medida que inclui :

1 - Algumas questões demográficas.

2 - Uma adaptação da “ Escala de Imortalidade Simbólica “, construída por MATHEWS e MISTER (1987), como medida do sentimento de imortalidade simbólica.

3 - Uma adaptação da “ Escala de Ansiedade Perante a Morte “, construída por TEMPLE (1986).

Com o objectivo de comparar o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte entre as gerações de adolescentes e os respectivos progenitores, na tentativa de uma maior e melhor compreensão deste fenómeno em diferentes fases do ciclo de vida, os mesmos instrumentos de medida são aplicados, individualmente e por escrito, aos pais do primeiro grande grupo de sujeitos.

Ao contrário, neste caso, os questionários são preenchidos sem a presença do examinador e individualmente (é solicitado aos adolescentes que levem os questionários para casa para os pais preencherem).

Com os resultados obtidos é efectuado o tratamento estatístico, de acordo com as hipóteses atrás mencionadas, sendo posteriormente analisados e colocadas novas hipóteses que poderão servir de base a futuros trabalhos.

Trata-se de um estudo correlacional - causal, envolvendo essencialmente duas variáveis dependentes -- o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte -- e duas variáveis independentes -- a idade / geração e o sexo --. Este método permite analisar as eventuais relações entre variáveis quando não é possível a sua manipulação experimental.

Procura-se, desta forma, uma maior compreensão sobre a importância e o funcionamento destes dois fenómenos em diferentes momentos do ciclo de vida, através dos quais parece haver um reexaminar dos objectivos de vida e o estabelecimento de novas perspectivas e metas para o futuro.

IX. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra deste trabalho é constituída por dois grandes grupos de sujeitos, num total de 177 casos :

- 64 adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e os 22 anos;
- 113 progenitores do grupo anterior.

A recolha da amostra é feito entre os alunos que frequentam o 11º e 12º anos lectivos da Escola Secundária de Oeiras, e respectivos pais.

Salienta-se que dos 120 questionários aplicados inicialmente aos adolescentes apenas 64 são alvo de tratamento estatístico, uma vez que nos restantes 56 não houve resposta por parte dos progenitores, representando uma mortalidade de 45%. Em 49 casos os questionários são respondidos por ambos os pais respondem, em 11 a resposta é devolvida pela mãe, e nos restantes 4 casos apenas o pai.

Em seguida, procede-se à descrição da amostra de acordo com as questões demográficas incluídas no questionário aplicado.

Estas questões, ainda que não sejam alvo de discussão e análise, uma vez que não existem estudos concludentes sobre as mesmas e, por isso, não parecem suficientemente relevantes para um tratamento estatístico aprofundado, são importantes porque permitem uma apreciação da amostra deste trabalho.

Elas são retiradas de um questionário sobre valores utilizado num estudo feito para a população portuguesa (FIGUEIREDO, E. 1988. Portugal : Os Próximos 20 anos. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, vol. II, pp. 116 - 119), por nos parecer bastante completo para uma caracterização sobre a situação de vida dos sujeitos e por ter sido construído para a população portuguesa.

1. Idade :

Todos os sujeitos do primeiro grupo da amostra são adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e os 22 anos (adolescência média e tardia).

Como se pode observar através de uma leitura directa dos dados obtidos, existem 17 sujeitos com 16 anos (9,6 % do total da amostra e 26.6 % do grupo de adolescentes), 6 sujeitos com 17 anos (3,4 % do total da amostra e 9.4 % do grupo de adolescentes) e 12 sujeitos com 18 anos (6,8 % referente à totalidade da amostra e 18.8 % relativamente apenas ao grupo de adolescentes), representando um total de 35 inquiridos (19,8 % da totalidade da amostra e 54.7 % dos adolescentes) incluídos no período da adolescência média. Em relação à adolescência tardia, num total de 29 sujeitos (20,0 % do total da amostra e 45.3 % referentes ao grupo de adolescentes), 13 possuem 19 anos (7,3 % de todos os sujeitos inquiridos e 20.3 % apenas do grupo de jovens), 6 sujeitos 20 anos e número igual com 21 anos (3,4 % do total da amostra e 9.4 % dos adolescentes), e 4 possuem no momento da aplicação dos questionários 22 anos (2.3 % da globalidade da amostra e 6.3 % do grupo de adolescentes). Pela análise do histograma concluímos que, para o grupo dos adolescentes, a curva é

próxima da normal, embora a percentagem de jovens com 17 anos seja bastante superior a qualquer uma das restantes.

Como já foi atrás referido, deste primeiro grupo obtêm-se um segundo grupo constituído pelos progenitores que respondem aos questionários solicitados, possuindo idades compreendidas entre os 35 e os 68 anos. Entre os 35 e os 45 anos, período considerado sem equívocos como pertencendo à meia-idade, encontram-se 64 sujeitos (36,2 % do total da amostra), dos 46 aos 55 anos, que muitos estudiosos consideram ainda meia-idade, observam-se 45 sujeitos (25,4 %),

enquanto que apenas 4 sujeitos têm pouco mais que 55 anos (2,3 %). Assim, a percentagem de progenitores, comparativamente com o total da amostra, que se encontra na meia-idade é de 61,6 % (109 inquiridos).

Se se considerar cada uma das idades dos progenitores, observamos que a maior quantidade de sujeitos possui 44 anos (12.4 % do grupo de pais), a segunda maior percentagem refere-se aos 42 ou 52 anos (10 sujeitos, ou seja, 8.8 % da totalidade dos progenitores), logo a seguir encontram-se 9 sujeitos com 41, 45 e 46 anos (8.0 % dos progenitores), 7 inquiridos com 47 anos (6.2 %), 6 sujeitos com 43 ou 49 anos (5.3 %), com 40 anos registam-se 5 progenitores (4.4 %), existem 4 sujeitos com 38,39,48 ou 50 anos (3.5 %), 3 sujeitos com 59 anos (2.7 % da aplicação dos questionários 35, 36, 37, 54 ou 68 anos (0.9 % em relação ao grupo de progenitores).

2. Sexo:

No grupo dos adolescentes, existem 22 sujeitos do sexo masculino (12,4 % da totalidade da amostra e 34.4 % referente apenas ao grupo de adolescentes), e 42 sujeitos do sexo feminino (23,7 % do total de sujeitos inquiridos e 65.6 % dos adolescentes), enquanto que dos progenitores 53 são do sexo masculino (29,9 % dos inquiridos e 46.9 % relativamente ao grupo de pais) e 60 do sexo feminino (33,9 % da globalidade da amostra e 53.1 % dos progenitores).

Assim, quer em relação ao global da amostra quer em relação a cada um dos grupos de sujeitos inquiridos, o número de elementos do sexo feminino é superior aos do sexo masculino (57,6 % no primeiro caso e 42,3 % para o sexo masculino), sendo essa diferença bastante superior no caso dos adolescentes.

3. Habilitações literárias :

Como já foi atrás referido, os jovens incluídos nesta amostra são oriundos do 11º e 12º ano de escolaridade, encontrando-se 37 sujeitos no primeiro grupo (20,9 % da amostra, ou seja, 57.8 % dos adolescentes) e 27 sujeitos a frequentar o 12º ano de escolaridade (15,3 % de todos os inquiridos e 42.2 % dos jovens).

Em relação aos pais, as suas habilitações escolares oscilam bastante, entre a 3ª classe e cursos após a licenciatura. Apenas 2 progenitores possuem a 3ª classe (1,1 % do total da amostra e 1.8 % de todos os progenitores questionados), 46 inquiridos a 4ª classe (26,0 % em relação ao total de sujeitos e 40.7 % do grupo de pais), 3 o ciclo preparatório (1,7 % do total da amostra e 2.7 % dos progenitores), 2 o 7º ano de escolaridade (1,1 % do total da amostra e 1.8 % dos

pais), 21 o 9º ano ou equivalente (11.9 % de todos os sujeitos e 18.6 % do grupo de pais), 11 sujeitos apresentam o 11º ano de escolaridade (6.2 % do total da amostra e 9.7 % apenas em relação aos pais), 8 sujeitos o liceu completo (4.5 % do global dos inquiridos e 7.1 % do grupo de pais), 7 um bacharelato (4.0 % de todos os sujeitos questionados e 6.2 % dos progenitores), 10 uma licenciatura (5.6 % do total e 8.8 % de todos os pais) e, finalmente, existem 3 sujeitos que continuaram os estudos após a licenciatura (1.7 % do total da amostra e 2.7 % de todos os progenitores). Saliente-se ainda, que a curva não é normal, oscilando muito os seus valores.

4. Estado civil :

Todos os adolescentes são solteiros (36.2 % da amostra), enquanto que nenhum dos pais se encontra nessa situação.

Existem 103 inquiridos casados (58.2 % do total da amostra, ou seja, 91.2 % de todos os progenitores), 2 vivendo maritalmente (1.1 % da totalidade e 1.8 % dos progenitores), apenas 1 é divorciado (0.6 % do total da amostra e 0.9 % referente ao grupo de pais), 4 encontram-se separados dos cônjuges (2.3 % da totalidade e 3.5 % dos pais) e 3 sujeitos vivem outras situações, neste caso, a viuvez (1.7 % do total e 2.7 % dos pais).

Desta forma, enquanto que todos os solteiros se encontram no primeiro grupo da amostra, no segundo grupo o estado civil que predomina claramente é o casado.

5. Situação em vida dos progenitores :

Nesta questão, pretendia-se saber se, cada um dos sujeitos possuía, ou não, os pais vivos.

No grupo dos adolescentes, em 60 casos ambos os progenitores são vivos (33.9 % do total da amostra e 93.8 % dos jovens), enquanto que apenas num caso a mãe faleceu (0.6 % de todos os sujeitos questionados e 1.6 % dos adolescentes) e em 3 situações o pai já morreu (1.7 % do total da amostra e 4.7 % do grupo de adolescentes).

No segundo grupo desta amostra, em 40 casos ambos os progenitores estão vivos (22,6 % para o global da amostra e 35.4 % do grupo dos progenitores), em 13 apenas o pai se mantém vivo (7.3 % da amostra e 11.5 % dos pais), em 29 casos é a mãe que está viva (16.4 % da amostra e 25.7 % dos pais), enquanto que nos restantes 31 sujeitos ambos os pais faleceram (17.5 % do total dos inquiridos e 27.4 % dos progenitores).

Assim, a maioria dos sujeitos da amostra possui ainda ambos os progenitores com vida (104 casos, ou seja, 58.8 %).

6. Situação de co-habitação dos pais :

Dos 60 adolescentes cujos progenitores se encontram vivos (89.1 %), em 53 casos estes últimos vivem juntos (82.8 %), enquanto que os restantes 7 habitam separadamente (10.9 %).

7. Co-habitação :

Apenas 1 adolescente vive sozinho (1.6 %), 10 habitam com outros jovens, num lar, residência, etc. (15.6 %), 52 moram com os pais (81.3 %), e 1 sujeito habita na companhia de outros familiares que não os pais (1.6 %).

8. Situação financeira :

Dos 64 adolescentes inquiridos, a maioria recebe uma mesada fixa (36 jovens, isto é, 56.3 %), 14 não recebe qualquer quantia fixa para as suas despesas pessoais (21.9 %), 8 sujeitos possui uma bolsa de estudo (12.5 %), 3 adolescentes têm um ordenado fixo (4.7 %) e os restantes não se encontram em qualquer uma das situações mencionadas (também 4.7 %).

9. Co-habitação durante o período da infância :

Até aos 10 anos de idade, dos 64 adolescentes incluídos na amostra, 61 viveram com os pais (95.3 %), 2 com outros familiares (3.1 %) e 1 noutra situação (1.6 %).

As questões seguintes, também feitas apenas pelos adolescentes, destinam-se a uma análise da situação sócio-económica dos sujeitos da amostra. Como a maioria dos inquiridos do primeiro grupo vive na dependência económica dos pais, não se julgou necessário questionar-se estes últimos.

10. Profissão :

Registam-se 10 casos cuja profissão de um dos progenitores se pode incluir num nível elevado, ou seja, quadro superior, profissão técnica ou científica ou grande proprietário agrícola (15.6 %), 20 sujeitos cujo pai / mãe ocupa, ou ocupou no caso de já ter falecido, uma profissão que se pode considerar de um nível médio/superior (31.3 %), 8 casos cujo pai/mãe é, ou foi, artista por conta própria numa oficina de reduzida dimensões ou proprietário de uma exploração de dimensão familiar (12.5 %), 20 sujeitos cujos progenitores, ou pelo menos um deles, trabalha ou trabalhou por conta de outrem sem uma função muito técnica ou especializada (31.3 %), 4 casos com um, ou ambos, os pais a desempenharem cargos de auxiliar (6.3 %) e, finalmente, registam-se 2 situações que não se incluem em nenhuma das atrás mencionadas (3.1 %).

11. Nível de instrução :

Em relação ao nível mais elevado de instrução dos pais, 10 adolescentes afirmam que os primeiros possuem um curso superior (15.6 %), 5 sujeitos incluem o pai/mãe com instrução mais elevada num curso médio (7.8 %), 21 adolescentes referem que, pelo menos um dos progenitores, tem o ensino secundário ou equivalente (32.8 %), 26 jovens incluem o progenitor com habilitações escolares mais elevadas no ensino básico (40.6 % e apenas dois sujeitos afirmam que os pais ou possuem o ensino básico incompleto ou nulo, ou então que não os incluem em nenhuma das categorias mencionadas (1.6 % em cada caso).

12. Fontes de rendimento :

Em relação às fontes de rendimento do progenitor que possui, ou possuía no caso de já ter falecido, uma profissão de nível mais elevado (de acordo com a listagem atrás constituída), em 12 situações o rendimento é obtido através de actividade liberal exercida ou de rendimentos de bens que possui (18.8 %), a maioria dos sujeitos -- 40 -- vive principalmente de um rendimento mensal fixo (62.5 %), em 2 casos não existem rendimentos próprios (3.1 %), 3 casos vivem de remunerações irregulares (4.7 %), existem 5 situações onde o sustento provem da segurança social (7.8 %) e, para terminar, 2 casos não se incluem em nenhuma das situações anteriores (3.1 %).

13. Conforto do alojamento :

Ainda referente ao grupo dos adolescentes, 4 afirmam que residem em habitações luxuosas (6.3 %), a maioria -- 45 casos -- numa categoria intermédia (70.3 %), enquanto que 15 inquiridos vivem em casas ou andares modestos (23.4 %).

14. Bairro :

Finalmente, sobre o bairro onde residem, 6 sujeitos afirmam habitar numa zona luxuosa (9.4 %), a maioria -- 53 situações -- num bairro considerado bom (82.8 %), 4 numa zona de construção económica (6.3 %), e apenas 1 refere que

o seu local de morada, apesar da casa possuir uma construção razoável, não tem água ou luz ou saneamento (1.6 %).

Assim, pela descrição das características da amostra pode-se observar que, em relação à classe social, a maioria dos inquiridos parece pertencer a um nível médio ou médio / superior.

X. INSTRUMENTOS DE MEDIDA

Os instrumentos de medida deste trabalho são dois questionários -- escalas de atitudes --, que permitem inferir sobre o sentimento de imortalidade simbólica e o grau de ansiedade perante a morte.

O sentimento de imortalidade simbólica é avaliado através de uma adaptação para a população portuguesa do “ Symbolic Immortality Questionnaire “, construído em 1987 por MATHEWS e MISTER e revisto em 1988 por MATHEWS e KLING.

Na sua versão original, este instrumento é constituído por 40 itens que reflectem as cinco dimensões do sentimento de imortalidade simbólica descritas por LIFTON.

Através da análise da matriz correlacional conclui-se que os itens possuem uma elevada correlação entre todos aqueles que são incluídos na mesma expressão de imortalidade simbólica, e baixa relativamente aos itens englobados nas restantes quatro dimensões. Isto indica um elevado poder discriminativo, por parte da medida original.

A correlação mais forte observa-se entre as expressões biológica e criativa, havendo uma correlação negativa entre os modos religioso e transcendental.

A análise de regressão com o factor idade indica que esta se encontra relacionada positivamente com o modo religioso e negativamente com o transcendental, não existindo valores significativos para os restantes (note-se que

este estudo é feito apenas com uma amostra de sujeitos adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos).

O questionário é ainda submetido a uma correlação com uma medida construída por ZUCKER (19??), que permite avaliar a procura de sensações, que é definida como “ uma necessidade em obter sensações e experiências novas e variadas, mesmo com possibilidade de existirem riscos nessa procura de experiências “ (MATHEWS, R.; MISTER, R. 1987. Measuring an individual's investment in the future : symbolic immortality, sensation seeking, and psychic numbness. OMEGA - Journal of Death and Dying, vol. 18, nº 3, pág. 37). São obtidas correlações significativas negativas entre a procura de sensações e os modos religioso e biológico, e correlações positivas significativas com os modos natureza e transcendental.

No estudo de MATHEWS e KLING, em 1988, a escala é reorganizada em 30 itens, também referentes às cinco dimensões do sentimento de imortalidade simbólica.

Procede-se à sua comparação com a “ Time Perspective Scale “ (GONZALEZ e ZIMBARDO, 1985) e com uma listagem de comportamentos sociais (MATHEWS, R.; KLING, K. 1988. Self - transcendence, time perspective, and prosocial behavior. Journal of Voluntary Action Research, nº 17, pp. 4 - 24). Também nesta reestruturação da escala se observa uma elevada correlação entre os itens incluídos na mesma dimensão do sentimento de imortalidade simbólica, com uma variação entre 0,79 e 0,90 no coeficiente de Cronbach, e baixa entre os itens de diferentes expressões.

Comparativamente com a “ Time Perspective Scale “, que permite avaliar a tendência para estabelecer objectivos e analisar os acontecimentos numa perspectiva de orientação para o passado, presente e futuro, juntamente com a listagem de comportamentos sociais, que se subdivide em comportamentos orientados para o social, o familiar e o associal, obtêm-se as seguintes associações :

- O modo biológico do sentimento de imortalidade simbólica encontra-se relacionado positivamente com uma atitude altruísta, mas apenas com os comportamentos sociais que afectam directamente os membros da mesma família.

- A expressão criativa associa-se aos conceitos de “ empatia “ e “ consciência social “, ultrapassando uma perspectiva familiar para uma abordagem mais social.

- A dimensão natureza encontra-se relacionada quer com valores mais familiares, quer com valores mais orientados para o social.

- O modo transcendental, por sua vez, associa-se a comportamentos geradores de prazer, incluindo comportamentos sociais e associais.

- Em relação à expressão religiosa, as correlações são pouco significativas.

No que se refere à “ Death Anxiety Scale “, ela é construída inicialmente por TEMPLER em 1970, sendo na sua versão original é composta por 15 itens, cujas correlações oscilam entre 0,42 e 0,57. Possui uma boa validade interna, uma vez que o coeficiente de correlação, obtido através de vários estudos (TEMPLER, D.; LONETTO, R. 1988. La Ansiedad Ante la Muerte. Ed. Zambeletti, Barcelona.) é significativo para um nível de significância de 0,01. Em relação à fiabilidade, o seu valor é de 0,83 (o teste - reteste é efectuado com um intervalo de três semanas).

Ao efectuarem-se correlações com outros instrumentos de medida, o valor é significativo comparativamente com o “ Fear of Death Scale “ (BOYARD, 1964), obtendo-se um resultado de 0,74 para um nível de significância de 0,01. A correlação com a subescala de ansiedade incluída no Minnesota Multiphasic Personality Inventory embora positiva não é significativa.

Assim, a “ Death Anxiety Scale “ constitui uma escala de ansiedade, mas com um poder discriminativo em relação à ansiedade geral.

Saliente-se ainda que, esta escala varia em função de vários factores, segundo trabalhos efectuados por alguns autores (TEMPLER, D.; LONETTO, R. 1988, obra citada) :

- As mulheres tendem a apresentar valores mais elevados de ansiedade perante a morte, comparativamente com os elementos do sexo masculino;
- Existem correlações significativas entre os membros do mesmo casal;
- Observam-se também correlações significativas entre os adolescentes e os seus progenitores;
- Em relação à idade, os estudos não são concludentes, ou não existem diferenças significativas ou a relação é inversa quando são incluídos sujeitos idosos na amostra;
- A ansiedade perante a morte encontra-se inversamente correlacionada com o nível académico:
- Excepto no caso de sujeitos de religião judaica, a ansiedade perante a morte diminui quando as crenças religiosas são elevadas, caso contrário não se encontram diferenças significativas;

- Este tipo de ansiedade encontra-se ainda associada positivamente com patologias psiquiátricas graves (esquizofrenias, neuroses obsessivo-compulsivas, depressões e transtornos de ansiedade);

- Ela encontra-se relacionada positivamente com a ansiedade perante o tempo (apreensão relativamente ao passar do tempo), com o auto-conceito negativo, uma baixa auto-realização profissional e social e com um locus de controlo externo;

- Finalmente, em relação às experiências com a morte de outrem, não parecem existir diferenças significativas, ou então, em diferentes trabalhos obtêm-se mesmo dados contraditórios.

Concretamente aos instrumentos de medida utilizados no presente trabalho, como já foi atrás referido, eles constituem adaptações para a língua portuguesa de questionários americanos.

A tradução de ambas as escalas é efectuada em dois sentidos : um grupo de trabalho converte o inglês original para o português, enquanto que outro grupo faz o movimento inverso. Comparam-se os resultados e precede-se às alterações julgadas necessárias.

Em seguida, é feito o pré-teste a um grupo de 93 sujeitos com idades compreendidas entre os 15 e os 70 anos, de ambos os sexos e com vários níveis de escolaridade (desde o saber ler e escrever até sujeitos com pós graduações universitárias). Após o pré-teste, verificou-se que as escalas eram compreendidas por toda a amostra, não sendo necessário proceder-se a grandes alterações.

Na sua versão final, os instrumentos aplicados são, então, constituídos por :

- Questionário do Sentimento de Imortalidade Simbólica, constituído por um total de 30 itens, subdivididos em cinco grupos de seis itens correspondendo a cada uma das cinco dimensões do sentimento de imortalidade simbólica - modo religioso, natureza, criativo, biológico e transcendental-. Esta escala possui, tal como a versão original, cinco valores (onde 1 corresponde a concordo completamente e o valor 5 a discordo completamente), de forma a que os valores mais baixos se refiram a um maior sentimento de imortalidade simbólica e os valores mais elevados a um menor grau;

- Questionário de Ansiedade Perante a Morte, num total de 15 itens, face aos quais os sujeitos apenas respondem se concordam ou discordam, havendo questões positivas e negativas e, como tal, para a obtenção de valor final é necessário proceder-se à tradução das respostas dos sujeitos através de uma grelha que converte as questões negativas em positivas. Os valores mais baixos da escala correspondem a uma fraca ansiedade perante a morte, enquanto que os mais elevados a uma alta ansiedade;

- Questões demográficas sobre a situação de vida, desde um aspecto mais pessoal (sexo, idade, habilitações escolares, estado civil e presença/ausência em vida dos progenitores) que são respondidas por todos os sujeitos incluídos na amostra, até uma vertente mais económico-familiar (que inclui questões sobre os rendimentos familiares, o tipo de casa e a zona habitacional) que apenas é respondida pelos adolescentes.

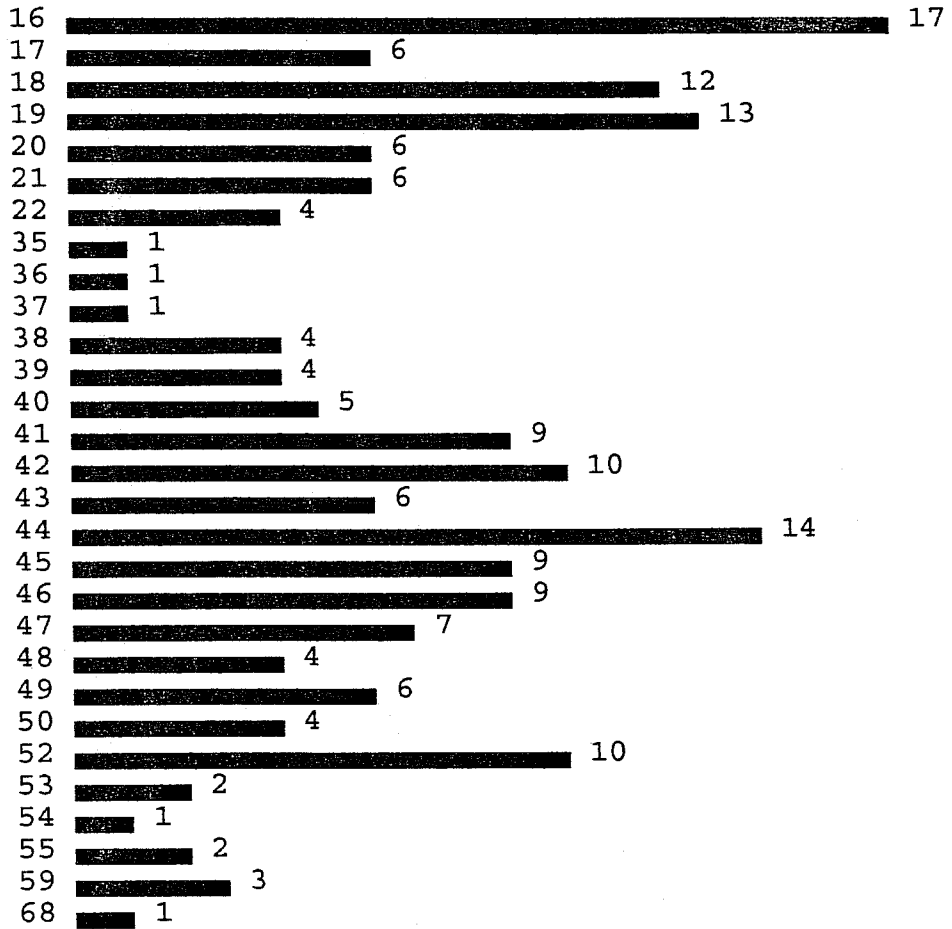
IX. RESULTADOS

Em seguida proceder-se-à a uma apresentação dos resultados obtidos através dos instrumentos de medida, o que inclui não apenas o tratamento estatístico efectuado em função das hipóteses propostas, mas também o efectuado para a análise descritiva da amostra e dos dados obtidos.

IDADE

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	16	17	9.6	9.6	9.6
	17	6	3.4	3.4	13.0
	18	12	6.8	6.8	19.8
	19	13	7.3	7.3	27.1
	20	6	3.4	3.4	30.5
	21	6	3.4	3.4	33.9
	22	4	2.3	2.3	36.2
	35	1	.6	.6	36.7
	36	1	.6	.6	37.3
	37	1	.6	.6	37.9
	38	4	2.3	2.3	40.1
	39	4	2.3	2.3	42.4
	40	5	2.8	2.8	45.2
	41	9	5.1	5.1	50.3
	42	10	5.6	5.6	55.9
	43	6	3.4	3.4	59.3
	44	14	7.9	7.9	67.2
	45	9	5.1	5.1	72.3
	46	9	5.1	5.1	77.4
	47	7	4.0	4.0	81.4
	48	4	2.3	2.3	83.6
	49	6	3.4	3.4	87.0
	50	4	2.3	2.3	89.3
	52	10	5.6	5.6	94.9
	53	2	1.1	1.1	96.0
	54	1	.6	.6	96.6
	55	2	1.1	1.1	97.7
	59	3	1.7	1.7	99.4
	68	1	.6	.6	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

IDADE



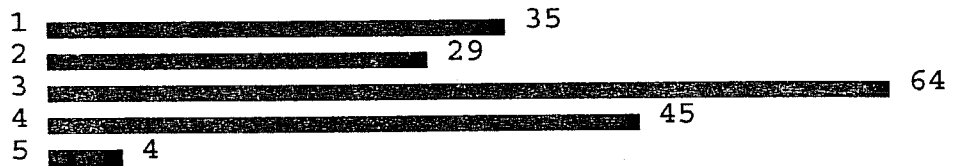
I.....I.....I.....I.....I.....I
 0 4 8 12 16 20

Mean	35.701	Median	41.000	Mode	16.000
Std Dev	13.862	Kurtosis	-1.403	Skewness	-.276
Range	52.000	Minimum	16.000	Maximum	68.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

FAIXAS ETÁRIAS

Value Label	Value	Valid Frequency	Cum Percent	Percent	Percent
	1	35	19.8	19.8	19.8
	2	29	16.4	16.4	36.2
	3	64	36.2	36.2	72.3
	4	45	25.4	25.4	97.7
	5	4	2.3	2.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



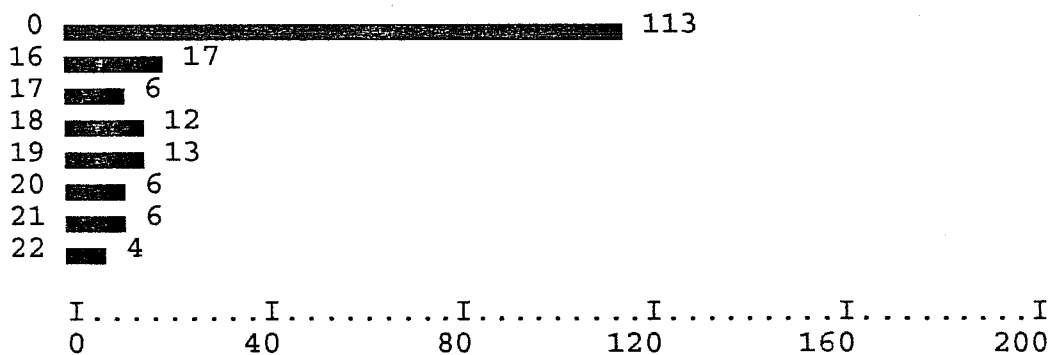
I.....I.....I.....I.....I.....I
 0 15 30 45 60 75

Mean	2.740	Median	3.000	Mode	3.000
Std Dev	1.113	Kurtosis	-.954	Skewness	-.245
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

IDADE DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	113	63.8	63.8	63.8
	16	17	9.6	9.6	73.4
	17	6	3.4	3.4	76.8
	18	12	6.8	6.8	83.6
	19	13	7.3	7.3	91.0
	20	6	3.4	3.4	94.4
	21	6	3.4	3.4	97.7
	22	4	2.3	2.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

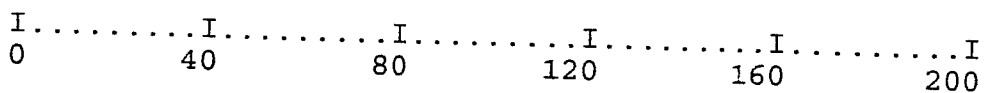
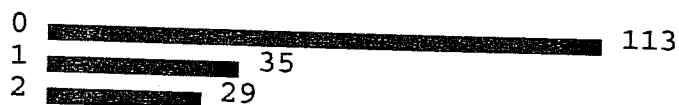


Mean	6.616	Median	.000	Mode	.000
Std Dev	8.888	Kurtosis	-1.545	Skewness	.632
Range	22.000	Minimum	.000	Maximum	22.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

ADOLESCÊNCIA MÉDIA/TARDIA EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	113	63.8	63.8	63.8
	1	35	19.8	19.8	83.6
	2	29	16.4	16.4	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

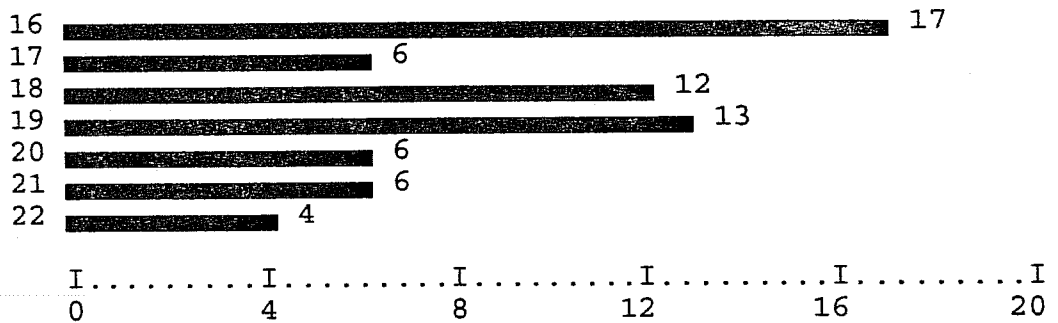


n	.525	Median	.000	Mode	.000
Dev	.762	Kurtosis	-.477	Skewness	1.044
ge	2.000	Minimum	.000	Maximum	2.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

IDADE DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	16	17	26.6	26.6	26.6
	17	6	9.4	9.4	35.9
	18	12	18.8	18.8	54.7
	19	13	20.3	20.3	75.0
	20	6	9.4	9.4	84.4
	21	6	9.4	9.4	93.8
	22	4	6.3	6.3	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	



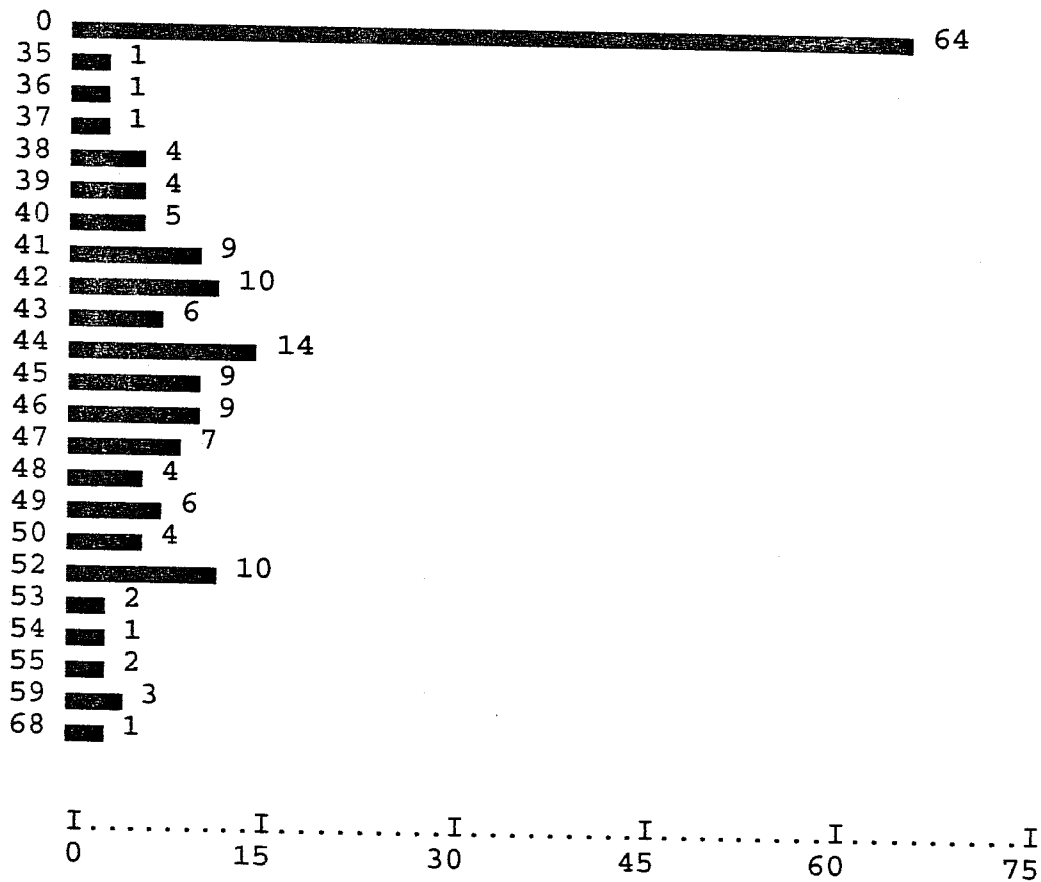
Mean	18.297	Median	18.000	Mode	16.000
Std Dev	1.883	Kurtosis	-.903	Skewness	.335
Range	6.000	Minimum	16.000	Maximum	22.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

IDADE DOS PROGENITORES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Valid Value	Cum Value	Frequency	Percent	Percent	Percent
	0		64	36.2	36.2	36.2
	35		1	.6	.6	36.7
	36		1	.6	.6	37.3
	37		1	.6	.6	37.9
	38		4	2.3	2.3	40.1
	39		4	2.3	2.3	42.4
	40		5	2.8	2.8	45.2
	41		9	5.1	5.1	50.3
	42		10	5.6	5.6	55.9
	43		6	3.4	3.4	59.3
	44		14	7.9	7.9	67.2
	45		9	5.1	5.1	72.3
	46		9	5.1	5.1	77.4
	47		7	4.0	4.0	81.4
	48		4	2.3	2.3	83.6
	49		6	3.4	3.4	87.0
	50		4	2.3	2.3	89.3
	52		10	5.6	5.6	94.9
	53		2	1.1	1.1	96.0
	54		1	.6	.6	96.6
	55		2	1.1	1.1	97.7
	59		3	1.7	1.7	99.4
	68		1	.6	.6	100.0
			-----	-----	-----	
	TOTAL		177	100.0	100.0	

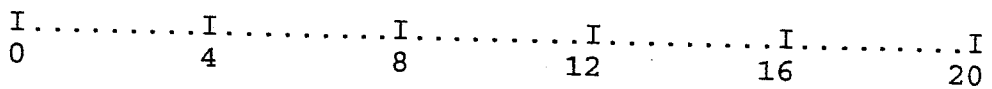
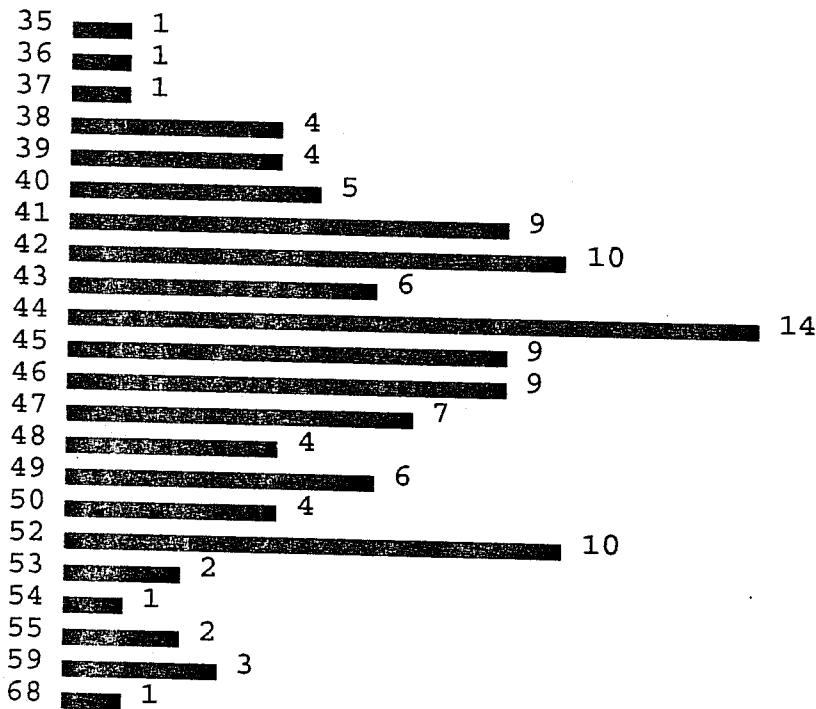
IDADE DOS PROGENITORES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA



n	29.085	Median	41.000	Mode	.000
Dev	22.365	Kurtosis	-1.619	Skewness	-.459
ge	68.000	Minimum	.000	Maximum	68.000
id Cases	177	Missing Cases	0		

IDADE DOS PROGENITORES

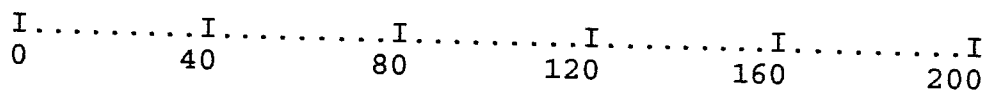
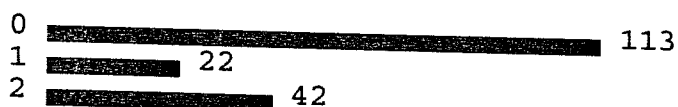
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	35	1	.9	.9	.9
	36	1	.9	.9	1.8
	37	1	.9	.9	2.7
	38	4	3.5	3.5	6.2
	39	4	3.5	3.5	9.7
	40	5	4.4	4.4	14.2
	41	9	8.0	8.0	22.1
	42	10	8.8	8.8	31.0
	43	6	5.3	5.3	36.3
	44	14	12.4	12.4	48.7
	45	9	8.0	8.0	56.6
	46	9	8.0	8.0	64.6
	47	7	6.2	6.2	70.8
	48	4	3.5	3.5	74.3
	49	6	5.3	5.3	79.6
	50	4	3.5	3.5	83.2
	52	10	8.8	8.8	92.0
	53	2	1.8	1.8	93.8
	54	1	.9	.9	94.7
	55	2	1.8	1.8	96.5
	59	3	2.7	2.7	99.1
	68	1	.9	.9	100.0
	TOTAL	113	100.0	100.0	



1	45.558	Median	45.000	Mode	44.000
Dev	5.372	Kurtosis	2.074	Skewness	1.009
ge	33.000	Minimum	35.000	Maximum	68.000

SEXO DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	113	63.8	63.8	63.8
	1	22	12.4	12.4	76.3
	2	42	23.7	23.7	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

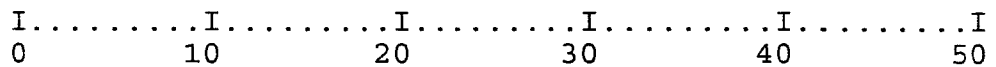


in	.599	Median	.000	Mode	.000
l Dev	.848	Kurtosis	-1.039	Skewness	.874
ge	2.000	Minimum	.000	Maximum	2.000

id Cases	177	Missing Cases	0
----------	-----	---------------	---

SEXO DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	22	34.4	34.4	34.4
	2	42	65.6	65.6	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

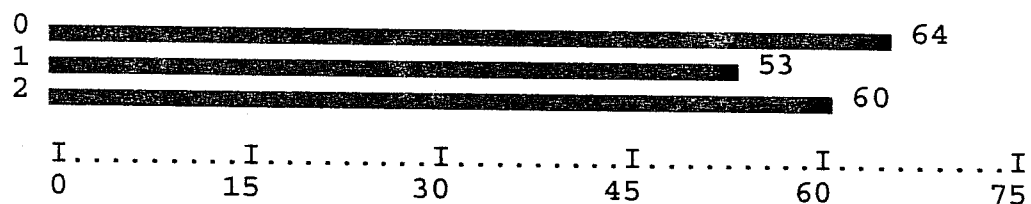


Mean	1.656	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.479	Kurtosis	-1.597	Skewness	-.674
Range	1.000	Minimum	1.000	Maximum	2.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

SEXO DOS PROGENITORES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	64	36.2	36.2	36.2
	1	53	29.9	29.9	66.1
	2	60	33.9	33.9	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

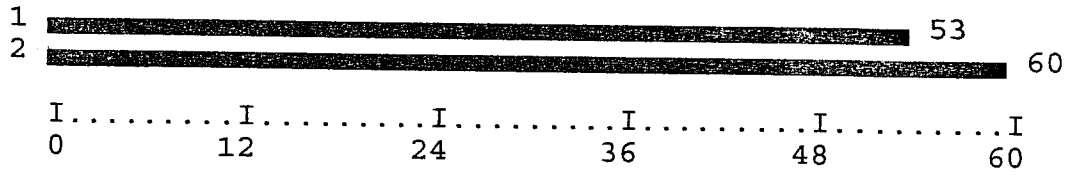


n	.977	Median	1.000	Mode	.000
Dev	.839	Kurtosis	-1.581	Skewness	.043
ge	2.000	Minimum	.000	Maximum	2.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

SEXO DOS PROGENITORES

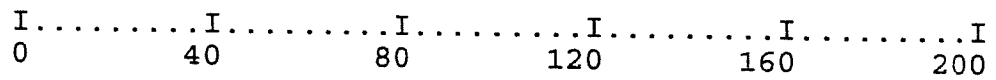
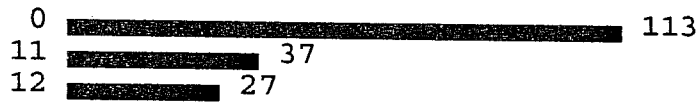
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	53	46.9	46.9	46.9
	2	60	53.1	53.1	100.0
	TOTAL	113	100.0	100.0	



Mean	1.549	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.551	Kurtosis	1.355	Skewness	.620
Range	3.000	Minimum	1.000	Maximum	4.000
Valid Cases	113	Missing Cases	0		

ESCOLARIDADE DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	113	63.8	63.8	63.8
	11	37	20.9	20.9	84.7
	12	27	15.3	15.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

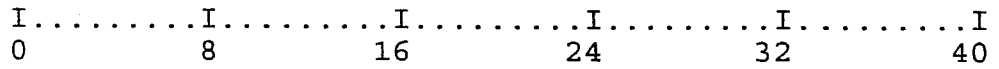


Mean	4.130	Median	.000	Mode	.000
Std Dev	5.511	Kurtosis	-1.657	Skewness	.590
Range	12.000	Minimum	.000	Maximum	12.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

ESCOLARIDADE DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	11	37	57.8	57.8	57.8
	12	27	42.2	42.2	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

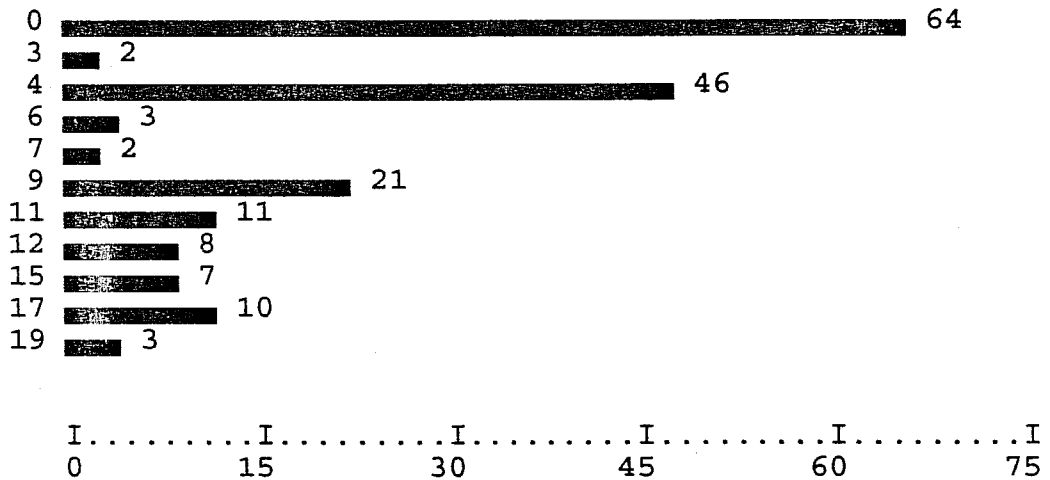


Mean	11.422	Median	11.000	Mode	11.000
Std Dev	.498	Kurtosis	-1.957	Skewness	.324
Range	1.000	Minimum	11.000	Maximum	12.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

ESCOLARIDADE DOS PROGENITORES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	64	36.2	36.2	36.2
	3	2	1.1	1.1	37.3
	4	46	26.0	26.0	63.3
	6	3	1.7	1.7	65.0
	7	2	1.1	1.1	66.1
	9	21	11.9	11.9	78.0
	11	11	6.2	6.2	84.2
	12	8	4.5	4.5	88.7
	15	7	4.0	4.0	92.7
	17	10	5.6	5.6	98.3
	19	3	1.7	1.7	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

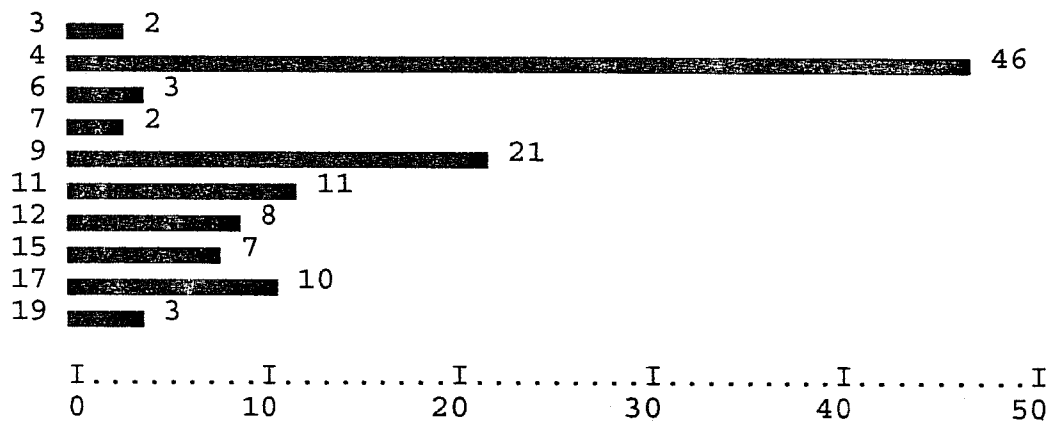


n	5.424	Median	4.000	Mode	.000
l Dev	5.583	Kurtosis	-.479	Skewness	.791
ge	19.000	Minimum	.000	Maximum	19.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

ESCOLARIDADE DOS PROGENITORES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	3	2	1.8	1.8	1.8
	4	46	40.7	40.7	42.5
	6	3	2.7	2.7	45.1
	7	2	1.8	1.8	46.9
	9	21	18.6	18.6	65.5
	11	11	9.7	9.7	75.2
	12	8	7.1	7.1	82.3
	15	7	6.2	6.2	88.5
	17	10	8.8	8.8	97.3
	19	3	2.7	2.7	100.0
	TOTAL	113	100.0	100.0	



Mean	8.496	Median	9.000	Mode	4.000
Std Dev	4.759	Kurtosis	-.809	Skewness	.633
Range	16.000	Minimum	3.000	Maximum	19.000

Valid Cases 113 Missing Cases 0

ESTADO CIVIL DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	113	63.8	63.8	63.8
	1	64	36.2	36.2	100.0
		-----	-----	-----	
	TOTAL	177	100.0	100.0	



I.....I.....I.....I.....I.....I

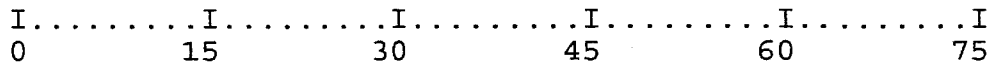
0 40 80 120 160 200

Mean	.362	Median	.000	Mode	.000
Std Dev	.482	Kurtosis	-1.681	Skewness	.581
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

ESTADO CIVIL DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	64	100.0	100.0	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

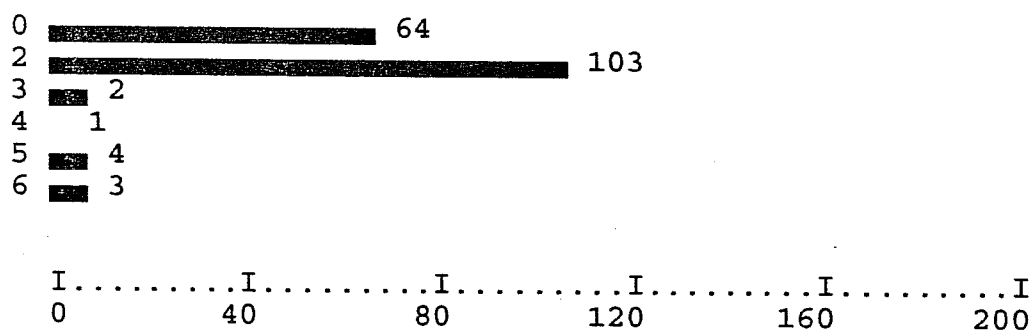


n	1.000	Median	1.000	Mode	1.000
Dev	.000	Range	.000	Minimum	1.000
imum	1.000				

id Cases 64 Missing Cases 0

ESTADO CIVIL DOS PROGENITORES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	64	36.2	36.2	36.2
	2	103	58.2	58.2	94.4
	3	2	1.1	1.1	95.5
	4	1	.6	.6	96.0
	5	4	2.3	2.3	98.3
	6	3	1.7	1.7	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

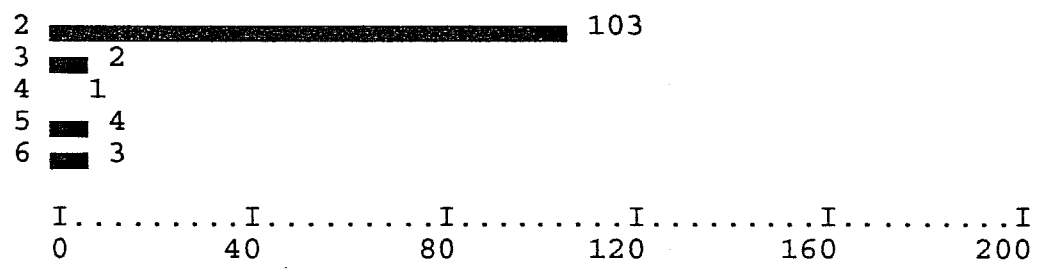


Mean	1.435	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	1.283	Kurtosis	1.915	Skewness	.873
Range	6.000	Minimum	.000	Maximum	6.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

ESTADO CIVIL DOS PROGENITORES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	2	103	91.2	91.2	91.2
	3	2	1.8	1.8	92.9
	4	1	.9	.9	93.8
	5	4	3.5	3.5	97.3
	6	3	2.7	2.7	100.0
	TOTAL	113	100.0	100.0	

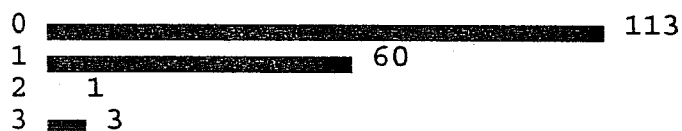


n	2.248	Median	2.000	Mode	2.000
Dev	.861	Kurtosis	11.212	Skewness	3.509
ge	4.000	Minimum	2.000	Maximum	6.000

Valid Cases 113 Missing Cases 0

PAIS DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	113	63.8	63.8	63.8
	1	60	33.9	33.9	97.7
	2	1	.6	.6	98.3
	3	3	1.7	1.7	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	.401	Median	.000	Mode	.000
Std. Dev.	.596	Kurtosis	4.124	Skewness	1.692
Maximum	3.000	Minimum	.000	Maximum	3.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

PAIS DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	60	93.8	93.8	93.8
	2	1	1.6	1.6	95.3
	3	3	4.7	4.7	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

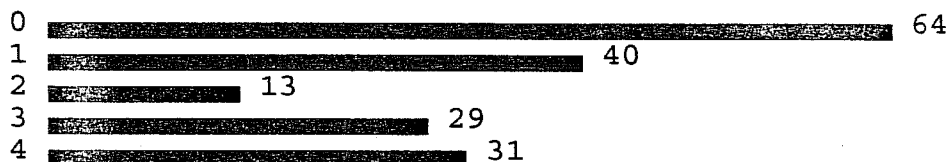


n	1.109	Median	1.000	Mode	1.000
Dev	.441	Kurtosis	14.893	Skewness	4.002
ge	2.000	Minimum	1.000	Maximum	3.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

PAIS DOS PROGENITORES EM RELAÇÃO AO TOTAL DA AMOSTRA

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	64	36.2	36.2	36.2
	1	40	22.6	22.6	58.8
	2	13	7.3	7.3	66.1
	3	29	16.4	16.4	82.5
	4	31	17.5	17.5	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

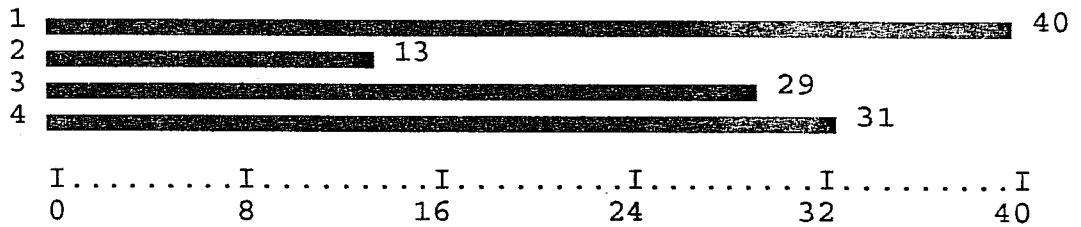


Mean	1.565	Median	1.000	Mode	.000
Std Dev	1.536	Kurtosis	-1.363	Skewness	.447
Range	4.000	Minimum	.000	Maximum	4.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

PAIS DOS PROGENITORES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	40	35.4	35.4	35.4
	2	13	11.5	11.5	46.9
	3	29	25.7	25.7	72.6
	4	31	27.4	27.4	100.0
	TOTAL	113	100.0	100.0	



n	2.478	Mode	1.000	Skewness	-.050
Median	3.000	Kurtosis	-1.611	Maximum	4.000
Standard Dev	1.233	Minimum	1.000		
Range	3.000				

Valid Cases 113 Missing Cases 0

SITUAÇÃO PARENTAL DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	4	6.3	6.3	6.3
	1	53	82.8	82.8	89.1
	2	7	10.9	10.9	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

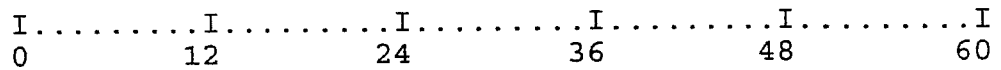


Mean	1.047	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.415	Kurtosis	3.070	Skewness	.336
Range	2.000	Minimum	.000	Maximum	2.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

CO-HABITAÇÃO DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	1	1.6	1.6	1.6
	3	10	15.6	15.6	17.2
	4	52	81.3	81.3	98.4
	5	1	1.6	1.6	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

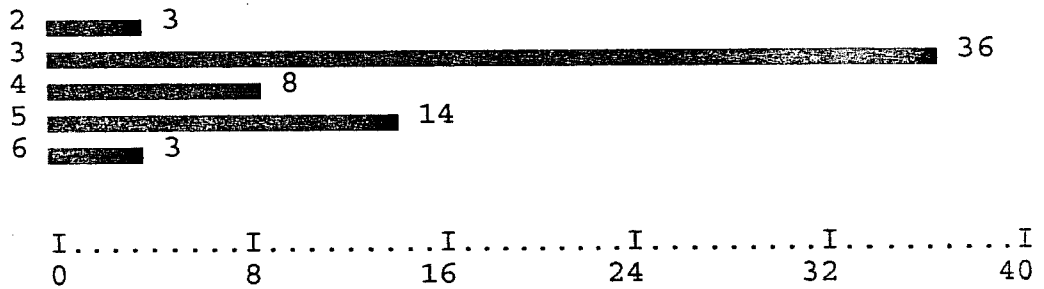


Mean	3.813	Median	4.000	Mode	4.000
Std Dev	.531	Kurtosis	12.024	Skewness	-2.804
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

SITUAÇÃO FINANCEIRA DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	2	3	4.7	4.7	4.7
	3	36	56.3	56.3	60.9
	4	8	12.5	12.5	73.4
	5	14	21.9	21.9	95.3
	6	3	4.7	4.7	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	



n	3.656	Median	3.000	Mode	3.000
l Dev	1.027	Kurtosis	-.550	Skewness	.743
ge	4.000	Minimum	2.000	Maximum	6.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

INFÂNCIA DOS ADOLESCENTES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	61	95.3	95.3	95.3
	2	2	3.1	3.1	98.4
	4	1	1.6	1.6	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

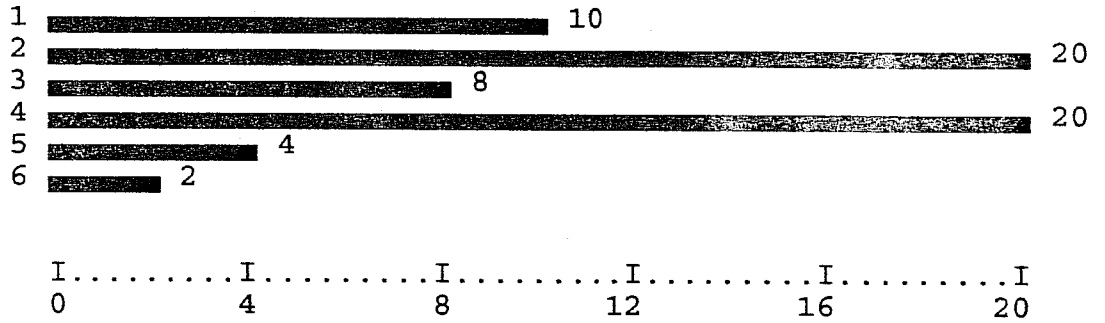


Mean	1.078	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.410	Kurtosis	42.615	Skewness	6.279
Range	3.000	Minimum	1.000	Maximum	4.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

PROFISSÃO DOS PROGENITORES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	10	15.6	15.6	15.6
	2	20	31.3	31.3	46.9
	3	8	12.5	12.5	59.4
	4	20	31.3	31.3	90.6
	5	4	6.3	6.3	96.9
	6	2	3.1	3.1	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

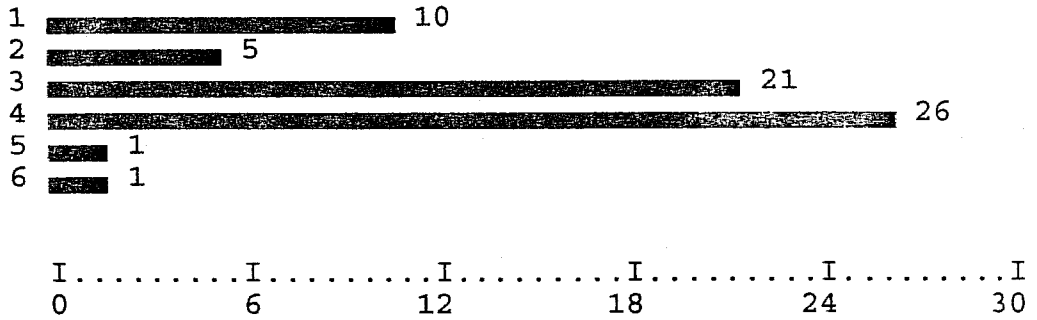


Mean	2.906	Median	3.000	Mode	2.000
Std Dev	1.342	Kurtosis	-.810	Skewness	.257
Range	5.000	Minimum	1.000	Maximum	6.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

INSTRUÇÃO DOS PROGENITORES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	10	15.6	15.6	15.6
	2	5	7.8	7.8	23.4
	3	21	32.8	32.8	56.3
	4	26	40.6	40.6	96.9
	5	1	1.6	1.6	98.4
	6	1	1.6	1.6	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

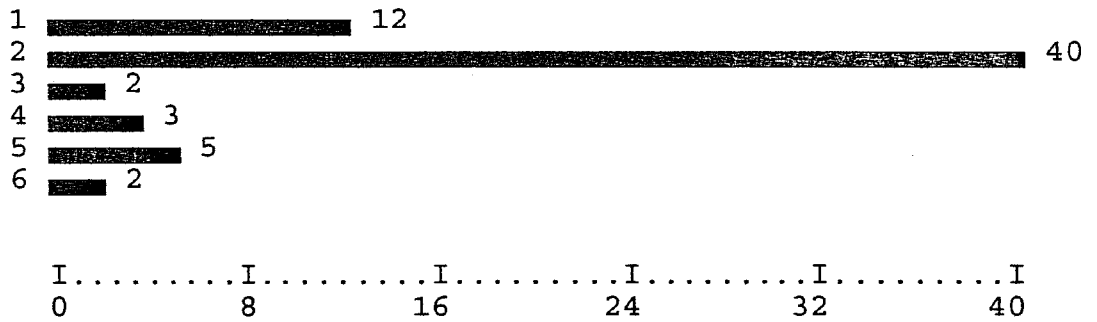


Mean	3.094	Median	3.000	Mode	4.000
Std Dev	1.151	Kurtosis	-.148	Skewness	-.511
Range	5.000	Minimum	1.000	Maximum	6.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

RENDIMIENTO DOS PROGENITORES

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	12	18.8	18.8	18.8
	2	40	62.5	62.5	81.3
	3	2	3.1	3.1	84.4
	4	3	4.7	4.7	89.1
	5	5	7.8	7.8	96.9
	6	2	3.1	3.1	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	

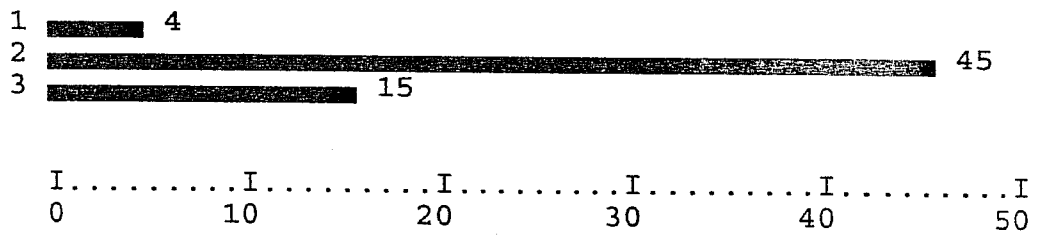


Mean	2.297	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	1.243	Kurtosis	1.991	Skewness	1.609
Range	5.000	Minimum	1.000	Maximum	6.000

Valid Cases 64 Missing Cases 0

TIPO DE ALOJAMIENTO

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	4	6.3	6.3	6.3
	2	45	70.3	70.3	76.6
	3	15	23.4	23.4	100.0
	TOTAL	64	100.0	100.0	



n	2.172	Median	2.000	Mode	2.000
Std. Dev	.521	Kurtosis	.317	Skewness	.215
Mean	2.000	Minimum	1.000	Maximum	3.000

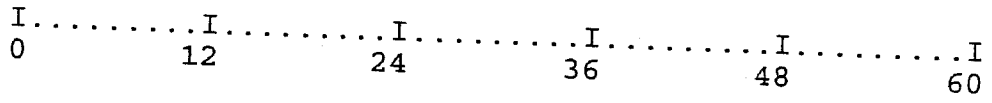
Valid Cases 64 Missing Cases 0

BAIRRO HABITACIONAL

Value Label

Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1	6	9.4	9.4	9.4
2	53	82.8	82.8	92.2
3	4	6.3	6.3	98.4
4	1	1.6	1.6	100.0

TOTAL	64	100.0	100.0	



1	2.000	Median	2.000	Mode	2.000
Dev	.471	Kurtosis	6.044	Skewness	.938
ge	3.000	Minimum	1.000	Maximum	4.000

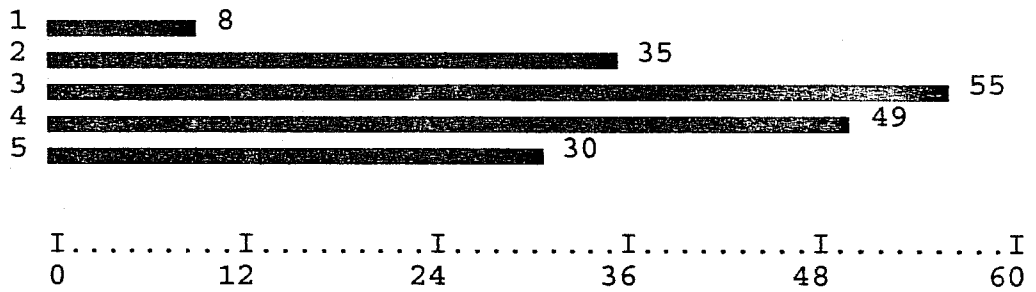
and Cases 64 Missing Cases 0

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA

(EXPRESSÃO RELIGIOSA)

R1

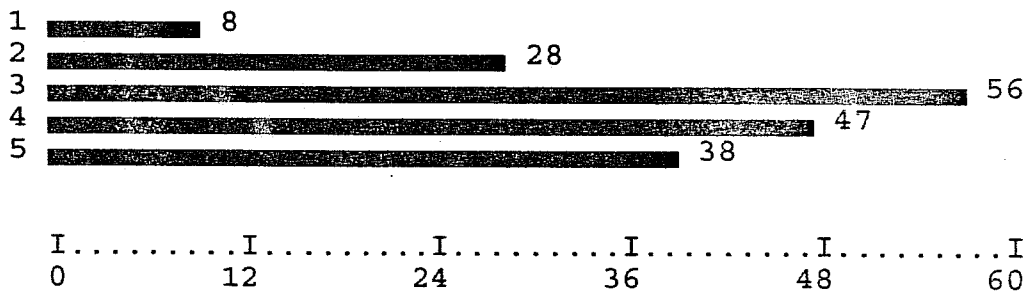
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	8	4.5	4.5	4.5
	2	35	19.8	19.8	24.3
	3	55	31.1	31.1	55.4
	4	49	27.7	27.7	83.1
	5	30	16.9	16.9	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	3.328	Median	3.000	Mode	3.000
Std Dev	1.110	Kurtosis	-.774	Skewness	-.124
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	8	4.5	4.5	4.5
	2	28	15.8	15.8	20.3
	3	56	31.6	31.6	52.0
	4	47	26.6	26.6	78.5
	5	38	21.5	21.5	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

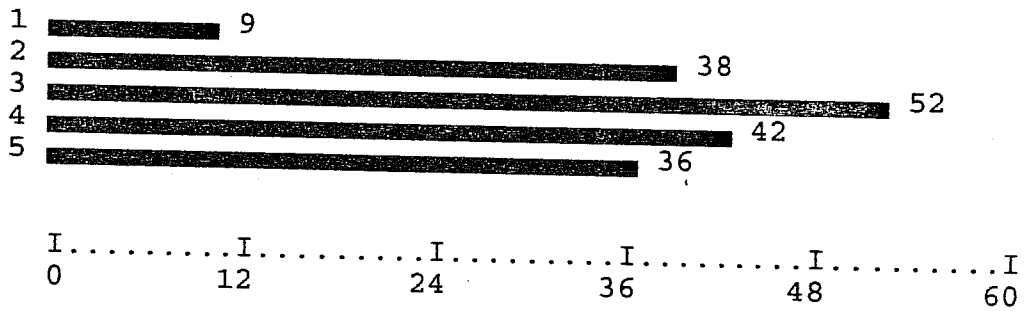


Mean	3.446	Median	3.000	Mode	3.000
Std Dev	1.127	Variance	1.271	Kurtosis	-.734
Skewness	-.226	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

R3

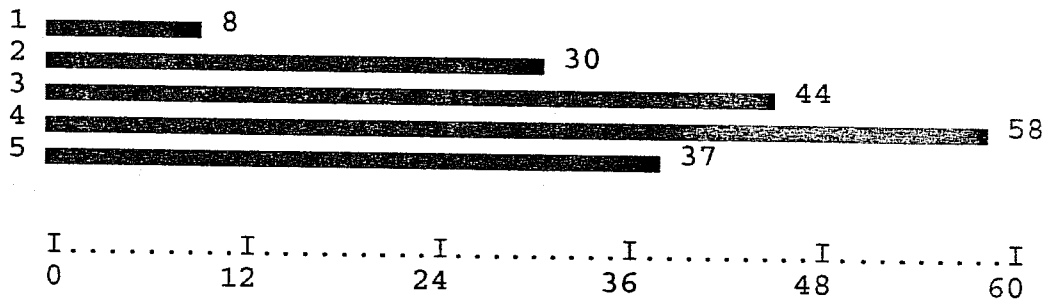
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	9	5.1	5.1	5.1
	2	38	21.5	21.5	26.6
	3	52	29.4	29.4	55.9
	4	42	23.7	23.7	79.7
	5	36	20.3	20.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	3.328	Median	3.000	Mode	3.000
Std Dev	1.170	Kurtosis	-.942	Skewness	-.083
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

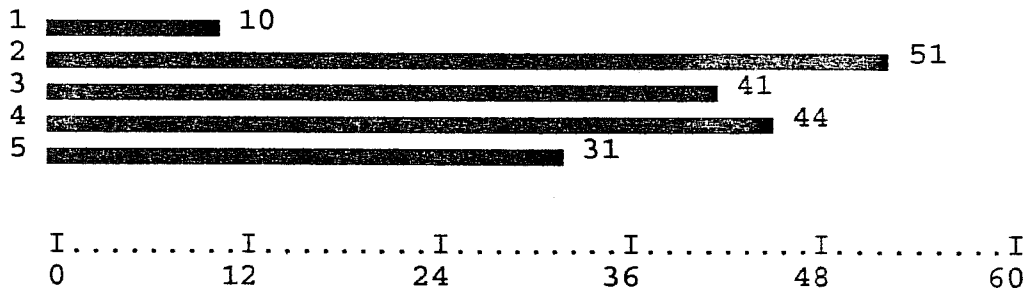
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	8	4.5	4.5	4.5
	2	30	16.9	16.9	21.5
	3	44	24.9	24.9	46.3
	4	58	32.8	32.8	79.1
	5	37	20.9	20.9	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	3.486	Median	4.000	Mode	4.000
Std Dev	1.134	Kurtosis	-.729	Skewness	-.355
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000
Valid Cases	177	Missing Cases	0		

R5

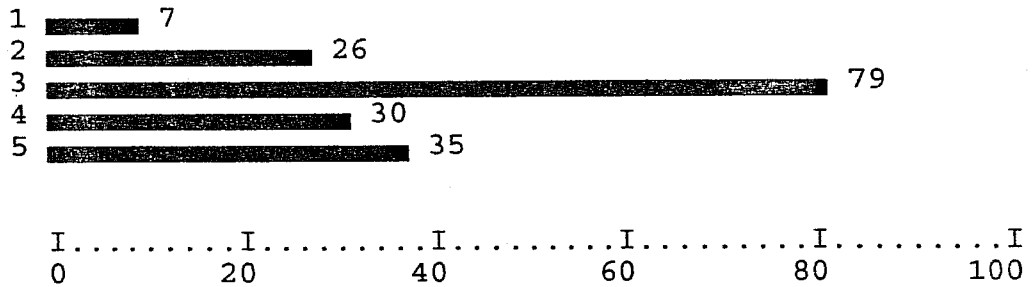
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	10	5.6	5.6	5.6
	2	51	28.8	28.8	34.5
	3	41	23.2	23.2	57.6
	4	44	24.9	24.9	82.5
	5	31	17.5	17.5	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	3.198	Median	3.000	Mode	2.000
Std Dev	1.197	Kurtosis	-1.093	Skewness	.034
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	7	4.0	4.0	4.0
	2	26	14.7	14.7	18.6
	3	79	44.6	44.6	63.3
	4	30	16.9	16.9	80.2
	5	35	19.8	19.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	3.339	Median	3.000	Mode	3.000
Std Dev	1.076	Kurtosis	-.566	Skewness	.065
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

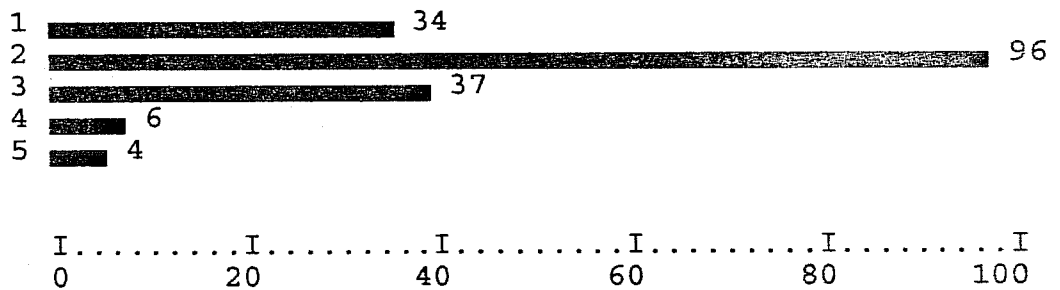
Valid Cases	177	Missing Cases	0
-------------	-----	---------------	---

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA

(EXPRESSÃO CRIATIVA)

C1

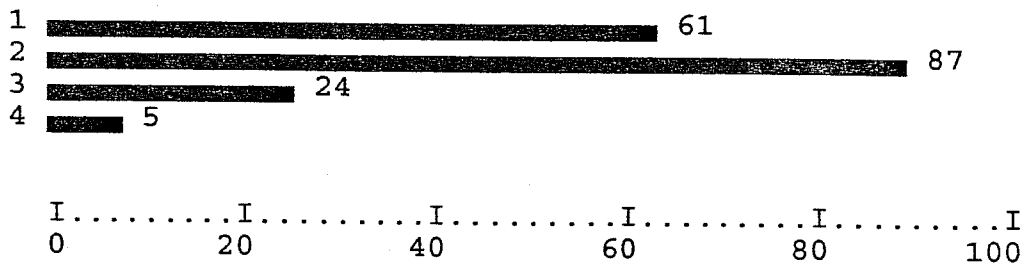
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	34	19.2	19.2	19.2
	2	96	54.2	54.2	73.4
	3	37	20.9	20.9	94.4
	4	6	3.4	3.4	97.7
	5	4	2.3	2.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	2.153	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.849	Kurtosis	1.608	Skewness	.942
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	61	34.5	34.5	34.5
	2	87	49.2	49.2	83.6
	3	24	13.6	13.6	97.2
	4	5	2.8	2.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

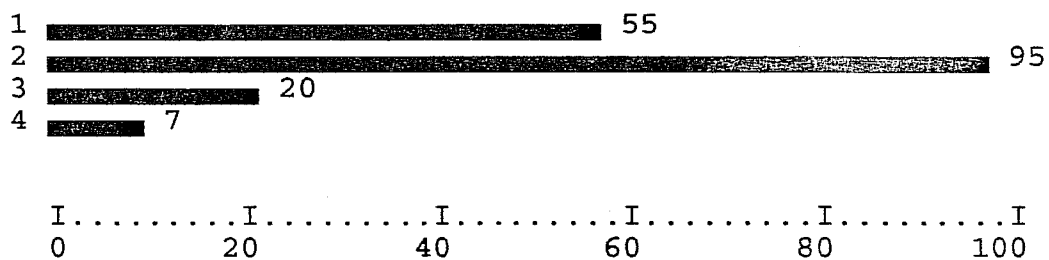


Mean	1.847	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.757	Kurtosis	.191	Skewness	.659
Range	3.000	Minimum	1.000	Maximum	4.000

Valid Cases	177	Missing Cases	0
-------------	-----	---------------	---

C3

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	55	31.1	31.1	31.1
	2	95	53.7	53.7	84.7
	3	20	11.3	11.3	96.0
	4	7	4.0	4.0	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

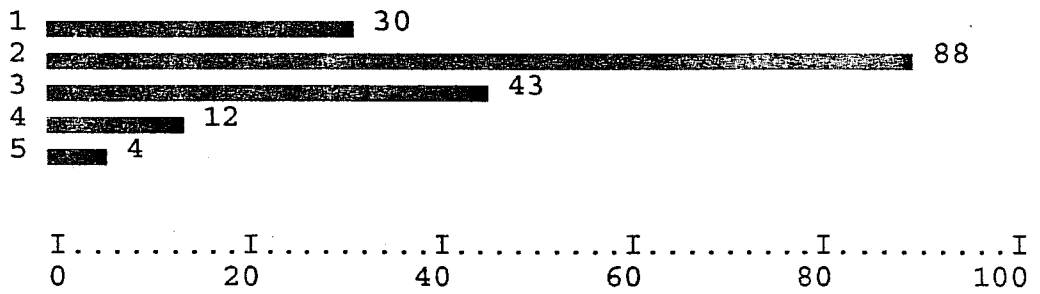


Mean	1.881	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.756	Kurtosis	.654	Skewness	.760
Range	3.000	Minimum	1.000	Maximum	4.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

C4

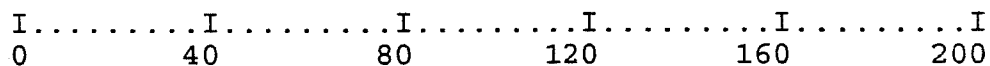
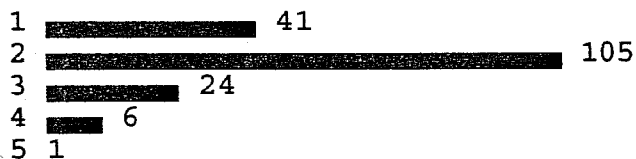
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	30	16.9	16.9	16.9
	2	88	49.7	49.7	66.7
	3	43	24.3	24.3	91.0
	4	12	6.8	6.8	97.7
	5	4	2.3	2.3	100.0
		-----	-----	-----	
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	2.277	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.903	Kurtosis	.646	Skewness	.735
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

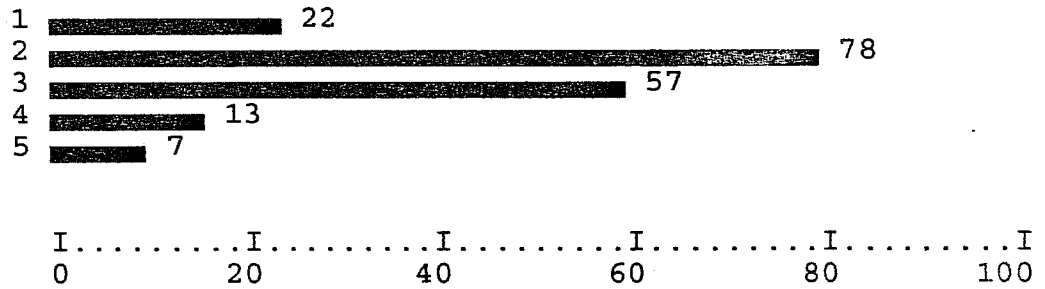
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	41	23.2	23.2	23.2
	2	105	59.3	59.3	82.5
	3	24	13.6	13.6	96.0
	4	6	3.4	3.4	99.4
	5	1	.6	.6	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	1.989	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.746	Variance	.557	Kurtosis	1.590
Skewness	.848	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	22	12.4	12.4	12.4
	2	78	44.1	44.1	56.5
	3	57	32.2	32.2	88.7
	4	13	7.3	7.3	96.0
	5	7	4.0	4.0	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	2.463	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.942	Variance	.886	Kurtosis	.476
Skewness	.644	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

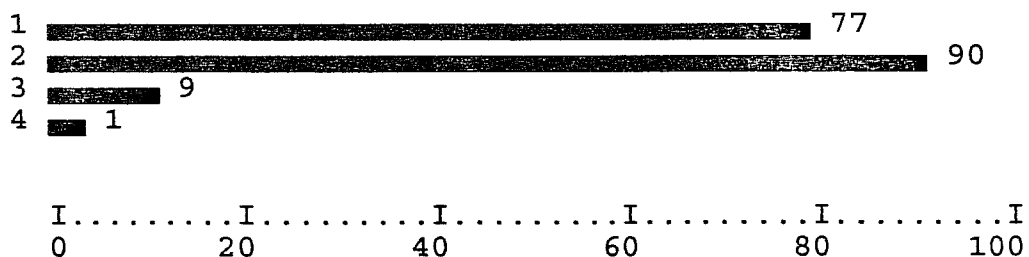
Valid Cases 177 Missing Cases 0

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA

(EXPRESSÃO NATUREZA)

N1

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	77	43.5	43.5	43.5
	2	90	50.8	50.8	94.4
	3	9	5.1	5.1	99.4
	4	1	.6	.6	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

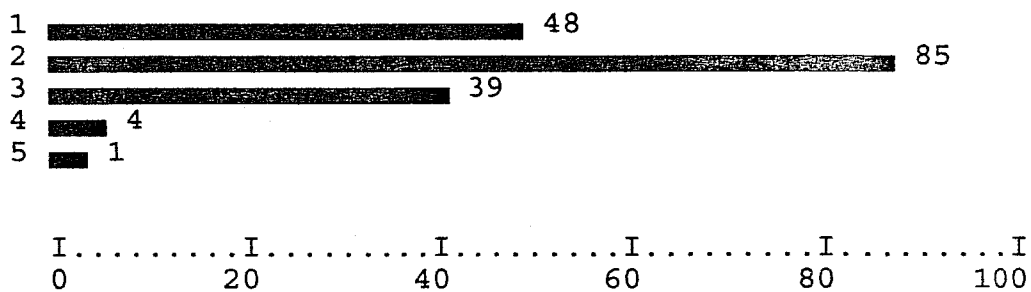


Mean	1.627	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.610	Variance	.372	Kurtosis	.241
Skewness	.567	Range	3.000	Minimum	1.000
Maximum	4.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

N2

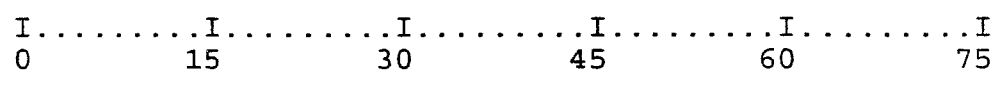
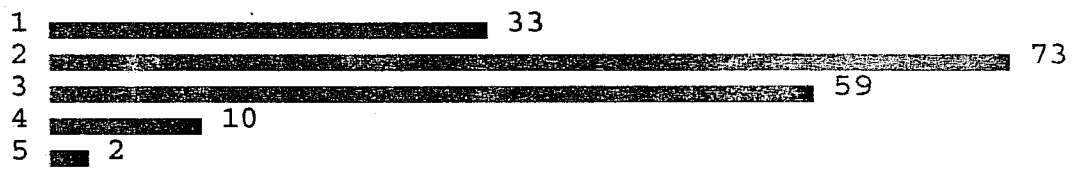
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	48	27.1	27.1	27.1
	2	85	48.0	48.0	75.1
	3	39	22.0	22.0	97.2
	4	4	2.3	2.3	99.4
	5	1	.6	.6	100.0
		-----	-----	-----	
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	2.011	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.798	Variance	.636	Kurtosis	.286
Skewness	.523	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

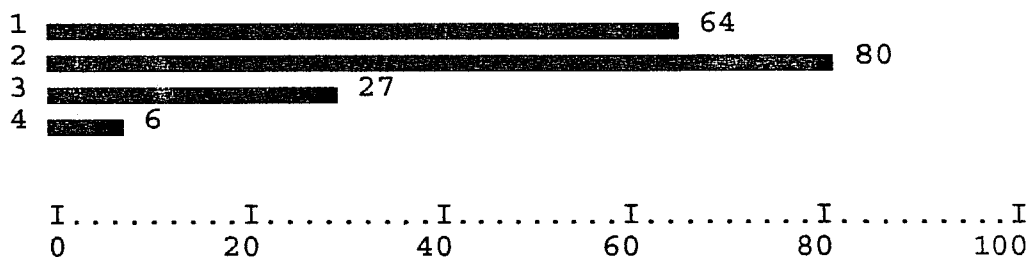
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	33	18.6	18.6	18.6
	2	73	41.2	41.2	59.9
	3	59	33.3	33.3	93.2
	4	10	5.6	5.6	98.9
	5	2	1.1	1.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	2.294	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.875	Variance	.765	Kurtosis	-.045
Skewness	.316	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	64	36.2	36.2	36.2
	2	80	45.2	45.2	81.4
	3	27	15.3	15.3	96.6
	4	6	3.4	3.4	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

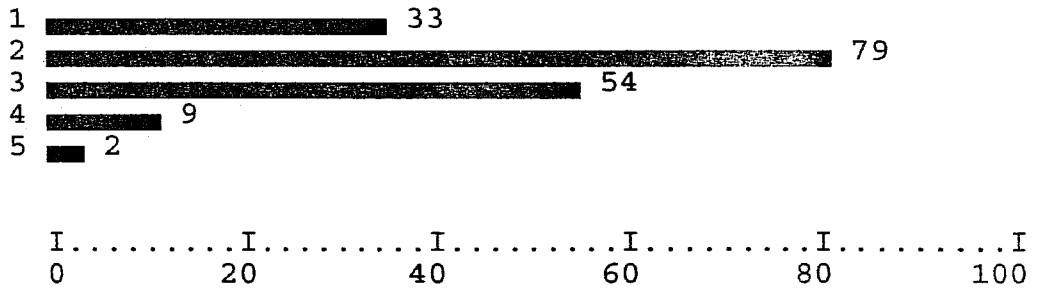


Mean	1.859	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.796	Variance	.633	Kurtosis	-.021
Skewness	.670	Range	3.000	Minimum	1.000
Maximum	4.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

N5

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	33	18.6	18.6	18.6
	2	79	44.6	44.6	63.3
	3	54	30.5	30.5	93.8
	4	9	5.1	5.1	98.9
	5	2	1.1	1.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

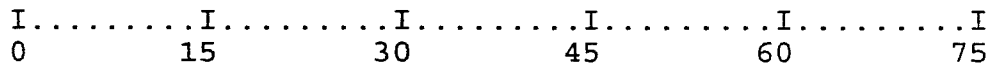
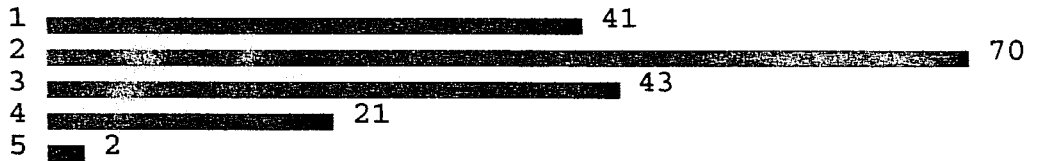


Mean	2.254	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.858	Variance	.736	Kurtosis	.159
Skewness	.412	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

N6

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	41	23.2	23.2	23.2
	2	70	39.5	39.5	62.7
	3	43	24.3	24.3	87.0
	4	21	11.9	11.9	98.9
	5	2	1.1	1.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



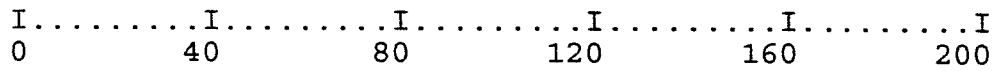
Mean	2.282	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.988	Variance	.977	Kurtosis	-.496
Skewness	.443	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA
(EXPRESSÃO BIOLÓGICA)

B1

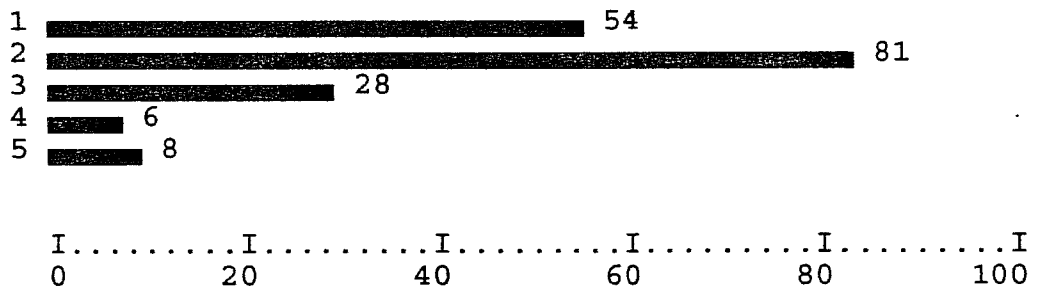
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	139	78.5	78.5	78.5
	2	33	18.6	18.6	97.2
	3	2	1.1	1.1	98.3
	4	3	1.7	1.7	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	1.260	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.564	Variance	.318	Kurtosis	8.427
Skewness	2.661	Range	3.000	Minimum	1.000
Maximum	4.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

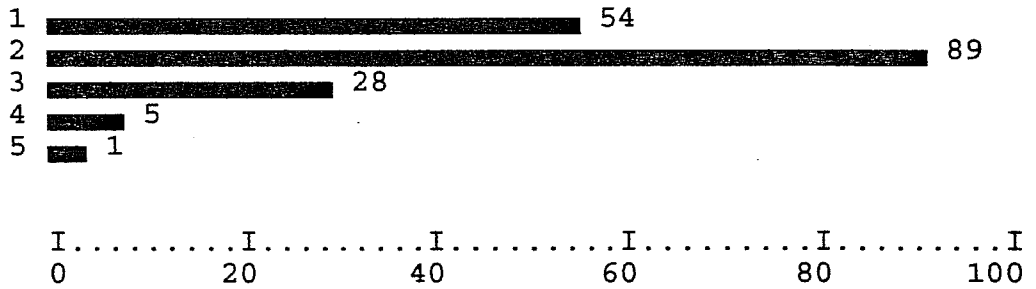
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	54	30.5	30.5	30.5
	2	81	45.8	45.8	76.3
	3	28	15.8	15.8	92.1
	4	6	3.4	3.4	95.5
	5	8	4.5	4.5	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	2.056	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	1.004	Variance	1.008	Kurtosis	1.434
Skewness	1.180	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

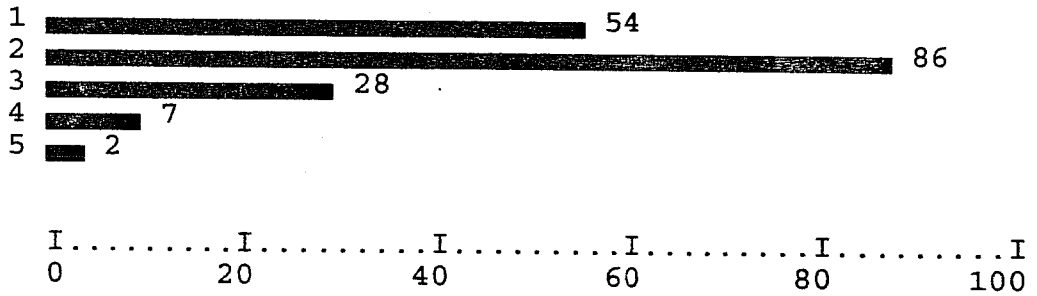
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	54	30.5	30.5	30.5
	2	89	50.3	50.3	80.8
	3	28	15.8	15.8	96.6
	4	5	2.8	2.8	99.4
	5	1	.6	.6	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	1.927	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.791	Variance	.625	Kurtosis	.837
Skewness	.759	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

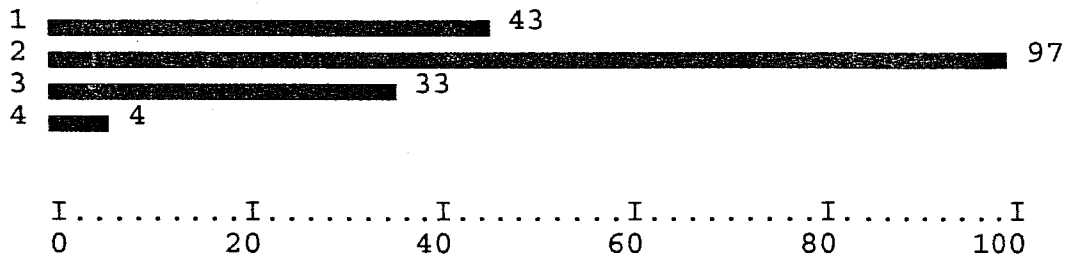
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	54	30.5	30.5	30.5
	2	86	48.6	48.6	79.1
	3	28	15.8	15.8	94.9
	4	7	4.0	4.0	98.9
	5	2	1.1	1.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	1.966	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.852	Variance	.726	Kurtosis	1.054
Skewness	.901	Range	4.000	Minimum	1.000
Maximum	5.000				

Valid Cases 177 Missing Cases 0

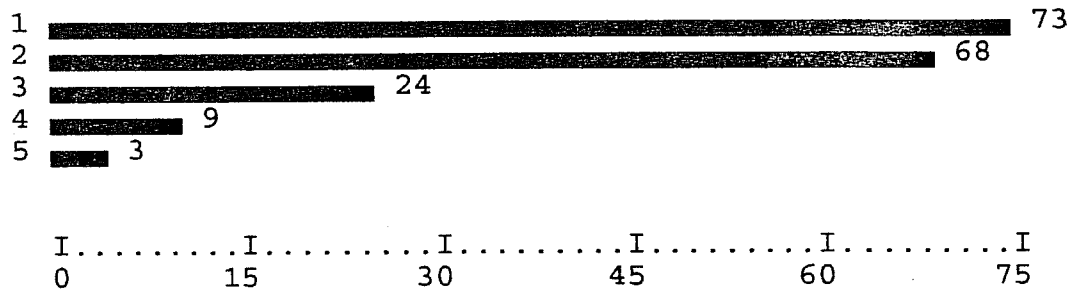
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	43	24.3	24.3	24.3
	2	97	54.8	54.8	79.1
	3	33	18.6	18.6	97.7
	4	4	2.3	2.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	1.989	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.723	Kurtosis	-.015	Skewness	.382
Range	3.000	Minimum	1.000	Maximum	4.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	73	41.2	41.2	41.2
	2	68	38.4	38.4	79.7
	3	24	13.6	13.6	93.2
	4	9	5.1	5.1	98.3
	5	3	1.7	1.7	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	1.876	Median	2.000	Mode	1.000
Std Dev	.945	Kurtosis	1.001	Skewness	1.109
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

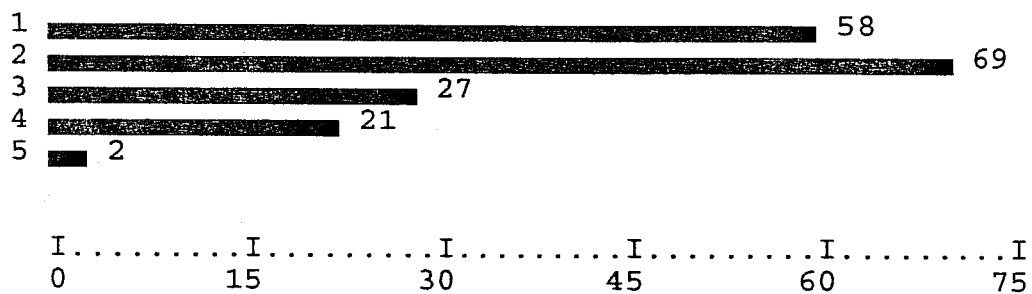
Valid Cases 177 Missing Cases 0

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA

(EXPRESSÃO TRANSCENDENTAL)

T1

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	58	32.8	32.8	32.8
	2	69	39.0	39.0	71.8
	3	27	15.3	15.3	87.0
	4	21	11.9	11.9	98.9
	5	2	1.1	1.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

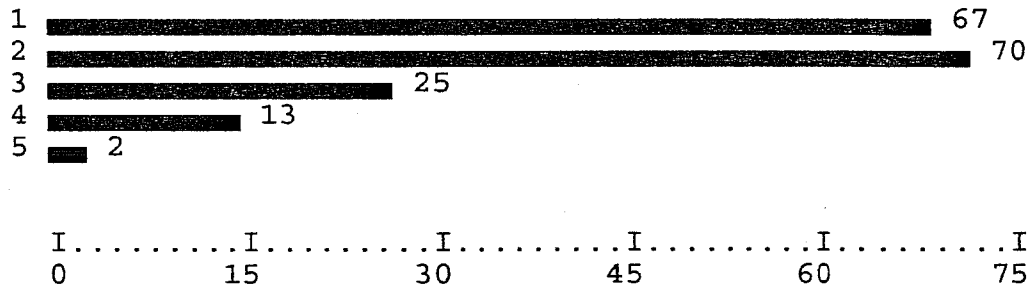


Mean	2.096	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	1.026	Kurtosis	-.296	Skewness	.731
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

T2

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	67	37.9	37.9	37.9
	2	70	39.5	39.5	77.4
	3	25	14.1	14.1	91.5
	4	13	7.3	7.3	98.9
	5	2	1.1	1.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

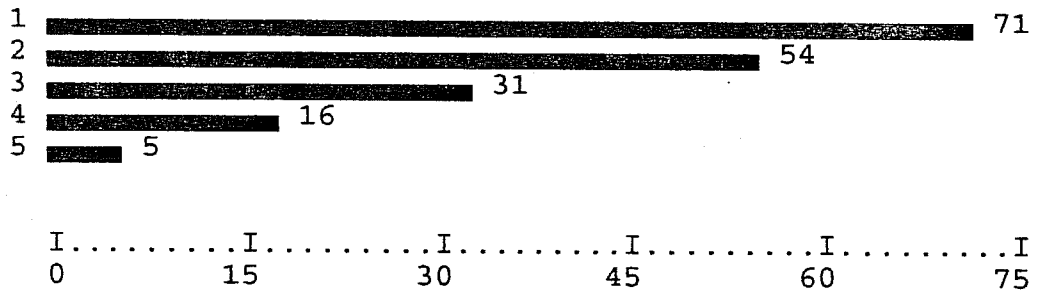


n	1.944	Median	2.000	Mode	2.000
Dev	.958	Kurtosis	.381	Skewness	.938
ge	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

T3

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	71	40.1	40.1	40.1
	2	54	30.5	30.5	70.6
	3	31	17.5	17.5	88.1
	4	16	9.0	9.0	97.2
	5	5	2.8	2.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

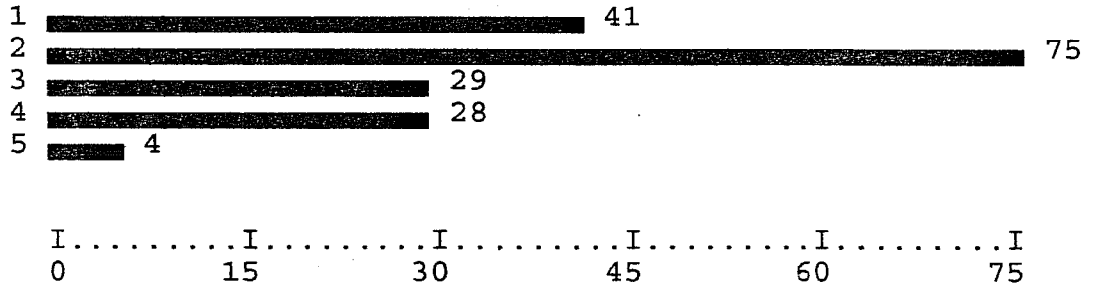


Mean	2.040	Median	2.000	Mode	1.000
Std Dev	1.094	Kurtosis	-.059	Skewness	.868
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

T4

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	1	41	23.2	23.2	23.2
	2	75	42.4	42.4	65.5
	3	29	16.4	16.4	81.9
	4	28	15.8	15.8	97.7
	5	4	2.3	2.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



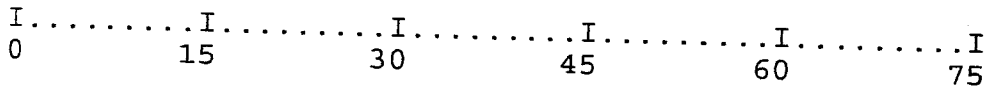
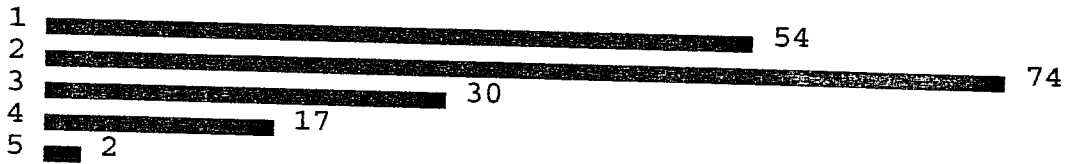
Mean	2.316	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	1.067	Kurtosis	-.498	Skewness	.588
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

T5

Value Label

Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1	54	30.5	30.5	30.5
2	74	41.8	41.8	72.3
3	30	16.9	16.9	89.3
4	17	9.6	9.6	98.9
5	2	1.1	1.1	100.0
<hr/>				
TOTAL	177	100.0	100.0	



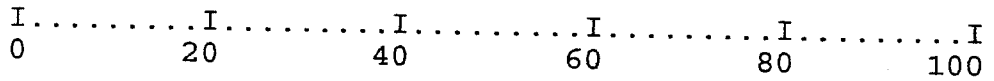
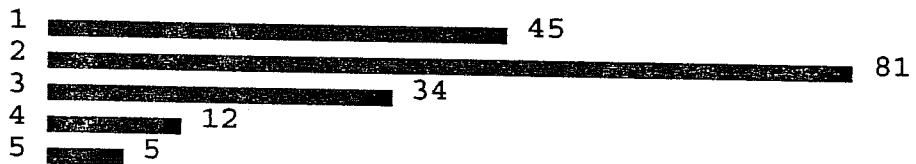
n	2.090	Median	2.000	Mode	2.000
Dev	.979	Kurtosis	-.063	Skewness	.737
ge	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

Value Label

Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
1	45	25.4	25.4	25.4
2	81	45.8	45.8	71.2
3	34	19.2	19.2	90.4
4	12	6.8	6.8	97.2
5	5	2.8	2.8	100.0

TOTAL	177	100.0	100.0	



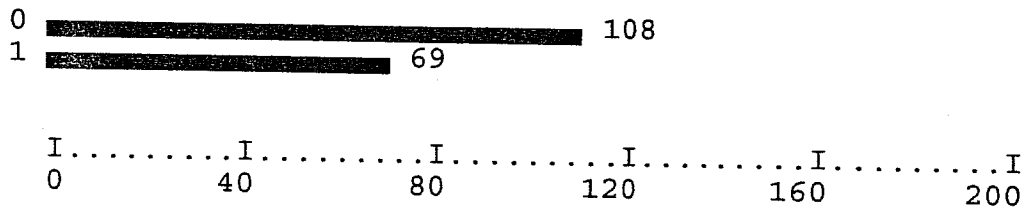
Mean	2.158	Median	2.000	Mode	2.000
Std Dev	.976	Kurtosis	.595	Skewness	.865
Range	4.000	Minimum	1.000	Maximum	5.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

ANSIEDADE PERANTE A MORTE

M1

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	108	61.0	61.0	61.0
	1	69	39.0	39.0	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



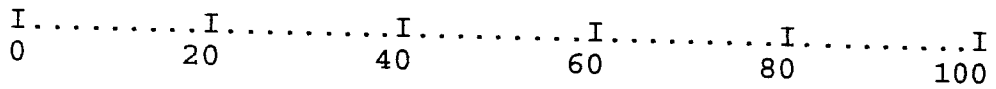
an	.390	Median	.000	Mode	.000
d Dev	.489	Kurtosis	-1.813	Skewness	.456
nge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

id Cases	177	Missing Cases	0
----------	-----	---------------	---

M2

Value Label

Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
0	98	55.4	55.4	55.4
1	79	44.6	44.6	100.0
-----		-----	-----	
TOTAL	177	100.0	100.0	



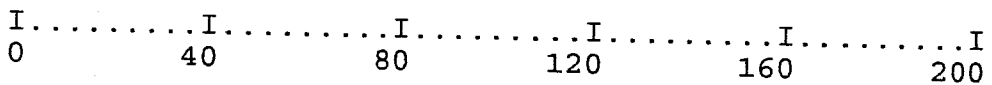
an	.446	Median	.000	Mode	.000
l Dev	.499	Kurtosis	-1.975	Skewness	.218
ge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M3

Value Label

Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
0	134	75.7	75.7	75.7
1	43	24.3	24.3	100.0
-----		-----	-----	
TOTAL	177	100.0	100.0	

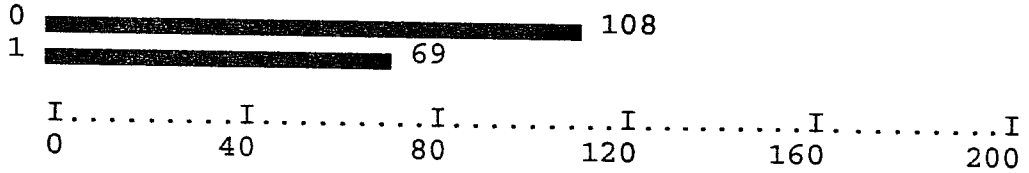


an	.243	Median	.000	Mode	.000
Dev	.430	Kurtosis	-.544	Skewness	1.209
ge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M4

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	108	61.0	61.0	61.0
	1	69	39.0	39.0	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

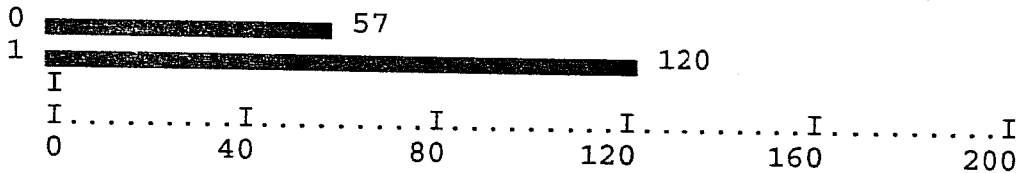


Mean	.390	Median	.000	Mode	.000
Std Dev	.489	Kurtosis	-1.813	Skewness	.456
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M5

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	57	32.2	32.2	32.2
	1	120	67.8	67.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

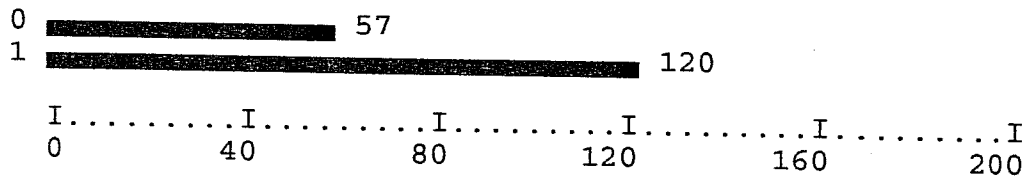


Mean	.678	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.469	Kurtosis	-1.426	Skewness	-.768
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M6

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	57	32.2	32.2	32.2
	1	120	67.8	67.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

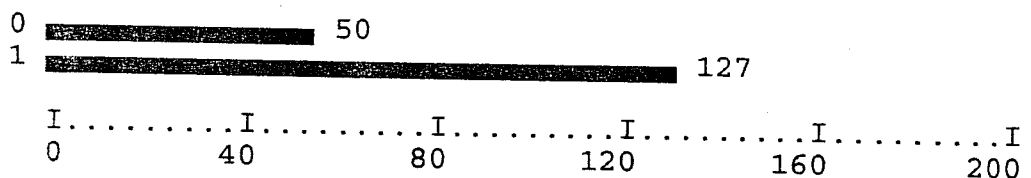


an	.678	Median	1.000	Mode	1.000
l Dev	.469	Kurtosis	-1.426	Skewness	-.768
ge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M7

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	50	28.2	28.2	28.2
	1	127	71.8	71.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

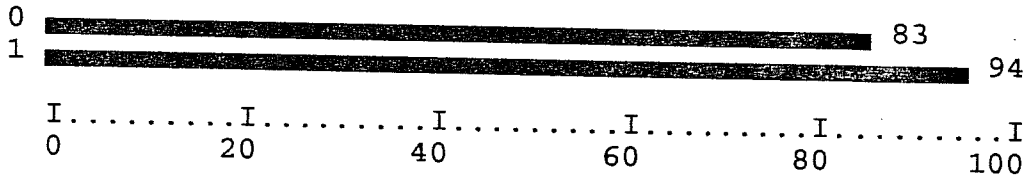


n	.718	Median	1.000	Mode	1.000
Dev	.451	Kurtosis	-1.062	Skewness	-.975
ge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M8

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	83	46.9	46.9	46.9
	1	94	53.1	53.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

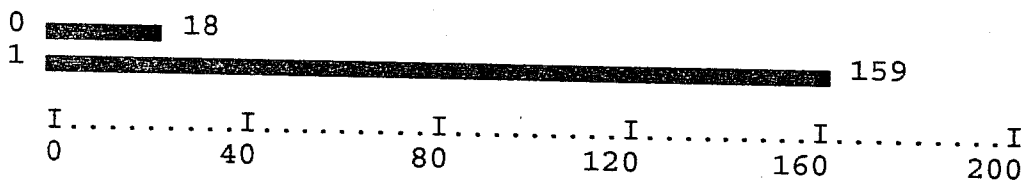


Mean	.531	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.500	Kurtosis	-2.007	Skewness	-.126
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M9

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	18	10.2	10.2	10.2
	1	159	89.8	89.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

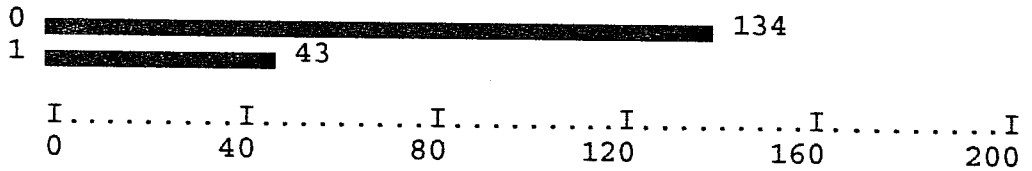


Mean	.898	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.303	Kurtosis	5.124	Skewness	-2.658
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M10

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	134	75.7	75.7	75.7
	1	43	24.3	24.3	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

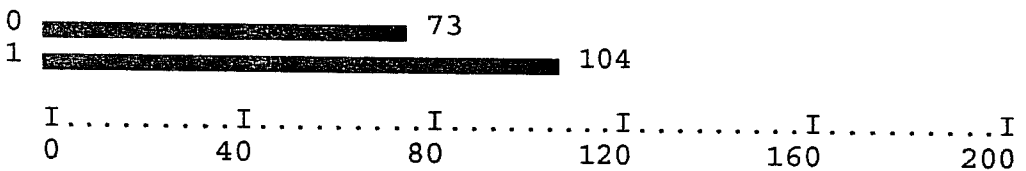


an	.243	Median	.000	Mode	.000
d Dev	.430	Kurtosis	-.544	Skewness	1.209
nge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M11

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	73	41.2	41.2	41.2
	1	104	58.8	58.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	

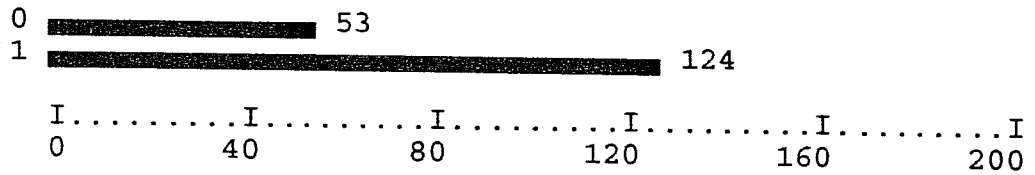


an	.588	Median	1.000	Mode	1.000
d Dev	.494	Kurtosis	-1.893	Skewness	-.359
nge	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000

Valid Cases 177 Missing Cases 0

M12

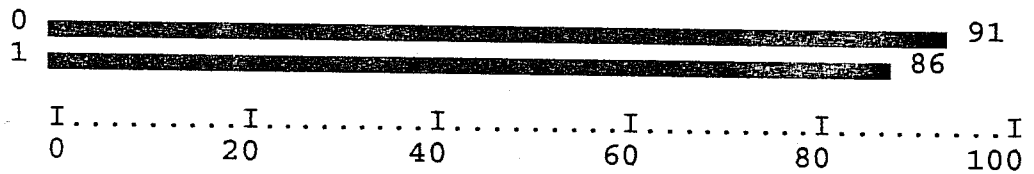
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	53	29.9	29.9	29.9
	1	124	70.1	70.1	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	.701	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.459	Kurtosis	-1.234	Skewness	-.883
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000
Valid Cases	177	Missing Cases	0		

M13

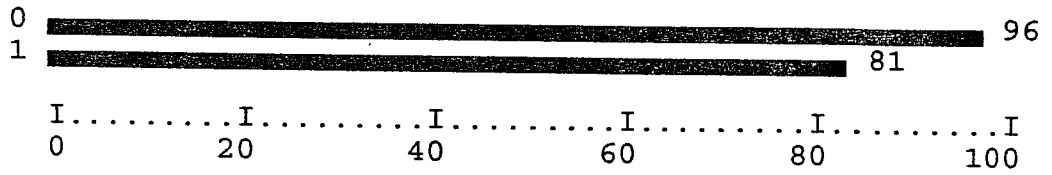
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	91	51.4	51.4	51.4
	1	86	48.6	48.6	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	.486	Median	.000	Mode	.000
Std Dev	.501	Kurtosis	-2.020	Skewness	.057
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000
Valid Cases	177	Missing Cases	0		

M14

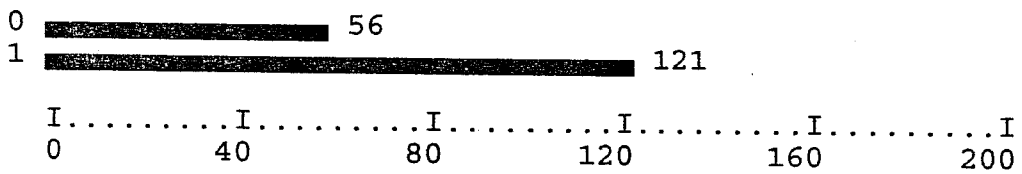
Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	96	54.2	54.2	54.2
	1	81	45.8	45.8	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	.458	Median	.000	Mode	.000
Std Dev	.500	Kurtosis	-1.993	Skewness	.172
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000
Valid Cases	177	Missing Cases	0		

M15

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
	0	56	31.6	31.6	31.6
	1	121	68.4	68.4	100.0
	TOTAL	177	100.0	100.0	



Mean	.684	Median	1.000	Mode	1.000
Std Dev	.466	Kurtosis	-1.381	Skewness	-.796
Range	1.000	Minimum	.000	Maximum	1.000
Valid Cases	177	Missing Cases	0		

ANSIEDADE PERANTE A MORTE by SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,99701			,06377 *1
Lambda :				
symmetric				
with ANSIA dependent	,97429	,00927	80,27375	
with IMORTA dependent	,99429	,00570	101,3213	
	,95429	,01579	54,36819	
Mann & Kruskal Tau :				
with ANSIA dependent	,99431	,00000		,24391 *2
with IMORTA dependent	,95454	,00000		,23504 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by IDADE

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,98250			,29663 *1
Lambda :				
symmetric	,55224	,01699	26,25807	
with IMORTA dependent	,15429	,02830	5,41286	
with IDGERAL dependent	,98750	,00878	38,36528	
Mann & Kruskal Tau :				
with IMORTA dependent	,15898	,00010		,51067 *2
with IDGERAL dependent	,98809	,00000		,50812 *2
Gamma :				
with IMORTA dependent	,31960			
with IDGERAL dependent	,98963			

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by ADOLESCENCIA MEDIA/TARDIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,81521			,44951 *1
Lambda :				
symmetric	,27197	,02104	9,67567	
with IMORTA dependent	,01143	,01136	1,00284	
with FF dependent	,98438	,01550	9,89019	
Moodman & Kruskal Tau :				
with IMORTA dependent	,01134	,00010		,50214 *2
with FF dependent	,98927	,00007		,48655 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,70493			,46797 *1
Lambda :				
symmetric	,26778	,02236	9,15606	
with IMORTA dependent	,00571	,01274	,44747	
with GERACAO dependent	,98438	,01575	9,65510	
Moodman & Kruskal Tau :				
with IMORTA dependent	,00565	,00010		,50352 *2
with GERACAO dependent	,98776	,00006		,48903 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by FAIXA ETÁRIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,89343			,44867 *1
Lambda :				
symmetric	,39583	,01636	16,35659	
with IMORTA dependent	,01714	,01267	1,34852	
with FGERAL dependent	,98230	,01240	17,25346	
Moodman & Kruskal Tau :				
with IMORTA dependent	,02260	,00012		,53400 *2
with FGERAL dependent	,98469	,00002		,52258 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO BIOLÓGICO DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBÓLICA by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,63021			,26894 *1
Lambda :				
symmetric	,18834	,02602	6,19028	
with BS dependent	,00000	,00000		
with GERACAO dependent	,65625	,06855	6,19028	
Moodman & Kruskal Tau :				
with BS dependent	,00535	,00099		,65126 *2
with GERACAO dependent	,65881	,02944		,28319 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO BIOLOGICO DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by FAIXA ETARIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,83682			,73071 *1
Lambda :				
symmetric	,26103	,02227	9,79709	
with BS dependent	,00000	,00000		
with FGERAL dependent	,62832	,04856	9,79709	
Moodman & Kruskal Tau :				
with BS dependent	,02077	,00184		,89965 *2
with FGERAL dependent	,63214	,01201		,32229 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO CRIATIVO DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,62803			,44879 *1
Lambda :				
symmetric	,19178	,02942	5,61079	
with CS dependent	,00000	,00000		
with GERACAO dependent	,65625	,07442	5,61079	
Moodman & Kruskal Tau :				
with CS dependent	,00591	,00168		,36546 *2
with GERACAO dependent	,65131	,03359		,46579 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO CRIATIVO DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by FAIXA ETARIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,84729			,56462 *1
Lambda :				
symmetric				
with CS dependent	,26866	,02651	8,56222	
with FGERAL dependent	,01290	,01570	,81804	
	,61947	,05121	9,01323	
Mann & Kruskal Tau :				
with CS dependent	,02140	,00188		,81044 *2
with FGERAL dependent	,63097	,01055		,64499 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO RELIGIOSO DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,65681			,26909 *1
Lambda :				
symmetric	,20614	,03084	5,76265	
with RS dependent	,00000	,01220	,00000	
with GERACAO dependent	,73438	,06786	6,14393	
Moodman & Kruskal Tau :				
with RS dependent	,00672	,00128		,08063 *2
with GERACAO dependent	,75871	,02367		,28442 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO RELIGIOSO DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by FAIXA ETARIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,85388			,76931 *1
Lambda :				
symmetric				
with RS dependent	,29603	,02635	9,28400	
with FGERAL dependent	,00610	,01608	,37812	
	,71681	,04779	9,97554	
Mann & Kruskal Tau :				
with RS dependent	,02341	,00166		,31223 *2
with FGERAL dependent	,72674	,01580		,34979 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO NATUREZA DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,63938			,52397 *1
Lambda :				
symmetric	,18534	,03302	4,98005	
with NS dependent	,00595	,01327	,44747	
with GERACAO dependent	,65625	,07881	5,24861	
Mann & Kruskal Tau :				
with NS dependent	,00550	,00091		,58171 *2
with GERACAO dependent	,69148	,02371		,54160 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO NATUREZA DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by FAIXA ETARIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,86783			,08416 *1
Lambda :				
symmetric	,31317	,02689	10,07782	
with NS dependent	,03571	,01848	1,91696	
with FGERAL dependent	,72566	,04635	10,41306	
Mann & Kruskal Tau :				
with NS dependent	,02638	,00298		,00764 *2
with FGERAL dependent	,72897	,01589		,28742 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

MODO TRANSCENDENTAL DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,64219			,32925 *1
Lambda :				
symmetric	,20264	,03516	5,14150	
with TS dependent	,01227	,02112	,57789	
with GERACAO dependent	,68750	,07308	5,72530	
Moodman & Kruskal Tau :				
with TS dependent	,00793	,00213		,00299 *2
with GERACAO dependent	,70188	,02446		,34540 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

DO TRANSCENDENTAL DO SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by FAIXA ETARIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,85417			,41950 *1
Lambda :				
symmetric	,28986	,02604	9,57265	
with TS dependent	,03067	,01812	1,67990	
with FGERAL dependent	,66372	,04949	9,58547	
Moodman & Kruskal Tau :				
with TS dependent	,02556	,00318		,03142 *2
with FGERAL dependent	,67581	,01464		,44272 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

SENTIMENTO DE IMORTALIDADE SIMBOLICA by SEXO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,70296			,50920 *1
Lambda :				
symmetric	,29200	,02166	10,03749	
with IMORTA dependent	,00000	,01143	,00000	
with SEXGERAL dependent	,97333	,01911	10,66033	
Moodman & Kruskal Tau :				
with IMORTA dependent	,00555	,00013		,56962 *2
with SEXGERAL dependent	,97686	,00008		,53019 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

ANSIEDADE PERANTE A MORTE by IDADE

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Gamma's V	5,16017			,34868 *1
Contingency Coefficient	,97518			,34868 *1
	,98174			,34868 *1
Lambda :				
symmetric	,54328	,01821	25,03300	
with ANSIA dependent	,16571	,02811	5,88918	
with IDGERAL dependent	,95625	,01617	33,59129	
Moodman & Kruskal Tau :				
with ANSIA dependent	,16074	,00186		,30601 *2
with IDGERAL dependent	,95833	,00003		,31293 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

ANSIEDADE PERANTE A MORTE by GERACAO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,70271			,36577 *1
Lambda :				
symmetric	,26778	,02367	8,80281	
with ANSIA dependent	,01143	,01392	,81804	
with GERACAO dependent	,96875	,02244	9,31699	
Mann & Kruskal Tau :				
with ANSIA dependent	,00589	,00024		,35771 *2
with GERACAO dependent	,97553	,00017		,38560 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

ANSIEDADE PERANTE A MORTE by FAIXA ETARIA

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,89204			,27378 *1
Lambda :				
symmetric	,39583	,01883	15,15611	
with ANSIA dependent	,03429	,01776	1,91696	
with FGERAL dependent	,95575	,01952	16,26283	
Moodman & Kruskal Tau :				
with ANSIA dependent	,02316	,00060		,35724 *2
with FGERAL dependent	,96173	,00011		,39552 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

ANSIEDADE PERANTE A MORTE by SEXO

Number of valid observations = 177

Statistic	Value	ASE1	Val/ASE0	Approximate Significance
Contingency Coefficient	,69868			,44626 *1
Lambda :				
symmetric	,29200	,02358	9,51245	
with ANSIA dependent	,01143	,01392	,81804	
with SEXGERAL dependent	,94667	,02737	9,98913	
Mann & Kruskal Tau :				
with ANSIA dependent	,00570	,00026		,47097 *2
with SEXGERAL dependent	,95373	,00023		,46684 *2

Pearson chi-square probability
Based on chi-square approximation

XII. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Vai-se agora proceder à análise dos resultados, numa perspectiva mais descritiva e uma abordagem inferencial.

Como já tem sido referido ao longo deste trabalho, o seu principal objectivo consiste na exploração das eventuais relações entre o sentimento de imortalidade simbólica e outras variáveis -- a ansiedade perante a morte, a idade e o sexo --, entre a geração de adolescentes -- adolescência média e tardia -- e os seus progenitores.

Para uma melhor compreensão dessas, eventuais, relações é feita uma análise descritiva dos resultados obtidos em função das variáveis enunciadas

Em seguida, será feito o tratamento estatístico adequado às hipóteses propostas; trata-se da análise inferencial.

12.1. ANÁLISE DESCRITIVA

Os sujeitos alvo deste trabalho apresentam uma idade que se estende desde os 16 anos (valor mínimo) até aos 68 anos (valor máximo), havendo assim, uma oscilação de 52 anos, representando duas gerações (pais e filhos).

Pela observação do histograma, verifica-se a existência de duas curvas quase normais representando as duas gerações incluídas na amostra.

A média de idades situa-se nos 35/36 anos, com um desvio padrão de 13.86, e cujo o ponto médio das idades -- mediana -- situa-se nos 41 anos, enquanto que a idade mais representada é de 16 anos -- moda. Existe uma grande variação dos resultados de tal forma que é conveniente uma análise mais atenta, ou seja, uma descrição dos resultados, também em função das duas gerações separadamente.

Para os adolescentes (36.2% dos sujeitos da amostra), a média das idades é de aproximadamente 18 anos, com um desvio padrão de 1.883, enquanto que a idade mais representada é os 16 anos (a idade mínima é de 16 anos e a máxima é de 22 anos). Em relação aos progenitores (63.8% da totalidade da amostra), a média de idades é 45.746 anos (o valor da mediana é 45 anos), com um desvio padrão de 5.372, enquanto que a idade mais representada é os 44 anos (na globalidade, os valores oscilam entre 35 e 68 anos).

Se analisarmos os resultados em relação às faixas etárias, existem 35 sujeitos (19.8 % da amostra) considerados como estando no período médio da adolescência, 29 sujeitos (16.4% da amostra) na adolescência tardia, 64 sujeitos (36.2% da amostra) em idades compreendidas entre os 35 e os 45 anos, 45

sujeitos (25.4% da amostra) entre os 46 e os 55 anos, enquanto que os restante 4 sujeitos (2.3 % da amostra) têm mais de 55 anos.

Na variável sexo, regista-se uma maior quantidade de sujeitos do sexo feminino, quer em relação aos adolescentes quer em relação aos progenitores. No caso dos primeiros, observam-se 22 rapazes e 42 raparigas (respectivamente 34.4% e 65.6% dos adolescentes), enquanto que no caso dos pais o equilíbrio é maior, com 53 elementos do sexo masculino e 60 do sexo feminino a responderem ao questionário (46.9% e 53.1% da amostra dos progenitores).

Em relação ao questionário que procura avaliar o sentimento de imortalidade simbólica nos sujeitos da amostra, cada item é independente dos restantes -- escala nominal -- sendo por isso, útil uma análise descritiva de cada um deles.

As seis primeiras questões reenviam para a expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica.

No item inicial, “ o sentido da vida é determinado pelas minhas crenças religiosas ”, a curva é normal, embora com uma ligeira inclinação para a esquerda. Por outras palavras, a maior percentagem dos sujeitos (31.1 %) apresenta uma resposta neutra (não concordam nem discordam), mas quase metade (44.6%) ou não concorda (27.7%) ou discorda completamente (16.9%) da afirmação, enquanto que os restantes (24.3 %) afirmam a sua concordância, parcial (19.8 %) ou total (4.5 %).

No segundo item, “ ser praticante da minha religião assegura-me a paz eterna ”, as respostas são semelhantes ao do item anterior, embora a tendência dos sujeitos

discordarem da afirmação, parcial (26.6 %) ou total (21.5 %), é ainda maior (48.1 %), continuando a resposta mais neutra a ter uma maior percentagem de adeptos (31.6 %). seguindo-se “ concordo ” (15.8 %) e “concordo completamente ” (4.5 %).

Na questão seguinte, “ é importante seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização espiritual após a morte ”, a tendência mantém-se. Embora hajam mais sujeitos a concordarem com a afirmação (21.5 %), a maior

percentagem continua a ser “não concordo nem discordo ” (29.4 %), seguindo-se a opinião de discordância parcial (23.7 %) e a total (20.3 %).

No quarto item, “ farei quase tudo o que fôr preciso, para assegurar que vivo a vida segundo as minhas crenças religiosas “, a maioria dos inquiridos (53.7%) ou discorda parcial (32.8%) ou completamente (20.9%) da afirmação, enquanto que 44 sujeitos respondem que não concordam nem discordam (24.9%), 30 dizem concordar (16.9%) e apenas 8 sujeitos concordam completamente com a afirmação (4.5%).

No quinto item, ao contrário dos anteriores, a maior percentagem dos sujeitos concorda com a afirmação (28.8%) “ é importante conduzir a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas “, seguindo-se aqueles que discordam (24.9%), os que apresentam a resposta mais neutra (23.2%), que discordam completamente ((17.5%) e, por último, os que concordam completamente (5.6 %). No entanto, a tendência continua a ser de discordância, completa ou parcial.

Finalmente, o último item que reenvia para o modo religioso do sentimento de imortalidade simbólica, “ morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência”, a

tendência mantem-se, sendo a resposta neutra aquela que possui um valor mais elevado (44.6 %), seguindo-se o “ discordo completamente “ (19.8%), “ discordo “ (16.9 %), “ concordo “ (14.7%) e, por último “ concordo completamente “ (4.0 %).

Desta forma, na globalidade dos seis itens que reenviam para o modo religioso do sentimento de imortalidade simbólica, a maior percentagem de respostas situa-se, de forma geral, na opção mais neutra, embora haja uma tendência para os inquiridos se manifestarem em oposição às afirmações apresentadas. Existe algum grau de variação, mas sem ser excessivamente acentuado.

Em relação à expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica, o primeiro item, “ estar com a natureza dá uma sensação de paz e tranquilidade à minha vida “, não há qualquer resposta do tipo “ discordo completamente “, e apenas um sujeito discorda (0.6 %), 9 sujeitos dão uma resposta neutra (5.1 %), e a grande maioria ou concorda (58.8 %) ou concorda completamente (43.5 %).

No item seguinte, “ existo na natureza e a natureza existe em mim “, a maioria dos sujeitos continua a concordar parcial (48.0 %) ou totalmente (27.1%) com a expressão, seguindo-se as respostas “ não concordo nem discordo “ (22.0 %), “ discordo “ (2.3 %) e “ discordo completamente “ (0.6 %).

Para o terceiro item, “ fazer parte da natureza é uma ajuda importante para a minha realização espiritual “, a resposta mais requirida continua a ser “ concordo “ (41.2 %), após esta a resposta neutra (33.3 %), “ concordo completamente “ (18.6 %), “ discordo “ (5.6 %) e “ discordo completamente “ (1.1 %).

Em relação ao item “ é importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos “, a tendência para

uma resposta positiva mantem-se claramente, registando-se o valor mais elevado na opção “ concordo “ (45.2 %), seguindo-se “ concordo completamente “ (36.2 %), “ não concordo nem discordo “ (15.3 %) e “ discordo “ (3.4 %). Não existem respostas do tipo “ discordo completamente “ .

Ao se afirmar “ a relação fundamental entre o homem e a natureza dá sentido à minha vida “, praticamente a maioria dos sujeitos concorda (44.6 %), 54 inquiridos não concordam nem discordam (30.5 %), 33 sujeitos concordam completamente (18.6 %), 9 sujeitos dizem discordar (5.1 %) e apenas 2 sujeitos (1.1 %) discordam completamente.

Para o último item da expressão natureza, “ sinto-me ainda mais vivo quando me encontro só com a natureza “, a tendência continua a ser de concordância com tal afirmação, com 70 sujeitos que respondem “ concordo “ (39.5 %) e 41 sujeitos concordam completamente (23.2 %), enquanto que 43 inquiridos optam pela alternativa mais neutra (24.3 %), seguindo-se 21 sujeitos que dizem discordar (11.9 %) e os restantes 2 sujeitos discordar completamente (1.1 %).

Desta forma, para a expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica, em todos os itens a tendência de resposta é claramente positiva, sem haver uma grande dispersão dos resultados.

No primeiro item da expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica, “ é importante para mim saber que depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que fiz “, a maior parte dos sujeitos concorda (54.2 %), registando-se em seguidas as respostas

neutras (20.9 %), as de concordância total (19.2 %), e em menor proporção o discordar parcial (3.4 %) ou totalmente (2.3 %).

No segundo item, “ é importante para mimi saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim “, a maioria dos sujeitos continua a afirmar a sua concordância parcial (49.2 %) ou total (34.5 %), existem algumas respostas neutras (13.6 %), poucas discordâncias parciais (2.8 %) e nenhuma total.

Para o item seguinte, “ é importante escrever, criar ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte “, a tendência continua a manter-se com a maioria dos sujeitos a concordarem parcial (53.7 %) ou totalmente (31.1 %), algumas respostas neutras (11.3 %), poucas que discordam parcialmente (4.0 %) e nenhuma discordando totalmente.

No quarto item da forma criativa, “ muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi devido ao trabalho ou ao que realizei “, cerca de metade dos sujeitos concordam (49.7 %), seguindo-se as respostas neutras (24.3 %), as de concordância total (16.9 %), as de discordância parcial (6.8 %) e, por último, as de discordância total (20.3 %).

Na afirmação “ quando olho para trás, é importante para mim saber que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas “, a maior parte dos sujeitos concorda (59.3 %), 41 opta pela concordância total (23.2 %), 24 mantêm-se neutros (13.6 %), poucos discordam (3.4 %) e apenas 1 sujeito discorda totalmente (0.6 %).

Finalmente, para a expressão “ depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que fiz ou criei “, a tendência é claramente a

mesma, com grande parte dos sujeitos a responderem “ concordo “ (44.1 %) ou “ concordo completamente “ (12.4 %), alguns a responderem “ não concordo nem discordo “ (32.2 %), poucos a optarem por “ discordo “ (7.3 %) ou “ discordo completamente “ (4.0 %).

Desta forma, tal como acontece para a forma natureza do sentimento de imortalidade simbólica, no modo criativo a tendência parece ser claramente para um grau elevado do sentimento de imortalidade simbólica, não existindo, também aqui, uma grande dispersão dos resultados.

O quarto modo incluído neste questionário, o modo biológico do sentimento de imortalidade simbólica, é também constituído por seis itens, o primeiro dos quais, “ farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos “, regista uma grande quantidade de sujeitos a expressarem a sua concordância total (78.5 %), seguindo-se as respostas “ concordo “ (18.6 %), “ discordo “ e “ não concordo nem discordo “ (1.1 %), não havendo ninguém que discorda completamente.

Para o segundo item, “ depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos “, a maioria dos inquiridos ou concorda de forma parcial (45.8 %) ou total (30.5 %), seguindo-se algumas respostas neutras (15.8 %) e um número bastante semelhante de respostas “ discordo “ (3.4 %) e “ discordo completamente “ (4.5 %).

O item “ é importante saber que os meus entes queridos e as pessoas que me eram próximas, me recordarão depois da minha morte “ regista a mesma tendência para uma resposta afirmativa, em parte (50.3 %) ou completamente (30.5 %), seguindo-se a opção “ não concordo nem discordo “ (15.8 %), “ discordo “ (2.8 %) e “ discordo completamente “ (0.6 %).

Na afirmação “ é importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos “, a maioria dos inquiridos (79.1 %) escolhe ou a opção “ concordo “ (48.6 %) ou “ concordo completamente “ (30.5 %), em seguida a resposta mais procurada é “ não concordo nem discordo “ (15.8 %), “ discordo “ (4.0 %) e, por último, “ discordo completamente “ (1.1 %).

No quinto item “ para mim é importante falar aos meus filhos das gerações passadas, tornando vivas as lembranças dos meus antepassados “ o valor mais elevado continua a ser “ concordo “ (54.8 %), seguido de “ concordo completamente “ (24.3 %), não concordo nem discordo “ (18.6 %), “ discordo “ (2.3 %), não existindo nenhuma resposta “ discordo completamente “.

Por último, “ é importante para mim ter filhos para assegurar a continuidade da família “, regista-se uma elevada supremacia de opiniões positivas, onde se observa em primeiro lugar “ concordo completamente “ (41.2 %), em segundo lugar “ concordo “ (38.4 %), “ não concordo nem discordo “ (13.6 %), “ discordo “ (5.1 %) e “ discordo completamenete “ (1.7 %).

Assim, seguindo a tendência dos modos precedentes, na forma biológica do sentimento de imortalidade simbólica, existem maioritariamente respostas positivas, sem grande dispersão dos resultados.

Finalmente, para a forma transcendental do sentimento de imortalidade simbólica, no item inicial, “ farei quase tudo o que me fôr agradável ou excitante “, a maioria dos inquiridos (71.8 %) ou concorda (39.0 %) ou concorda completamente (32.8 %), alguns sujeitos respondem de forma neutra (15.3 %),

21 sujeitos discordam (11.9 %) e os restantes 2 dizem discordar completamente (1.1 %).

Para o segundo item, “ é importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades “, a maioria dos inquiridos (77.4 %) concordam parcial (39.5 %) ou totalmente (37.9 %), seguindo-se aqueles que segem a opção neutra (14.1 %), aqueles que discordam (7.3 %) e, por último, os que discordam completamente (1.1 %).

Em relação ao terceiro item, “ dado que a vida é tão curta, é importante aproveitar ao máximo tudo o que é agradável e excitante “, a maior percentagem dos inquiridos defende a sua concordância total (40.1 %) ou parcial (30.5 %), seguindo-se a resposta “ não concordo nem discordo “ (17.5 %), “ discordo “ (9.0 %) e “ discordo completamente “ (2.8 %).

Na afirmação seguinte, “ quando olho para trás, é importante para mim saber que viv quase tudo o que a vida tem para dar “, a tendência para os inquiridos optarem por uma resposta positiva mantem-se , com 41 casos a assinalarem “ concordo completamente “ (23.2 %) e 75 casos “ concordo “ (42.4 %), 29 sujeitos a responderem “ não concordo nem discordo “ (16.4 %), 28 a escolherem “ discordo “ (15.8 %) e 4 sujeitos que optam pelo “ discordo completamente “ (2.3 %).

No item “ o que dá sentido à vida são algumas das boas experiências que tive “, a maior percentagem de respostas situa-se na opção “ concordo “ (41.8 %), seguindo-se “ concordo completamente “ (30.5 %), “ não concordo nem discordo “ (16.9 %), “ discordo “ (9.6 %) e, por último, “ discordo completamente “ (1.1 %).

Para o item final incluído no questionário, “ uma vida rica e cheia, é uma vida que capta muitos sentidos diferentes e que reúne uma grande variedade de experiências “, a maior percentagem de sujeitos continua a optarem por “ concordo “ (45.8 %), seguida de “ concordo completamente “ (25.4 %), “ não concordo nem discordo “ (19.2 %), “ discordo “ (6.8 %) e “ discordo completamente “ (2.8 %).

Também para este modo transcendental do sentimento de imortalidade simbólica, a maioria dos sujeitos concorda, total ou parcialmente, com as afirmações. O grau de variação, ainda que um pouco superior aos anteriores, continua a não ser elevado.

Concluindo esta, ainda que breve, análise descritiva dos resultados referentes ao questionário que pretende medir o sentimento de imortalidade simbólica não se observa uma grande dispersão dos resultados, havendo uma tendência geral para as opções mais positivas -- e, como tal, um maior sentimento de imortalidade simbólica --, excepto na expressão religiosas onde se regista uma ligeira inclinação para respostas mais negativas.

Proceder-se-à agora á análise descritiva dos resultados encontrados para o questionário da ansiedade perante a morte. Tal como aconteceu para a escala anterior, também esta é de tipo nominal sendo, assim, necessário proceder-se à exploração dos itens individualmente.

Saliente-se ainda que o resultado final desta escala pode oscilar entre zero e quinze valores, de acordo com uma grelha previamente estabelecida, onde os

valores mais baixos correspondem a uma menor ansiedade perante a morte e os valores mais elevados a uma maior ansiedade.

No primeiro item, “tenho muito medo de morrer”, a maioria dos sujeitos (61.0 %) responde negativamente -- “ discordo “ --, o que reenvia para valores mais baixos de ansiedade perante a morte.

Face ao segundo item, “ raramente me vem à cabeça a ideia de morte “, não parecem existir grandes diferenças entre a quantidade de inquiridos que responde afirmativamente (55.4 %) -- “ concordo “ -- e negativamente (44.6 %) -- “ discordo “ --, existindo, no entanto uma ligeira tendência para uma resposta que implica valores mais baixos de ansiedade.

No item seguinte, “ não fico nervoso quando as pessoas falam da morte “, a tendência mantém-se, com a maioria dos sujeitos a responderem positivamente (75.7 % de respostas “ concordo “ contra 24.3 % de respostas “ discordo “).

A maioria dos inquiridos face à afirmação proposta, “ horroriza-me pensar que poderei vir a ser operado “, responde negativamente (61.0 %), mantendo-se a tendência para valores mais baixos de ansiedade perante a morte.

Face ao quinto item, “ não tenho medo nenhum de morrer “, a tendência inverte-se, com a maioria dos sujeitos (67.8 %) a fornecer uma resposta positiva. Comparativamente com o primeiro item, “tenho muito medo de morrer”, onde a maioria opta pela negação, pode-se colocar a hipótese da generalidade dos sujeitos

se encontrarem numa posição mais intermédia ao excluírem as palavras “ muito “ e “ nenhum”.

No item seguinte, “ não estou especialmente temeroso de vir a ter um cancro “, a maioria refere que tem medo de contrair cancro (67.8 %), aumentando os valores de ansiedade.

Na sequência do quinto item, também este, “ a ideia de morte nunca me perturba “, regista a mesma tendência (71.8 % de respostas negativas contra 28.2 % de positivas).

Para a oitava afirmação, “ muitas vezes sinto-me mal quando o tempo passa depressa “, as respostas revelam-se equilibradas com uma ligeira tendência para a afirmação (53.1 % de respostas positivas contra 46.9% de respostas negativas).

No item seguinte, “ tenho medo de vir a ter uma morte dolorosa “, grande parte dos sujeitos concorda (89.8 %), elevando os valores finais de ansiedade.

No décimo item, “ o tema da vida para além da morte preocupa-me muito “, a tendência inverte-se novamente, com a maioria dos sujeitos a discordarem com a afirmação (75.7 % de respostas “ discordo “ contra 24.3 % de respostas “ concordo “).

Novamente os inquiridos revelam valores mais elevados de ansiedade perante a morte para o item décimo primeiro, “ assusta-me vir a ter um ataque cardíaco “ (58.8 % de respostas positivas contra 41.2 % de respostas negativas).

As respostas à questão doze, “ frequentemente penso que a vida é realmente muito curta “, são maioritariamente positivas (70.1 %), revelando alguma preocupação relacionada com a finitude da vida.

No item treze, “ fico perturbado quando as pessoas falam da Terceira Guerra Mundial “, as respostas são bastante equilibradas (51.4 % de opções “ discordo “ e 48.6 % de respostas “ concordo “).

Para a pnúltima afirmação, “ horroriza-me ver um cadáver “, tal como na anterior, existe um grande equilíbrio de opções, com uma ténue tendência para a resposta “ discordo (54.2 % de respostas negativas contra 45.8 % positivas).

Finalmente, “ penso que o futuro não me trará nada que eu recei “, a maior parte dos inquiridos regista alguma ansiedade (68.4 % de respostas “ discordo e 31.6 % de respostas “ concordo “).

Em conclusão, pode-se afirmar que as respostas a este questionário são bastante variadas, talvés com alguma tendência para, na maioria dos sujeitos da amostra, os valores de ansiedade perante a morte não serem muito elevados, excepto quando está em causa uma morte dolorosa (itens 6, 9 e 11), havendo ainda algumas preocupações com o futuro e a finitude da vida (itens 12 e 15).

12.2. ANÁLISE INFERENCIAL

O tratamento estatístico escolhido para este trabalho inclui apenas correlações, uma vez que o objectivo é analisar as relações existentes entre variáveis, sem que tenha havido manipulação experimental.

Como os questionários aplicados são, tal como já foi atrás referido, escalas nominais, o teste estatístico mais adequado é o de Qui-quadrado -- χ^2 --. No entanto, porque o número de frequências esperadas é, em algumas células, inferior a cinco, é necessário recorrer-se também a testes derivados do χ^2 : o teste Lambda e o teste de Goodman e Kuskal. Pode ser conveniente a utilização de ambos, para uma análise mais fiável dos resultados, mas saliente-se que enquanto que o primeiro indica se a relação entre as variáveis é positiva ou negativa, tal como o teste de Qui-quadrado, o segundo só regista a existência, ou não de correlações.

Recorde-se, mais uma vez, que as variáveis a serem exploradas são o sentimento de imortalidade simbólica, a ansiedade perante a morte, a idade, onde se inclui não só a idade geral mas também faixas etárias e gerações (adolescentes / progenitores), e o sexo.

HIPÓTESE 1 :

H0 : Não existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte.

H1 : Quanto maior o sentimento de imortalidade simbólica menor a ansiedade perante a morte.

Variáveis : Sentimento de imortalidade simbólica

Ansiedade perante a morte.

Existe uma correlação positiva significativa, com um nível de significância de 0.06, entre as variáveis. Saliente-se que esta correlação ao ser positiva – como para valores elevados na escala de imortalidade simbólica correspondem a um baixo sentimento de imortalidade simbólica, e valores baixos na escala indicam um elevado grau de imortalidade simbólica -- indica que quanto maior o sentimento de imortalidade simbólica menor a ansiedade perante a morte e vice-versa.

Assim, aceita-se H1, a um nível de significância de 0.06.

HIPÓTESE 2 :

H0 : Não existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Sentimento de imortalidade simbólica
Idade.

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

No entanto, há uma ligeira tendência para o sentimento de imortalidade simbólica diminuir com a idade, uma vez que existe uma relação positiva entre ambas as variáveis, ainda que não significativa.

HIPÓTESES SECUNDÁRIAS :

H0 : Para o grupo de adolescentes, não existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para o grupo de adolescentes, existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Sentimento de imortalidade simbólica

Idade (adolescência média e tardia).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Apesar de existir uma ligeira tendência para o sentimento de imortalidade simbólica ser menor na adolescência tardia comparativamente com a média, essa relação não é relevante, uma vez que o nível de significância encontrado é aproximadamente de 0.5.

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Sentimento de imortalidade simbólica

Idade (faixa etária).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

No seguimento do observado para a hipótese precedente, a tendência existente para o sentimento de imortalidade simbólica diminuir com a idade é irrelevante. Saliente-se ainda que esta última é agrupada nas seguintes classes, como já foi atrás explicado :

- adolescência média : 15 aos 18 anos;
- adolescência tardia : 19 aos 22 anos;
- meia-idade : 35 aos 45 anos, e dos 46 aos 55 anos;
- velhice : a partir dos 55 anos.

H0 : Não existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica entre as gerações de adolescentes e progenitores.

H1 : Existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica entre as gerações de adolescentes e progenitores.

Variáveis : Sentimento de imortalidade simbólica
Geração (adolescentes/progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

A ligeira tendência encontrada para o sentimento de imortalidade simbólica ser menor nos progenitores comparativamente com os adolescentes também não parece ser relevante.

HIPÓTESE 3 :

H0 : Não existem diferenças significativas na expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

H1 : Existem diferenças significativas na expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

Variáveis : Expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica
Gerações (adolescentes e progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

No entanto, regista-se uma ligeira tendência para a expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica ser maior nos adolescentes comparativamente com os progenitores, embora, saliente-se, não se trata de uma correlação significativa.

HIPÓTESE SECUNDÁRIA :

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas na expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas na expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Expressão biológica do sentimento de imortalidade simbólica
Idade (faixas etárias).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Neste caso, não parece útil sublinhar qualquer tendência existente, uma vez que o valor observado é praticamente igual a 1. Pode-se, então, afirmar que, para a presente amostra, não existe relação entre a idade -- faixas etárias -- e o modo biológico do sentimento de imortalidade simbólica.

HIPÓTESE 4 :

H0 : Não existem diferenças significativas na expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

H1 : Existem diferenças significativas na expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

Variáveis : Expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica
Gerações (adolescentes e progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Apesar de haver uma ligeira tendência negativa entre a expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica e a idade -- ser maior nos adolescentes comparativamente com os progenitores -- , ela não parece ser relevante.

HIPÓTESE SECUNDÁRIA :

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas na expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas na expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Expressão criativa do sentimento de imortalidade simbólica
Idade (faixas etárias).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Neste caso, não parece útil sublinhar qualquer tendência existente, uma vez que o nível de significância é muito elevado. Pode-se, então, afirmar que, para a presente amostra, não existe relação entre a idade -- faixas etárias -- e o modo criativo do sentimento de imortalidade simbólica.

HIPÓTESE 5 :

H0 : Não existem diferenças significativas na expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

H1 : Existem diferenças significativas na expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

Variáveis : Expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica
Gerações (adolescentes e progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

No entanto, regista-se uma ligeira tendência para a expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica ser maior nos adolescentes comparativamente com os progenitores, embora não se trata de uma correlação significativa.

HIPÓTESE SECUNDÁRIA :

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas na expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas na expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Expressão religiosa do sentimento de imortalidade simbólica
Idade (faixas etárias).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Neste caso, não parece útil sublinhar qualquer tendência existente, uma vez que o valor observado do nível de significância é praticamente igual a 1. Pode-se, então, afirmar que, para a presente amostra, não existe relação entre a idade – faixas etárias -- e o modo religioso do sentimento de imortalidade simbólica.

HIPÓTESE 6 :

H0 : Não existem diferenças significativas na expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

H1 : Existem diferenças significativas na expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

Variáveis : Expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica
Gerações (adolescentes e progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Não se observa qualquer tendência relevante entre a expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica e as gerações, porque o nível de significância encontrado é bastante elevado (no entanto, esta expressão é um pouco maior nos adolescentes comparativamente com os progenitores).

HIPÓTESE SECUNDÁRIA :

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas na expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas na expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Expressão natureza do sentimento de imortalidade simbólica
Idade (faixas etárias).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

No entanto, existe uma forte tendência para, na presente amostra, haver um menor sentimento de imortalidade simbólica, na sua expressão natureza, quanto mais elevada fôr a faixa etária.

HIPÓTESE 7 :

H0 : Não existem diferenças significativas na expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

H1 : Existem diferenças significativas na expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações.

Variáveis : Expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica
Gerações (adolescentes e progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Apesar das diferenças não serem significativas, saliente-se a existência de uma tendência para a geração mais jovem apresentar valores mais elevados do modo transcendental do sentimento de imortalidade simbólica.

HIPÓTESE SECUNDÁRIA :

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas na expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas na expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica e a idade.

Variáveis : Expressão transcendental do sentimento de imortalidade simbólica
Idade (faixas etárias).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Ainda que os sujeitos mais jovens registem valores um pouco mais elevados do modo transcendental do sentimento de imortalidade simbólica, essas diferenças não são relevantes, uma vez que parecem ser consequência do acaso.

HIPÓTESE 8 :

H0 : Não existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e o sexo.

H1 : Existem diferenças significativas entre o sentimento de imortalidade simbólica e o sexo.

Variáveis : Sentimento de imortalidade simbólica
Sexo.

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

A tendência encontrada é irrelevante para análise, uma vez que o nível de significância é excessivamente elevado.

HIPÓTESE 9 :

H0 : Não existem diferenças significativas entre a ansiedade perante a morte e a idade.

H1 : Existem diferenças significativas entre a ansiedade perante a morte e a idade.

Variáveis : Ansiedade perante a morte
Idade.

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Observa-se uma pequena tendência para a ansiedade perante a morte aumentar com a idade, ainda que essa tendência não seja significativa.

HIPÓTESES SECUNDÁRIAS :

H0 : Não existem diferenças significativas na ansiedade perante a morte entre gerações.

H1 : Existem diferenças significativas na ansiedade perante a morte entre gerações.

Variáveis : Ansiedade perante a morte

Gerações (adolescentes e progenitores).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

No entanto, regista-se uma ligeira tendência para a ansiedade perante a morte ser menor nos adolescentes comparativamente com os progenitores, embora, saliente-se, não se trata de uma correlação significativa.

H0 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, não existem diferenças significativas na ansiedade perante a morte e a idade.

H1 : Para as diferentes classes agrupadas em função da idade, existem diferenças significativas na ansiedade perante a morte e a idade.

Variáveis :Ansiedade perante a morte

Idade (faixas etárias).

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Neste caso, existe uma ligeira tendência para a ansiedade perante a morte aumentar com a idade, de acordo com as faixas etárias propostas, salientando-se, mais uma vez , que essa tendência não é significativa.

HIPÓTESE 10 :

H0 : Não existem diferenças significativas entre a ansiedade perante a morte e o sexo.

H1 : Existem diferenças significativas entre a ansiedade perante a morte e o sexo.

Variáveis : Ansiedade perante a morte
Sexo.

Como não existe uma correlação significativa entre as variáveis, aceita-se H0.

Saliente-se que a tendência encontrada para aos elementos do sexo feminino possuírem valores mais elevados de ansiedade perante a morte deve-se ao acaso, já que o nível de significância observado é excessivamente elevado.

*Um pouco mais de sol -- eu era braza,
Um pouco mais de azul -- eu era além.
Para o atingir faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...*

Mário de Sá Carneiro

XIII. DISCUSSÃO E CONTRIBUIÇÕES PESSOAIS

Este trabalho pretende ser, ainda que com todas as limitações associadas, uma breve reflexão sobre o sentimento que pode estar na base da significação da vida, da morte e do seu encadeamento : o sentimento de imortalidade simbólica.

Talvez para compreender verdadeiramente o Homem e todo o seu percurso histórico, social e pessoal seja necessário analisar-se em pormenor a sua relação com a vida e a morte, neste caso, o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte.

Saliente-se que todas as considerações feitas, quer na análise dos resultados quer no presente capítulo, são válidas apenas para a amostra abrangida neste trabalho, não sendo possível a sua generalização à população estudada uma vez que a amostra tem dimensões reduzidas.

É importante referir ainda algumas limitações metodológicas existentes, como a não presença de um grupo de controlo tratando-se, assim, de um trabalho não experimental (como já foi mencionado, pelas características deste estudo não parece viável, por razões éticas, a manipulação experimental das variáveis analisadas).

O não controlo das variáveis obtidas através das questões demográficas que não foram analisadas, bem como de outras que de alguma forma podem influenciar os resultados finais, pode constituir também outra limitação metodológica. No entanto, para que essa análise pudesse ser feita seria necessária uma amostra de

maiores dimensões, o que não foi possível em virtude de algumas barreiras técnicas e humanas.

Além destes aspectos existe um outro problema metodológico relacionado com os próprios instrumentos de medida, uma vez que as escalas de atitudes não traduzem directamente os comportamentos. Mesmo a nível dos sentimentos, ainda que os sujeitos da amostra tenham respondido com sinceridade aos questionários apresentados, as várias contingências da vida e o próprio estado de saúde física e psicológica no momento do preenchimento das escalas podem ter influenciado as respostas.

Finalmente, é fundamental lembrar que as escalas adoptadas são traduzidas e adaptadas para a população portuguesa mas não estão aferidas e, como tal, as diferenças sócio-culturais, políticas e económicas entre a população dos Estados Unidos da América e a população de Portugal podem tornar inválida essa mesma tradução e adaptação.

De qualquer forma, é possível retirarem-se algumas elacções dos resultados analisados. Esta é a proposta de trabalho para este capítulo.

Como foi enunciado na análise dos resultados, existe apenas uma correlação significativa -- a um nível de significância de 0.06 -- , entre o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte, que apresentam uma relação inversa.

Este resultado vai de encontro aos vários estudos anteriormente referidos, onde se postula que o sentimento de imortalidade simbólica funciona como uma “barreira protectora” -- uma defesa -- contra a ansiedade perante a morte,

impedindo um aumento excessivo desta última.

O tabu da morte, que é apontado por muitos estudiosos (como por exemplo, KASTENBAUM E AISENBERG, 1972; BECKER, E. 1973; LIFTON, 1974; HIRSCHMAN, 1990) como uma das características da actual sociedade ocidental, ao despertar níveis elevados de ansiedade perante a morte é, de alguma forma, mitigado através do sentimento de que continuaremos a existir mesmo após a nossa própria morte, através dos outros. É esta continuidade entre passado, presente e futuro, que permite que a vida contenha um significado, caso contrário, a existência individual não poderia romper os limites do tempo extinguindo-se com a morte.

A relação entre o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte funciona, deste modo, contra a expectativa de aniquilação total e eterna da morte, fornecendo um sentido à vida e à existência pessoal de cada um.

Ainda que não existam mais relações significativas entre as variáveis, é importante analisar-se mais detalhadamente as tendências encontradas, procurando hipóteses explicativas para elas.

Embora alguns estudiosos defendam a existência de um decréscimo do sentimento de imortalidade simbólica entre gerações, no presente trabalho regista-se um ligeiro aumento dos valores encontrados nos adolescentes comparativamente com os seus progenitores. Esta tendência observa-se sobretudo no modo natureza do sentimento de imortalidade simbólica, existindo também nas expressões biológica, religiosa e transcendental.

Ainda que o sentimento de imortalidade simbólica decresça ligeiramente com a idade, as diferenças encontradas na análise das gerações e das faixas etárias parece ocorrer apenas em consequência do acaso.

Face a este resultado, pode-se colocar a hipótese de uma menor preocupação com as escolhas a fazer e o significado da vida à medida que a idade avança, em resultado :

- talvez de uma aceitação das contingências dos acontecimentos de vida sem haver necessidade de um grande encadeamento entre os sonhos passados, o aqui-e-agora e as expectativas para o futuro;

- talvez por receio de uma análise aprofundada dos projectos e do percurso de vida de cada sujeito, como postula Erikson ser necessário na meia-idade, surge a defesa contra os “ fantasmas “ do passado evitando a todo o custo o despultar da ansiedade inerente e essencial a essa mesma auto-análise, que permitiria a elaboração de novos planos para o futuro;

- talvez ambas hipóteses em conjunto, impedindo um repensar sobre a vida e a elaboração de novos projectos para o futuro; tementes do que há-de vir permanecem, sem desejar, prisioneiros do passado.

Nos mais jovens, pode-se postular a existência de uma maior reflexão da conjugação entre passado, presente e futuro. Justamente porque a esperança de vida é maior, a morte é sentida como mais longínqua, e parece haver uma maior necessidade de um pensar mais aprofundado sobre os projectos de vida e as decisões importantes a tomar, até porque as escolhas a fazer são muitas e os objectivos a alcançar necessitam de ser bem planeados.

Em relação aos resultados encontrados para o modo biológico do sentimento de imortalidade simbólica, eles estão em oposição ao defendido pela maioria dos autores. De qualquer forma, porque a expressão biológica não se reporta apenas aos laços familiares, nos adolescentes há uma grande importância do grupo de pares, observando-se relações de solidariedade bastante fortes, e na adolescência tardia as relações de intimidade são de extrema importância, tal como já ficou referenciado neste trabalho.

É nesta fase que os jovens se encontram voltados para o mundo exterior e procuram o modo de, também eles, constituírem a sua própria família. Será que os seus progenitores, por já terem constituído os seus laços familiares e sentirem os seus filhos prestes a saírem de casa, se encontram orientados para preocupações mais pessoais ?

Na expressão criativa, não se encontram diferenças dignas de destaque; adolescentes e progenitores têm as suas próprias (in)satisfações profissionais e actividades de lazer, sem que a preocupação de transmitir algo aos outros, mesmo para além das suas vidas, varie muito de intensidade nuns e noutros -- ainda que os interesses possam, ou não, ser distintos --.

Poder-se-à colocar a hipótese de as diferenças face a esta expressão do sentimento de imortalidade simbólica, nos adolescentes e seus progenitores ser sobretudo qualitativa e não quantitativa, ou então que os interesses e valores fundamentais permaneçam basicamente os mesmos.

Tal como acontece para o modo biológico do sentimento de imortalidade simbólica, também a forma religiosa apresenta valores superiores nos adolescentes

comparativamente com os seus pais, contrariamente ao defendido pela maioria dos autores.

Pode-se, então, colocar a hipótese de existir um resurgimento da importância das instituições, particularmente a religiosa, e da tentativa de compreensão com o que acontece após a morte. Mas não se trata “ apenas “ da importância das instituições religiosas, trata-se antes de mais de uma necessidade de pensar nas crenças sobre o significado da vida e da morte e da elaboração de um projecto de vida de acordo com essas mesmas crenças.

A forte tendência para o sentimento de imortalidade simbólica ser mais elevado na sua forma natureza nos mais jovens, pode indicar maiores preocupações ecológicas nas faixas etárias mais jovens (e não tanto na relação adolescentes / progenitores).

Como foi atrás referido, esta expressão do sentimento de imortalidade simbólica parece ser a mais controversa, uma vez que enquanto que alguns autores defendem um decréscimo nas gerações mais novas, outros são de opinião que ela tem vindo a aumentar.

Pode-se colocar a hipótese que, em relação à amostra deste trabalho, face à destruição do planeta e do esgotar dos recursos naturais, o desejo de travar esta tendência parece aumentar nos mais jovens, talvez mais conscientes que para a sua própria qualidade de vida e da sobrevivência das gerações vindouras é fundamental uma maior aproximação e defesa da natureza (resta a questão de esse desejo não passar só de uma intensão ou se tem tradução a nível dos comportamentos !...).

Em relação à forma transcendental do sentimento de imortalidade simbólica, também ela é mais elevada nos adolescentes comparativamente com os seus progenitores, o que vai de encontro ao defendido pela maioria dos autores. Os mais jovens tendem a procurar mais experiências que lhes permitam vivências para além dos limites espaciais e temporais.

Como foi atrás referido, essas vivências são pessoais e de vários tipos, uma vez que o modo transcendental é, ao mesmo tempo, distinto e pode-se conjugar com as restantes expressões do sentimento de imortalidade simbólica.

Os valores registados para a ansiedade perante a morte, apesar de não serem significativos, aumentam com a idade, quer nas diferenças encontradas para a idade no seu conjunto, quer para as faixas etárias, quer para as duas gerações.

Isto confirma o que defendem a maioria dos estudiosos : à medida que o tempo passa, os sujeitos tendem a tomar consciência da finitude das suas vidas, sendo necessário um repensar sobre o significado da vida, articulando os sonhos e os projectos passados, com as contingências do presente e as expectativas e planos para o futuro.

Esta tendência para o aumento da ansiedade perante a morte pode estar também associada ao facto do sentimento de imortalidade simbólica não ter funcionado como a defesa esperada, para os mais velhos:

- talvez por alguma dificuldade, por parte dos sujeitos da amostra, em ultrapassar o luto dos sonhos perdidos, integrando-os no presente de modo a elaborar outros para o futuro;

- talvez por não serem sequer capazes de uma introspecção sobre os seus próprios projectos e o significado da vida;

- talvez por tudo isso e pelo facto de, para haver uma diminuição da ansiedade perante a morte ser necessário um pensar aprofundado sobre a morte em geral e do próprio em particular, e isso ser um tema tabu na nossa sociedade ocidental -- sociedade essa que ao mesmo tempo nega, reprime e exalta a temática da finitude da vida e do seu significado --, os seus valores tendem a aumentar ao longo da vida.

Finalmente, em relação à variável sexo, os valores encontrados não são relevantes, quer comparativamente ao sentimento de imortalidade simbólica, quer em relação à ansiedade perante a morte. Isto vai ao encontro de vários estudos efectuados que, ou também não registam quaisquer diferenças ou apresentam resultados contraditórios (KELLER, J.; SHERRY, D.; PIOTROWSKI, C. 1984; MCDONALD, R. ; HILGENDORF, W. 1986; TEMPLER, D. ; LONETTO, R. 1988; THORSON, J. POWELL, F. 1988 , entre outros).

Muito fica por esclarecer, uma vez que no final as dúvidas parecem ser ainda mais que as respostas, no entanto, é isso mesmo que contribui para a continuação do processo de investigação.

Nesta perspectiva, saliente-se a necessidade de novos estudos sobre um assunto ao mesmo tempo tão recente e tão antigo, como por exemplo :

1. Com amostras representativas da população portuguesa e de outras culturas;

2. Com outras populações, inclusive em sujeitos com patologias depressivas ou que tenham sentido uma morte próxima (por exemplo, ex-combatentes da guerra);

3. Numa abordagem longitudinal que permita compreender melhor como se podem alterar estes dois sentimentos ao longo da vida;

4. Explorando as relações eventuais entre as diferentes expressões do sentimento de imortalidade simbólica e os valores, e/ou outras variáveis que possam estar, eventualmente associadas;

5. Relacionando o sentimento de imortalidade simbólica e a ansiedade perante a morte com variáveis demográficas, como a classe social, o estado civil, as habilitações escolares, a profissão, etc;

6. A elaboração da aferição dos instrumentos de medida utilizados neste trabalho ou a construção de outros que sejam adequados às populações estudadas;

7. Etc, etc.

XIV. REFLEXÕES FINAIS

Será que para compreender a morte não será necessário assimilá-la à vida; captá-la através das metáforas da vida, adaptando-se a própria morte à vida e vice-versa? Até que ponto se poderá admitir que a " ideia " de morte é uma ideia sem conteúdo, ou cujo conteúdo é o vazio? Poder-se-á definir o que é a morte?

A morte surge como uma certeza biológica, mas se o conhecimento que se tem dela advém apenas da experiência fundada na morte dos outros, não existirão diferentes níveis de intuição do que é a morte, nomeadamente através da doença e do envelhecimento?

Como se pode concluir deste trabalho, e na opinião de vários autores, a morte encontra-se presente ao longo de cada fase da vida e em todos os sujeitos, sendo necessária uma análise aprofundada da mesma, numa época onde ela é tabu mas paradoxalmente surge cada vez mais próxima através de questões como a defesa dos direitos humanos, o aborto, a SIDA, a eutanásia, os comportamentos auto-destrutivos nomeadamente o álcool e as drogas :

- a morte é uma condição da vida e, há mesmo quem defenda que a preocupação com a finitude da vida é a característica que melhor distingue o homem dos outros seres vivos;

- ela surge em todas as estações da vida; a sua força directiva está presente desde o início da vida e acompanha-nos até ao seu final. Não existe apenas no

soldado que combate, no moribundo, na velhice ou no suicída, ela é um aspecto importante ao longo do ciclo da vida e a tentativa vã de a camuflar ou esconder pode ser prejudicial ao desenvolvimento e auto-conhecimento, até porque agora compreendemos que mesmo as crianças são capazes de ultrapassar melhor o stress causado pela perda do outro significativo através dos seus ainda que limitados conhecimentos sobre o seu significado, que envolvendo a morte num mistério fazendo-as sentir mais abandonadas;

- o medo da morte parece ser um fenómeno que se reflecte em várias outras angústias, como a de separação, de perda do objecto, e num conjunto de sintomas físicos e psíquicos, e mesmo ao nível da psicopatologia;

- o medo da morte não traduz algo unitário, ele pode ser subdividido em várias componentes, como por exemplo, o medo de punição no após vida, a perda de identidade e a solidão. Para muitas pessoas, as conotações negativas da morte estão associadas não apenas a sentimentos de expiação, isolamento e perda do self, mas também a uma pressão para enfrentar esse desconhecido com o “mínimo de dignidade”;

- o medo da morte é por si um fenómeno que poucos verbalizam e muitos tentam esquecer. Face à morte do próprio, a mente humana opera em vários níveis ou constroi diferentes significados, podendo ser cada um deles relativamente autónomo dos restantes;

- as circunstâncias que estão na base deste tabu do século XX são o próprio potencial destrutivo do planeta e da humanidade, que a torna ao mesmo tempo tão temida, distante e próxima, onde a ciência e a tecnologia parecem constituir um refúgio para o problema da morte.

Para se falar da morte urge uma análise do que é a vida. Por exemplo, para SCHELER (1962), a morte não é um mero elemento da experiência empírica; ela não constitui um " saber " baseado na formulação de conceitos particulares a partir de fenómenos empíricos que a precedem, ela é parte constitutiva de toda a experiência vital, dotando a vida de um carácter fechado - inscrito na certeza da própria morte - . Por isso mesmo, além de cada sujeito ter a sua ideia particular sobre o que é a morte, este conceito, e os sentimentos e fantasias a ele associado, variam ao longo da vida: se para a criança o presente se torna eterno e a morte distante e reversível, à medida que o sujeito cresce ela torna-se certa e perpétua, e progressivamente mais próxima.

A morte está essencialmente implicada na experiência vivencial, e se, hipoteticamente, a sua certeza fosse eliminada tornando o futuro ilimitado não mudaria radicalmente a acção de cada um no aqui e agora? A vida deixaria de surgir como uma totalidade fechada para se tornar radicalmente diferente; mas se esta atitude não se processa no concreto, talvez seja o sentimento de imortalidade simbólica uma forma de prolongar a vida conferindo-lhe um novo sentido. É a dissemetria entre o nascimento e a morte que confere uma orientação para a vida já que, limitado no tempo e no espaço, cada instante e cada acção é sempre inacabado, abarcando o sujeito uma perspectiva para o futuro através de uma continuidade com o passado.

Não existirá em cada pensamento e acção uma esperança de construção de algo que seja eterno, transpondo a morte individual? Esta é uma ideia partilhada por alguns que pensam, inclusivé, que é neste sentimento que repousa ao mesmo

tempo a compreensão do que é o Homem e a emergência do que ele será no futuro.

Mas se o tema da morte acarreta em si muitas dúvidas, o temor que parece associar-se-lhe não tem sido o mesmo ao longo da história da humanidade. O homem da Idade Média participava activamente no cerimonial que envolvia a sua própria morte; ele era o senhor da sua vida sendo a figura central da sua morte, que lhe conferia a individualidade. A partir do século XVII, deixou de exercer sózinho esta soberania partilhando-a com aqueles que lhe eram significativos, mas, progressivamente, este poder foi-lhe sendo retirado até aos dias de hoje onde surge sem quaisquer direitos, sendo estes legados ao serviço da ciência.

Muitos questionam se este movimento não estará na base de muitos distúrbios emocionais, e até mesmo de patologias mentais. De qualquer forma, o modo como cada um reage à morte parece essencial na compreensão de muitos desses problemas, não esquecendo que a própria compreensão do que é a morte e os sentimentos por ela despertados dependem de toda a história de vida e do momento particular que cada um atravessa, da forma como se relaciona com os outros e consigo próprio.

Ainda que a morte do outro surja como, uma certeza e antecipação do próprio, esta toma sempre um carácter egocêntrico enquanto finitude numa radicalidade incognoscível. Na terceira pessoa, ela converte-se numa morte abstrata e, muitas vezes, distante. Na morte do próprio é o tudo ou o nada que se questiona e, apesar de se saber certa, adquire uma dimensão solitária; em relação à morte na segunda

pessoa, ou seja do outro significativo, ela encurta a distância entre o " eu " e o " tu ", uma vez que a sua perda sente-se irreparável.

Falar de morte é também falar de vida, e vice-versa, e numa sociedade paradoxal como a nossa onde ao mesmo tempo se apela aos direitos humanos e são feitas convensões mundiais sobre uma hipotética, talvez cada vez mais real, destruição do planeta, se experimenta a desoladora e incompreensível devastidão de guerras sem fim e ensaios nucleares em nome da paz e da segurança, a morte é um tema maldito, porque implica também um pensar sobre o que é a vida.

Neste frágil equilíbrio, os apelos tornam-se cada vez mais supérflos exigindo-se acção imediata. O que deixaremos às gerações que ainda não nasceram constitui o significado do sentimento de imortalidade simbólica; se esse apelo interno, orientado para o exterior, deixar de existir, ou se tornar escasso, talvez não tenhamos mesmo nada para oferecer e a nossa imortalidade morrerá definitivamente.

Desta forma, a reflexão sobre a morte converte-se num pensar do que significa a vida para cada um em particular e para a própria espécie humana, num âmbito mais geral. Espaço e tempo anulam-se na morte, que se converte num presente instantâneo sem futuro (?).

XIV. BIBLIOGRAFIA

- ABARCA, A. (1985). " Factores psicosociales de la vida adulta ". In *Psicología Evolutiva*. Vol.III. Alianza Editorial, Madrid, pp. 201-233.

- ALFORD, F. (1992). " Greek tragedy and the place of death in life : a psychoanalytic perspective ". *Psychoanalysis and Contemporary Thought*. Vol. 15, nº 2, pp. 129 - 159.

- ALVARADO, K. ; TEMPLER, D. ; BRESLER, C. ; THOMAS-DOBSON, S. (1993). " Are death anxiety and death depression distinct entities ? ". *OMEGA*. Vol. 26, nº 2, pp. 113 - 116.

- ANTHONY, S. (1972). *The Discovery Of Death In Childhood And After*. Basic Books, New York.

- AREHARI, D.; SMITH, P. (1990). " Identity in adolescence: influences of dysfunction and psychosocial task issues ". *Journal of Youth and Adolescence*. Vol. 19, nº 1, pp. 63 - 72.

- ARIES, P. (1977). *L' Homme Devant La Maladie Et La Mort*. Editions du Seuil, Paris.

- ARIES, P. (1988). Sobre A História Da Morte No Ocidente Desde A Idade Média. Ed. Teorema, Lisboa.

- ARIES, P. (1992). O Tempo da História. Ed. Relógio d'Água, Lisboa.

- AZEVEDO, J. (1992). " Perspectivas psicossociais no estudo da identidade ". Sociologia. Série I, vol. 2, pp. ??

- BECKER, E. (1973). The Denial Of Death. The Free Press, New York.

- BINGER, C.; MALINAK, D. (1984). " Death & bereavement ". In Review of General Psychiatry. Lange Medical Publications, pp. 86 - 92.

- BOWLBY, J. (1985). Perda - Tristeza E Depressão. Ed. Martins Fontes, São Paulo.

- CHANCE, S. (1988). " The psychological functions of genealogy in the aged ". Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology. Vol. 1, nº 2, pp. 113 - 115.

- CHRISTIE, J. (1993). " Religion and group analysis: an existentional essay ". Group Analysis. Vol. 26, pp. 67 - 79.

- CLAES, M. (1990). Os Problemas da Adolescência. Ed. Verbo, São Paulo.

- COHLER, B.; CARNEY, J. (1991). " Developmental Continuities and Adjustment in Adulthood : Social Relations, Morale, and the Transformation from Middle to Late Life ". In The Course of Life. Vol.V. International Universities Press Inc. Madison, pp. 199-266

- COLEMAN, J.; HUSÉN, T. (1985). Tornar-se Adulto numa Sociedade em Mutação. Ed. Afrontamento. Porto.

- CONTE, H. ; WEINER, M. (1982). " Measuring death anxiety : conceptual, psychometric, and factor-analytic aspects ". Journal of Personality and Social Psychology. Vol. 43, nº 4, pp. 775 - 785.

- CONDE, I. (1990). " Identidade nacional e social dos jovens ". Análise Social. Vol. 25, nº 108/109, pp. 675 - 693.

- COSTA, M. (1992). Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade. Ed. ??, Porto.

- DEUTSCH, H. (1967). Problème de l'Adolescence. Petite Bibliothèque Payot. Paris.

- DE WALD, P. (1991). " Adult Phases of the Life Cycle " In The Course of Life. Vol.V. International Universities Press Inc. Madison, pp. 129-151.

- DROLET, J. (1990). “ Transcending death during early adulthood : symbolic immortality, death anxiety, and purpose in life “. Journal of Clinical Psychology. Vol. 46, nº2, pp. 148 - 160.

- ERIKSON, E. (1972). Adolescence et Crise - La Quête de l'Identité. Ed. Flammarion, Paris.

- ESMAN, A. (1991). " Mid-Adolescence : Foundations for Later Psychopathology ". In The Course of Life. Vol.IV. International Universities Press Inc. Madison, pp. 283-299.

- FAFE, J. (1993). Portugal : Meu Remorso de Todos Nós. Ed. Caminha, Lisboa.

- FALLOWFIELD, L. (1990). The Quality of Life - The Missing Measurement in Health Care. Souvenir Press Ltd, London.

- FEIFEL, H. (1990). “ Psychology and death : meaningful rediscovery “. American Psychologist. Vol. 45, nº 4, pp. 537 - 543.

- FERNANDES, A. (1992). " Perspectivas psicossociais no estudo da identidade". Sociologia. Série I, vol. 2, pp. ??

- FERNANDEZ-BALLESTEROS, R. (1985). " Hacia una vejez competente: un desafío a la ciencia y a la sociedad ". In Psicología Evolutiva. Vol.III. Alianza Editorial, Madrid, pp. 239-258.

- FIERRO, A. (1985). " Desarrollo social y de la personalidad en la adolescencia". In *Psicología Evolutiva*. Vol.III. Alianza Editorial, Madrid, pp. 95-138.

- FIGUEIREDO, E. (1988). Portugal, Os Próximos 20 Anos - Conflito de Gerações, Conflito de Valores. Vol.II. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- FIGUEIREDO, E. (1993). *Angústia Ecológica E O Futuro*. Ed. Gradiva, Lisboa.

- FLANDRIN, J. (1994). *Famílias : Parentesco, Casa e Sexualidade na Sociedade Antiga*. Ed. Estampa, Lisboa.

- FLEMING, M. (1993). *Adolescência e Autonomia - O Desenvolvimento Psicológico e a Relação com os Pais*. Ed. Afrontamento, Porto.

- FLORIAN, V.; KRAVETZ, S. (1983). " Fear of personal death : attribution, structure, and relation to religious belief ". *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 44, nº 3, pp. 600 - 607.

- FRY, P. (1990). " A factor analytic investigation of home-bound elderly individuals' concerns about death and dying, and their coping responses ". *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 46, nº 6, pp. 737 - 748.

- GESELL, A.; ILG, F.; AMES, L.; BULLIS, G. (1971). El Adolescente De 10 A 16 Anõs. Ed. Paidõs, Buenos Airés.

- GESELL, A.; ILG, F.; AMES, L.; BULLIS, G. (1977). A Criança Dos Cinco Aos Dez Anos. Publicações Dom Quixote, Lisboa.

- GOULD, R. (1991). " Transformational Tasks in Adulthood ". In The Course of Life. Vol.V. International Universities Press Inc. Madison, pp. 23-68.

- GREENE, A. (1990). " Great expectations: constructions of the life course during adolescence ". Journal of Youth and Adolescence. Vol. 19, nº 4, pp. 289 - 306.

- HIRSCHMAN, E. (1990). " Secular immortality and the american ideology of affluence ". Journal of Consumer Research. Vol. 17, nº 1, pp. 31 - 42.

- JAQUES, E. (1990). " Morte e Crise na Meia-Idade ". In Melanie Klein Hoje. Ed. Imago. Rio de Janeiro. Vol. 2, pp. 248 - 270.

- JASNOW, A. (1985). " Grief and the loss of connection ". Psychotherapy Patient. Vol. 2, nº 1, pp. 27 - 33.

- JESUÏNO, J. (1983). " Valores Finais da Juventude Portuguesa em 1983 ". In Conferência sobre a Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal. Pp. 121 - 139.

- KAPLAN, E. (1991). " Adolescentes, Age Fifteento Eighteen : A Psychoanalytic Developmental View ". In The Course of Life. Vol.IV. International Universities Press Inc. Madison, pp. 201-233.

- KAPLAN, K.; O'CONNOR, N. (1991). " From Mistrust to Trust : Through a Stage Vertically ". In The Course of Life. Vol.V. International Universities Press Inc. Madison, pp. 153-198.

- KASTENBAUM, R.; AISENBERG, R. (1976). A Psicologia da Morte. Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo.

- KELLER, J. ; SHERRY, D. ; PIOTROWSKI, C. (1984). " Perspectives on death : a developmental study ". Journal of Clinical Psychology. Vol. ?, nº 1, pp. 137 - 142.

- KIVNICK, H. (1988). " Grand parenthood, life review, and psycholosocial development. Special issue : twenty-five years of the life review " . Journal of Gerontological Social Work. Vol. 12, nº 3/4, pp. 63 - 81.

- KOSKI, K.; STEINBERG, L. (1990). " Parenting satisfaction of mothers during midlife ". Journal of Youth and Adolescence. Vol. 19, nº 5, pp. 465 - 474.

- KUBLER-ROSS, E. (1992). Sobre a Morte e o Morrer. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 5ª Edição, 1ª Edição 1981.

- LAKOFF, R.; AZIM, H. (1991). " Society's changing views on mourning: some clinical implications ". Group Analysis. Vol. 24, pp. 355 - 362.

- LESTER, D.; TEMPLER, D. (1993). " Death anxiety scales: a dialogue". OMEGA. Vol. 26, nº 4, pp. 239 - 253.

- LIFTON, R. (1974). Living and Dying. Ed. R. J. Lifton and E. Olson, Boston, New York.

- LIFTON, R. (1976). " Advocacy and corruption in the healing professions ". International Review of Psycho-Analysis. Vol. 3, pp. 385 - 398.

- LORENZ, K. (1992). Os Oito Pecados Mortais da Civilização. Litoral Edições, Lisboa.

- MATHEWS, R.; MISTER, R. (1987). " Measuring an individual's investment in the future: symbolic immortality, sensation seeking, and psychic numbness ". OMEGA - Journal of Death and Dying. Vol. 18, nº 3, pp. 161-173.

- MENDEL, G. (1981). La Crise de Générations. Ed. Petite Bibliothèque Payot. Paris. 4ª edição, 1ª edição 1969.

- NEWMAN, B.; NEWMAN, P. (1991). Development Through Life - A Psychosocial Approach. Brooks Cole Publishing Company, California.

- MIKULINCER, M.; FLORIAN, V.; TOLMACZ, R. (1990). " Attachment styles and fear of personal death : a case study of affect regulation ". Journal of Personality and Social Psychology. Vol. 58, nº 2, pp. 273 - 280.

- MCDONALD, R. ; HILGENDORF, W. (1986). " Death imagery and death anxiety ". Journal of Clinical Psychology. Vol. 42, nº 1, pp. 87 - 91.

- MORIN, E. (1976). O Homem e a Morte. Ed. Europa-América. Sintra.

- OCHSMANN, R. (1984). " Belief in afterlife as a moderator of fear of death? " European Journal of Social Psychology. Vol. 14, pp. 14 - 53.

- OFFER, D. (1991). " Adolescence Development : A Normative Perspective ". In The Course of Life. Vol.IV. International Universities Press Inc. Madison, pp. 181-199.

- ORBACH, I.; KEDEM, P.; GORCHOVER, O.; APTER , A ; TYANO, S. (1993). " Fears of death in suicidal and nonsuicidal adolescents ". Journal of Abnormal Psychology. Vol. 102, nº 4, pp. 553 - 558.

- PFEFFER, C. (1986). The Suicidal Child. Guilford Press, New York.

- RAYMOND, C.; SCHMITT, D. (1982). " Symbolic Immortality in Ordinary Contexts: impediments to the nuclear era ". OMEGA - The Journal of Death and Dying. Vol. 13, nº ??, pp. 95-116.

- SAMPAIO, D. (1992). Ninguém Morre Sozinho - O Adolescente e o Suicídio. Ed. Caminho, Lisboa.

- SHANOK, R. (1991) " Towards an Inclusive Adult Developmental Theory : Epigenesis Reconsidered ". In The Course of Life. Vol.V. International Universities Press Inc. Madison, pp. 243-259.

- SCHELER, M. (1962). Mort et Survie. Ed. Montaigne, Paris.

- SCHMITT, R. (1982). " Symbolic Immortality in Ordinary Contexts: impediments to the nuclear era ". OMEGA - The Journal of Death and Dying. Vol. 13, n° ??, pp. 95-116.

- SCHNEIDER, S. (1993). " Group-analytic psychotherapy under threat of war: the gulf crises". Group Analysis. Vol. 26, pp. 99 - 108.

- SCHWARTZBERG, S. (1993). " Struggling for meaning : how HIV- positive gay men make sense of AIDS ". Professional Psychology : Research and Practice. Vol. 24, n° 4, pp. 483 - 490.

- SEQUEIRA, F. (1992). " A propósito da síntese da identidade na adolescência" Psicologia. Vol. 8, n° 3, pp. 317 - 322.

- SOUSA, M. (1987). " O devir existencial do velho perante a morte ". Psicologia. Vol. 5, pp. 147-150.

- STEDEFORD, A. (1986). Encarando a Morte - uma abordagem do relacionamento com o paciente terminal. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre.

- TEMPLER, D. (1970). " The construction and validation of the Death Anxiety Scale ". The Journal of General Psychology. Vol. 82, pp. 165 - 177.

- TEMPLER, D. (1976). " Two factor theory of death anxiety: a note ". ESSENCE. Vol. 1, nº 12, pp. 91 - 93.

- TEMPLER, D.; LAVOIE, M.; CHALGUJIAN, H.; THOMAS-DOBSON, S. (1990). " The measurement of death depression ". Journal of Clinical Psychology. Vol. 46, nº 6, pp. 834 - 839.

- TEMPLER, D.; LONETTO, R. (1988). La Ansiedad Ante La Muerte. Ed. Zambeletti, Barcelona.

- TEMPLER, D.; RUFF, C. (1971). " Death anxiety: age, sex and parental resemblance in diverse populations ". Developmental Psychology. Vol. 4, nº 1, pp. 100 - 108.

- THORSON, J. ; POWELL, F. (1990). " Meanings of death and intrinsic religiosity ". Journal of Clinical Psychology. Vol. 46, nº 4, pp. 379 - 391.

- THORSON, J. ; POWELL, F. (1990). " Elements of death anxiety and meanings of death ". Journal of Clinical Psychology. Vol. 44, nº 5, pp. 691 - 701.

- TORRES, W. (1979). " O tabu frente ao problema da morte ". Arquivos Brasileiros de Psicologia. Vol. 31, nº 1, pp. 53-62.

- TORRES, W. (1980). " O tema da morte na psicologia infantil: uma revisão da literatura ". Arquivos Brasileiros de Psicologia. Vol. 32, nº 2, pp. 59-71.

- VAILLANT, G.; KOURY, S. (1991). " Late Midlife Development ". In The Course of Life. Vol.V. International Universities Press Inc. Madison, pp. 1-22.

- VIEYTES-SCHMITT, C. (1991). " L' adolescence - temps des passions ". Thérapie Familiale. Vol. 12, nº 2, pp. 121 - 133.

- WISOCKI, P.; AVERILL, J. (1987). " The Challenge of Bereavement ". In Handbook of Clinical Gerontology. Pergamon Press. Great Britain. Pp. 312 - 321.

- WAGNER, K. ; LORION, R. (1984). " Correlates of death anxiety in elderly persons ". Journal of Clinical Psychology. Vol. 40, nº 5, pp. 1235 - 1241.

ANEXOS

**ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE
IMORTALIDADE SIMBÓLICA**

O questionário que se segue é composto por várias frases, face às quais gostaríamos que desse a sua opinião sincera a partir de uma escala de cinco valores, onde:

- 1. concordo completamente**
- 2. concordo**
- 3. não concordo nem discordo**
- 4. discordo**
- 5. discordo completamente**

Leia atentamente cada uma dessas frases e em frente a cada uma delas escreva apenas o número correspondente à sua opção. No caso de não concordar exatamente com nenhuma das respostas que pode escolher, procure aquela que se aproxima mais da sua opinião.

Agradecemos desde já a sua colaboração, salientando que a mesma é muito importante para o nosso estudo.

- 1- O sentido da vida é determinado pelas minhas crenças religiosas
- 2- Ser praticante da minha religião assegura-me a paz eterna
- 3- É importante seguir as nossas crenças religiosas, para assegurar a realização espiritual depois da morte.....
- 4- Farei quase tudo o que fôr preciso, para assegurar que vivo a vida segundo as minhas crenças religiosas.....
- 5- É importante conduzir a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas.....
- 6- Morrer é elevarmo-nos a uma mais alta existência.....
- 7- Estar com a natureza dá uma sensação de paz e tranquilidade à minha vida.....
- 8- Existo na natureza e a natureza existe em mim.....
- 9- Fazer parte da natureza é uma ajuda importante para a minha realização espiritual.....
- 10- É importante para mim, compreender o lugar de cada um na natureza e a relação do homem com todos os seres vivos.....
- 11- A relação fundamental entre o homem e a natureza dá sentido à minha vida.....
- 12- Sinto-me ainda mais vivo quando me encontro só com a natureza.....
- 13- É importante para mim saber que, depois da minha morte, as pessoas continuarão a dar valor ou a usar as minhas ideias ou coisas que fiz.....
- 14- É importante para mim saber que o meu trabalho terá um efeito positivo sobre as pessoas que viverão depois de mim.....
- 15- É importante escrever, criar ou construir alguma coisa que ficará para além da minha morte
- 16- Muito depois da minha morte, as pessoas lembrar-se-ão que existi devido ao trabalho ou ao que realizei.....

- 17- Quando olho para atrás, é importante para mim saber que, depois da minha morte, alguns objectivos que atingi continuarão a ajudar as pessoas.....
- 18- Depois da minha morte, a minha vida continuará a ter sentido através das coisas que fiz ou criei.....
- 19- Farei quase tudo para assegurar o futuro dos meus filhos.....
- 20- Depois da minha morte, a minha vida terá sentido através dos meus filhos.....
- 21- É importante saber que os meus entes queridos e as pessoas que me eram próximas, me recordarão depois da minha morte.....
- 22- É importante saber que muitas das minhas crenças, valores e atitudes continuarão com os meus filhos.....
- 23- Para mim é importante falar aos meus filhos das gerações passadas, tornando vias as lembranças dos meus antepassados.....
- 24- É importante para mim ter filhos para assegurar a continuidade da família.....
- 25- Farei quase tudo o que me fôr agradável ou excitante.....
- 26- É importante para mim viver a vida ao máximo, aproveitando todas as oportunidades.....
- 27- Dado que a vida é tão curta, é importante aproveitar ao máximo tudo o que é agradável e excitante.....
- 28- Quando olho para trás, é importante para mim saber que vivi quase tudo o que a vida tem para dar.....
- 29- O que dá sentido à vida são algumas das boas experiências que tive.....
- 30- Uma vida rica e cheia, é uma vida que capta muitos sentidos diferentes e que reúne uma grande variedade de experiências.....

ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE
ANSIEDADE PERANTE A MORTE

Face às frases que se seguem, assinale nos quadrados correspondentes se:

1. concordo

2. discordo

- 31- Tenho muito medo de morrer.....
- 32- Raramente me vem à cabeça a ideia de morte.....
- 33- Não fico nervoso quando as pessoas falam da morte.....
- 34- Horroriza-me pensar que poderei vir a ser operado.....
- 35- Não tenho medo nenhum de morrer.....
- 36- Não estou especialmente temeroso de vir a ter um cancro.....
- 37- A ideia de morte nunca me perturba.....
- 38- Muitas vezes sinto-me mal quando o tempo passa depressa.....
- 39- Tenho medo de vir a ter uma morte dolorosa.....
- 40- O tema da vida para além da morte preocupa-me muito.....
- 41- Assusta-me vir a ter um ataque cardíaco.....
- 42- Frequentemente penso que a vida é realmente muito curta.....
- 43- Fico perturbado quando as pessoas falam da Terceira Guerra Mundial.....
- 44- Horroriza-me ver um cadáver.....
- 45- Penso que o Futuro não me trará nada que eu receie.....

QUESTÕES DEMOGRÁFICAS

Finalmente precisamos que nos forneça dados sobre a sua situação de vida.

Circunde a resposta que corresponde à sua situação ou inscreva a sua situação no espaço em branco.

46. Idade (anos completos) _____

47. Sexo:

1. masculino
2. feminino

48. Estudante do _____ ° ano

49. Estado civil:

1. solteiro(a)
2. casado(a)
3. vivendo com companheiro(a)
4. divorciado(a)
5. separado(a)
6. _____

50. Responda:

1. tem pai e mãe vivos
2. só tem pai vivo
3. só tem mãe viva
4. não tem pai nem mãe vivos
5. _____

51. Se tem pai e mãe vivos:

1. os seus pais vivem juntos
2. os seu pais vivem separados
3. _____

52. Com quem vive (a maior parte do tempo):

1. só
2. com companheiro(a)
3. com outros jovens (lar, residência, etc)
4. com os pais (pai e/ou mãe)
5. com outros familiares
6. _____

53. Qual a sua situação financeira:

1. tem ordenado fixo
2. faz alguns trabalhos que lhe rendem dinheiro
3. recebe uma mesada (quantia fixa) dada pelos pais ou outros
4. recebe bolsa de estudo de um organismo oficial ou particular
5. não recebe nenhuma quantia fixa para fazer face a despesas próprias
6. _____

54. Com quem viveu a maior parte da sua infância (até aos 10 anos de idade):

1. com os pais (com ou sem outras pessoas)
2. com outros familiares (sem os pais)
3. em internato
4. _____

Nas cinco perguntas que se seguem, pretendemos que classifique a posição da sua família de origem (pais).

Refira-se nas cinco perguntas à pessoa (pai ou mãe) que exerce (exerceu no caso de já ter morrido) a profissão de nível mais elevado.

55. Profissão:

1. quadro superior da Administração Pública ou privada; especialistas das profissões científicas ou técnicas, liberais ou similares; proprietário agrícola de grandes dimensões.
2. empregado de escritório em posição de chefia; operário altamente qualificado; trabalhador especializado; rendeiro de propriedade agrícola de que não é proprietário; proprietário agrícola de propriedade de dimensão média empregando outros trabalhadores.
3. profissional artista trabalhando por conta própria em oficina de dimensões reduzidas; agricultor proprietário de exploração de dimensão familiar.
4. empregado de escritório; funcionário (subordinados em geral); trabalhador agrícola por conta de outrem.
5. pessoal auxiliar; ajudante; jornaleiro.
6. _____

56. Nível de instrução:

1. diploma de ensino universitário ou equivalente (curso superior).
2. diploma de curso técnico ou profissional (curso médio).
3. diploma de ensino secundário, liceal, comercial ou industrial.
4. ensino primário completo (ensino básico).
5. ensino primário incompleto ou nulo.
6. _____

57. Fontes de rendimento:

1. vive principalmente de rendimentos de bens que possui ou do rendimento da actividade liberal exercida.
2. vive principalmente de vencimento mensal fixo tipo funcionário.
3. vive de vencimento mensal de pessoas com quem vive: não tem rendimentos próprios.
4. vive principalmente de salários irregulares, remuneração semanal, à tarefa ou à hora.
5. é principalmente sustentado pela segurança social (pensões de reforma, invalidez, etc).
6. _____

58. Conforto do alojamento:

1. casas ou andares luxuosos e muitos grandes oferecendo aos seus moradores o máximo conforto.
2. categoria intermédia: casas ou andares que, sem serem tão luxuosos como os da categoria precedente, são, não obstante, espaçosos e confortáveis.
3. casas ou andares modestos, bem construídos e em bom estado de conservação, bem iluminados e arejados, com cozinha e casa de banho (ex. Bairro Camarário).
4. categoria intermédia entre 3 a 5 (casa em bom estado de conservação mas sem quarto de banho dentro de casa, ou de construção clandestina).
5. alojamentos impróprios para uma vida decente, choças, barracas ou andares desprovidos de todo o conforto, ventilação, iluminação ou também aqueles onde moram demasiadas pessoas em promiscuidade, nomeadamente qualquer habitação em que o quarto de banho não sirva só o agregado familiar.
6. _____

59. Aspecto do bairro onde vive:

1. bairro residencial elegante onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados.
2. bairro residencial bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas.
3. ruas comerciais ou estreitas e antigas com casas de aspecto geral menos confortável ou bairro de construção económica com água, luz e saneamento.
4. construção razoável mas sem água, ou luz ou saneamento.
5. zona degradada.
6. _____

OBRIGADO!